

PRODUÇÃO ACADÊMICA EM RECURSOS HUMANOS NA DÉCADA DE 90: UMA ANÁLISE METATEÓRICA DA PESQUISA BRASILEIRA EM PERIÓDICOS E NOS ANAIS DO ENANPAD

Maria José Tonelli e Miguel Pinto Caldas

INTRODUÇÃO

O crescimento da produção acadêmica em Administração no Brasil desde 1980 tem incentivado muitos balanços críticos recentemente, como os realizados em Organizações, Marketing, Administração da Informação e Administração Pública. Os dois projetos apresentados aqui fazem um balanço da produção em Recursos Humanos na década de 90, publicada nos periódicos científicos brasileiros (RAUSP, RAP, RAE e RAC) e nos anais dos Enanpads.

Os relatórios levantam e analisam temática, base epistemológica, orientação metodológica e demografia de autoria de todos os 290 apresentados nos Enanpads (Parte I) e 127 artigos publicados nos periódicos (Parte II) entre 1991 e 2000.

Os resultados indicam que, embora tenha aumentado significativamente em volume, o perfil acadêmico de RH no Brasil é preocupante: seu escopo temático é contestado pelo recente crescimento e autonomia do campo de comportamento organizacional; a área tem base epistemológica eminentemente funcionalista; sua base metodológica é frágil, predominando estudos de caso tipicamente ilustrativos de teoria consolidada (ou seja, sem maior pretensão de indução ou criação de teoria); e a área tem baixa diversidade de origem: mais de 65% da produção vem de apenas 7 programas de pós-graduação.

A apresentação desses resultados está dividida da seguinte forma: na Parte I é apresentado o relatório de pesquisa referente aos artigos publicados nos anais dos Enanpads no período, na Parte II, é apresentado o relatório de pesquisa referente aos periódicos científicos brasileiros (RAUSP, RAP, RAE e RAC). Além disso, apresentamos ao final (Parte III), uma comparação dos dados obtidos a partir da análise dos dois relatórios.

ÍNDICE

PARTE I.....	4
I. INTRODUÇÃO.....	10
II. A POPULARIZAÇÃO DO ESPELHO: A ONDA DE BALANÇOS SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ADMINISTRAÇÃO NOS ANOS 90	11
2. A Onda de Balanços Críticos Sobre a Produção Acadêmica em Administração	12
2.1 Balanços por área temática	12
2.2 Balanços por corte específico	14
2.3 A Produção Acadêmica Brasileira em Recursos Humanos	17
III. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	19
IV. RESULTADOS OBTIDOS	24
4. A produção em RH nos anais do enanpad na década de 90	24
4.1 A temática da produção científica em RH nos Enanpads na década de 90	27
4.2 A base epistemológica da produção científica em RH nos anais do Enanpad na década de 90	31
4.3 O perfil metodológico da produção científica em RH nos anais do Enanpad na década de 90	34
4.4 Análise de referências bibliográficas	49
4.5. Demografia de Autoria	62
V. CONCLUSÃO: RH ATRAVÉS E ALÉM DO ESPELHO.....	63
VI. BIBLIOGRAFIA	64
 PARTE II	68
I. INTRODUÇÃO.....	70
II. BALANÇOS CRÍTICOS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA EM ADMINISTRAÇÃO.....	72
III. A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA EM RECURSOS HUMANOS.....	74
IV. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	76
V. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	82
5. A produção científica em RH nos anais do enanpad na década de 1990	82
5.1 A temática da produção em RH em periódicos	85
5.2 Base epistemológica da produção em RH	88
5.3 O perfil metodológico da produção em RH nos periódicos na década de 90.....	91
5.4 Referências Bibliográficas	109
5. 5. Demografia de autoria	122
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
PARTE III.....	133
I. A PRODUÇÃO EM RH.....	133
II. A TEMÁTICA DA PRODUÇÃO	136
III – BASE EPISTEMOLÓGICA DA PRODUÇÃO.....	139
IV. O PERFIL METODOLÓGICO DA PRODUÇÃO.....	143
V. ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS.....	151
VI. DEMOGRAFIA DE AUTORIA	155
VII. CONCLUSÃO	159

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Evolução do número de Artigos Apresentados nos Enanpads.....	26
Figura 2. Evolução anual da participação da área de RH no total de artigos apresentados nos Enanpads.....	26
Figura 3. Participação da área de RH no total de artigos apresentados nos Enanpads (1991-2000).....	26
Figura 4. Perfil dos temas abordados na área de RH nos Enanpads.....	29
Figura 5. Perfil temático da área de RH nos Enanpads na década de 90.....	29
Figura 6. Relação dos principais sub-temas abordados em RH nos Enanpads	30
Figura 7. Perfil da Base Epistemológica da produção científica em RH apresentada nos Enanpads	33
Figura 8. Perfil da Base Epistemológica da Produção Científica em RH apresentada nos Enanpads	33
Figura 9. Perfil temático da base epistemológica	33
Figura 10. Fases da análise do Perfil Metodológico dos artigos publicados	34
Figura 11. Perfil da Abordagem Metodológica adotada pelos artigos apresentados na área de RH nos Enanpads.....	41
Figura 12. Evolução anual do perfil metodológico adotado.....	41
Figura 13 . Perfil Metodológico do total dos artigos apresentados em RH nos Enanpads na década de 90	41
Figura 14. Perfil Anual dos trabalhos teóricos apresentados nos Enanpads.....	42
Figura 15. Perfil Anual dos trabalhos teórico-empíricos e empíricos apresentados nos Enanpads	42
Figura 16. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos qualitativos	43

Figura 17. Evolução anual da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos qualitativos	43
Figura 18. Metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos qualitativos	43
Figura 19. Classificação da metodologia utilizada pelos estudos de caso qualitativos	45
Figura 20. Classificação dos Estudos de Caso qualitativos	45
Figura 21. Sub-classificação dos Estudos de Caso qualitativos	45
Figura 22. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos quantitativos	47
Figura 23. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos mistos (quali/quantitativo).....	47
Figura 24. Classificação dos artigos mistos (quali/quantitativo) – metodologia utilizada pelos estudos de caso.....	48
Figura 25. Etapas da análise das Referências Bibliográficas apresentadas nos artigos analisados	49
Figura 26. Referências Bibliográficas quanto ao tipo e origem da fonte	58
Figura 27. Evolução da média das citações por artigo.....	58
Figura 28. Fonte de origem dos artigos referenciados.....	58
Figura 29. Evolução anual da utilização de artigos	59
Figura 30. Periódicos Nacionais e Internacionais mais citados.....	60
Figura 31. Congressos mais citados.....	60
Figura 32. Artigos de outros periódicos mais citados.....	61
Figura 33. Artigos de outras fontes – as mais citadas.....	61
Figura 34. Autores que mais publicaram em RH nos Enanpads nos anos 90.....	62
Figura 35. Instituições de Origem dos Autores – Programas que Mais Apresentaram Trabalhos na Área no Período.....	62
Figura 36. Evolução do número de artigos publicados nos periódicos - RH vs. Total	84
Figura 37. Publicações em RH por periódico a cada ano	84
Figura 38. Participação dos periódicos na publicação em RH	84
Figura 39. Perfil dos temas abordados na área de RH nos periódicos na década de 90 ...	86
Figura 40. Perfil temático da área de RH nos periódicos	87
Figura 41. Evolução anual dos temas abordados pelos artigos de RH nos periódicos.....	87
Figura 42. Sub-temas explorados nos artigos de RH publicados nos periódicos	87
Figura 43. Perfil da Base Epistemológica da produção em RH publicada nos periódicos	89
Figura 44. Perfil da base epistemológica dos artigos de RH	90
Figura 45. Perfil da base epistemológica por periódico.....	90
Figura 46. Perfil anual da base epistemológica dos artigos de RH.....	90

Figura 47. Perfil da abordagem metodológica utilizada pelos artigos publicados em RH nos periódicos	95
Figura 48. Perfil anual dos trabalhos teóricos publicados nos periódicos	97
Figura 49. Perfil anual dos artigos teórico-empíricos e empíricos publicados nos periódicos	98
Figura 50. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos qualitativos*	99
Figura 51. Classificação da metodologia utilizada pelos estudos de caso qualitativos ..	101
Figura 52. Classificação dos artigos teórico-empíricos quantitativos	103
Figura 53. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos mistos (quali/quant)	105
Figura 54. Classificação dos artigos quali/quant – estudos de caso	107
Figura 55. Referências Bibliográficas quanto à fonte e à nacionalidade	114
Figura 56. Perfil das referências bibliográficas quanto à fonte e à nacionalidade	114
Figura 57. Perfil de citações por periódico	114
Figura 58. Evolução da utilização de citações nos artigos de RH publicados nos periódicos	115
Figura 59. Evolução anual das citações por periódico	116
Figura 60. Evolução da média de citações por artigo por periódico	116
Figura 61. Evolução anual das citações a cada fonte por periódico	117
Figura 62. Classificação dos artigos referenciados nos periódicos por fonte e origem ..	117
Figura 63. Evolução anual dos tipos de artigos utilizados nas referências	118
Figura 64. Evolução anual dos tipos de artigos utilizados nas referências	118
Figura 65. Evolução anual do tipo de artigo citado por periódico pesquisado	119
Figura 66. Periódicos mais citados: geral, nacionais e internacionais	120
Figura 67. Congressos mais citados nos periódicos	121
Figura 68. Artigos de outras fontes: as fontes mais citadas	121
Figura 69. Outros mais citados	121
Figura 70. Autores de RH que mais publicaram em periódicos na década de 90	124
Figura 71. Autores que mais publicaram em cada periódico	124
Figura 72. Instituições que mais publicaram em RH (em periódicos) na década de 90 ..	124
Figura 73. Instituições de origem dos autores por periódico	125
Figura 74. Evolução total da publicação acadêmica no Brasil na década de 90	135
Figura 75. Evolução da produção acadêmica em RH na década de 90	135
Figura 76. Participação de RH no total da produção nacional	135
Figura 77. Temática da produção nacional em RH	137
Figura 78. Evolução anual da temática abordada em RH	137
Figura 79. Sub-temas abordados na produção acadêmica em RH na década de 90	138
Figura 80. Base Epistemológica da produção em RH no Brasil	141

Figura 81. Perfil da base epistemológica utilizada pelos artigos de RH por publicação	141
Figura 82. Perfil metodológico utilizado por publicação.....	147
Figura 83. Classificação dos trabalhos teóricos.....	147
Figura 84. Classificação dos artigos empíricos e teórico-empíricos	147
Figura 85. Classificação dos artigos qualitativos.....	149
Figura 86. Estudos de Caso.....	149
Figura 87. Classificação dos artigos quantitativos.....	150
Figura 88. Classificação dos artigos mistos (quali/ quanti)	150
Figura 89. Referências Bibliográficas.....	153
Figura 90. Origem dos artigos citados	153
Figura 91. Periódicos mais citados	153
Figura 92. Congressos mais citados.....	154
Figura 93. Artigos de outros: fontes mais citadas.....	154
Figura 94. Outros mais citados	154
Figura 95. Instituição de autoria	158
Figura 96. Demografia de autoria	158

PARTE I

RESUMO

Nos últimos anos, a academia brasileira de administração tem se voltado para si própria em uma análise crítica retrospectiva que busca indagar se, além do evidente crescimento quantitativo, a produção acadêmica na área cresceu também em qualidade, rigor, relevância e originalidade. Nas áreas pesquisadas até o momento, o campo parece não estar satisfeito com a imagem que o espelho lhe mostra. A área de Recursos Humanos foi uma das poucas que ainda não conduziram um balanço abrangente de sua produção. Este trabalho procura justamente preencher essa lacuna, a partir do estudo dos artigos aceitos na área nos Enanpads da década de 1990 (1991-2000), e tem por objeto de análise a temática, a base epistemológica, a metodologia, o padrão de referência bibliográfica e demografia de autoria, dos 290 artigos publicados nos anais do Encontro, no período referido.

PALAVRAS-CHAVE

Recursos Humanos, Produção Acadêmica, Metodologia.

ABSTRACT

In the last few years, the Brazilian Academy in the field of management and business administration has entered a introspective phase, engaging in a critical introspective analysis of its output aimed at finding out whether the obvious quantitative growth has been followed by a similar growth in quality, rigor, relevance, and originality. So far, the field doesn't seem happy with the image the mirror is projecting. The area of Human Resources was one of the few that haven't conducted a thorough review of its scholarly production so far. This research project

is precisely aiming at filling such gap, analyzing the accepted papers in this area during the Enanpad of the 1990s, focusing the assessment on the themes, epistemology, methodology, pattern of bibliography citation and authorship.

KEY WORDS

Human Resources, Academic Production, Methodology.

PRODUÇÃO ACADÊMICA EM RECURSOS HUMANOS NO BRASIL DA DÉCADA DE 90 – A PARTIR DOS ANAIS DO ENANPAD

Miguel Pinto Caldas

Tatiana Tinoco

I. INTRODUÇÃO

Durante a década de 1990, o campo da produção científica em Administração parece ter se voltado para si próprio, em uma análise crítica retrospectiva que, no final das contas, procura indagar se, além do evidente crescimento quantitativo, a produção acadêmica brasileira na área cresceu também em qualidade, rigor, relevância e originalidade. Meta-estudos com essa finalidade surgiram e se multiplicaram principalmente em Organizações, Marketing, Sistemas de Informação, Administração Pública e Produção, buscando analisar as mais diversas dimensões da produção científica em cada uma dessas áreas. Até agora, o campo parece não estar muito satisfeito com a imagem que o espelho lhe mostrou.

Algumas áreas de conhecimento em Administração, no entanto, ainda não conduziram um balanço abrangente de sua produção, como é mais notadamente o caso das áreas de Finanças¹ e de Recursos Humanos. O objetivo desta pesquisa foi justamente preencher esta lacuna na área de Recursos Humanos: o trabalho constitui um meta-estudo dos artigos aceitos na área de nos Enanpads durante a década de 1990 (1991-2000), abrangendo a análise da temática, base epistemológica,

¹ No momento de finalização deste relatório, foi publicado na RAE v.43, n. 1, um artigo de Ricardo P. Câmara Leal, Jefferson de Oliveira e Aline Feldman Soluri, com o título: “*Perfil da pesquisa em Finanças no Brasil*”, que justamente supre parte desta lacuna.

metodologia, padrão de referência bibliográfica e demografia de autoria dos 290 artigos publicados.

À semelhança do que ocorreu em outras áreas de Administração já cobertas em outros meta-estudos, a presente investigação apresenta uma imagem reveladora, embora por vezes preocupante, da produção acadêmica em Recursos Humanos no período: uma área de pesquisa que cresceu mais em volume do que na qualidade, que apresenta temática diluída e fronteira disputada, que é, em sua maioria, funcionalista e empiricista, metodologicamente questionável, com predominância de pesquisa qualitativa sem maior pretensão indutiva, de inspiração estrangeira, e por fim, concentrada na origem por um conjunto extremamente limitado de autores e programas (sendo que, em geral, a qualidade da produção acompanha essa concentração: a pesquisa consistente e rigorosa tipicamente é advinda do mesmo conjunto de pesquisadores, ou de trabalhos isolados de maior consistência).

O relatório da pesquisa (Parte I) está dividido da seguinte forma: na segunda parte, revisamos os balanços da produção científica em administração que foram feitos na década de 90 nas diversas áreas de Administração; na terceira parte apresentamos a metodologia deste meta-estudo e os critérios usados na categorização das variáveis analisadas; na quarta parte são apresentados e discutidos os resultados obtidos, focando a análise nos perfis temático, epistemológico, metodológico, no mapeamento das referências bibliográficas utilizadas e no delineamento da autoria dos artigos no período; e por fim, na última parte, são sumarizadas as conclusões e contribuições do meta-estudo.

II. A POPULARIZAÇÃO DO ESPELHO: A ONDA DE BALANÇOS SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ADMINISTRAÇÃO NOS ANOS 90

Tem crescido visivelmente nos últimos anos o interesse na reflexão e no balanço crítico da produção científica em administração no Brasil. A literatura que foi

acumulada nos últimos anos com esse objetivo é significativa e surgiu, especialmente a partir de 1990, abrangendo múltiplas dimensões e variáveis de análise em quase todas as áreas da Administração. A seguir revisamos rapidamente os principais estudos e meta-estudos desse tipo realizados em diversas áreas de Administração, para em seguida concentrar a discussão no campo de Recursos Humanos, no qual, até o início do presente estudo, esse tipo de balanço ainda não tinha sido realizado.

2. A ONDA DE BALANÇOS CRÍTICOS SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM ADMINISTRAÇÃO

A maior densidade de balanços e meta-estudos sobre produção científica em administração no Brasil é relativamente recente, tendo sido iniciada na segunda metade da década de 1980.

2.1 Balanços por área temática

Boa parte desses trabalhos é feita analisando uma área temática específica do campo, linha essa que parece ter se difundido a partir da popularização de meta-estudos na área de Organizações (MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI, 1990), para depois se repetir nas áreas de Marketing (VIEIRA, 1998, 1999, 2000; PERIN *et al.*, 2000; MACERA e BOTELHO, 2000), de Sistemas de Informação (HOPPEN *et al.*, 1998), de Estratégia (BIGNETTI e PAIVA, 1997), de Administração Pública (KEINERT, 2000) etc.

Nessa linha, o trabalho de MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI (1990), um dos pioneiros neste tipo de propósito, mostra a partir da avaliação de artigos publicados na área de Organizações em vários periódicos nacionais, que durante o período de 1985 a 1989 ocorreu um aumento na quantidade de artigos, mas não se observou uma mudança considerável na qualidade da produção acadêmica naquela

área. A maioria dos trabalhos era feita com base no paradigma funcionalista e, em vez da esperada inclinação teórica, comum às Ciências Humanas, a maioria dos artigos era empiricista e tinha orientação predominantemente prescritiva.

A área de marketing também foi profícua nesse tipo de trabalhos. VIEIRA (1998, 1999, 2000) faz uma trilogia procurando fazer um amplo balanço da produção científica naquela área. No trabalho de 1998, por exemplo, VIEIRA apresenta uma avaliação dos artigos publicados nos Anais do Enanpad, durante a década de 90, na área de Marketing. O autor mostrou que os temas pesquisados estavam voltados para Comportamento do Consumidor, Estratégia de Mercado, Marketing de Serviços e Sistema de Informação de Pesquisa em Marketing. Os resultados apontaram também que a produção acadêmica desta área concentra-se na UFRGS, na USP e na UFRJ. Os autores pesquisados utilizam mais livros do que periódicos em seus trabalhos, mas quando usam periódicos estes são internacionais. Em continuidade a este trabalho, em 2000, o autor traça um panorama sobre aspectos qualitativos do pesquisador e da área de Marketing: o pesquisador é, predominantemente do sexo masculino, com mais de 15 anos de experiência. Ainda que a produção naquela área tenha crescido, adverte VIEIRA (2000), ela continuaria insuficiente e principiante. Além disso, seja na utilização de abordagens qualitativas seja na quantitativa, os artigos teriam, segundo esse autor, um caráter predominantemente “pragmático”.

Ainda em Marketing, PERIN et al. (2000), a partir da análise de pesquisas empíricas do tipo *survey* publicadas na década de 90 nos anais dos Enanpad, mostraram que a produção daquela área teria qualidade, no mínimo, questionável. Para isso, avaliaram natureza da pesquisa, embasamento conceitual e questão de pesquisa, desenho de pesquisa, instrumento de medida e coleta de dados, confiabilidade e validade dos construtos, tipos de análise dos dados empregados e apresentação dos resultados.

E em mais um trabalho desse tipo na área de Marketing, o artigo de BOTELHO E MACERA (2001) mostra, a partir da análise de teses e dissertações publicadas na EAESP-FGV, no período de 1974 a 1999, que a área se caracteriza pela ausência de uma avaliação meta-teórica. As autoras examinaram esses trabalhos, de acordo com

os critérios de sintaxe (estrutura e especificação), semântica (verificabilidade e suporte empírico) e pragmatismo (riqueza e simplicidade). Os resultados obtidos mostraram que os critérios riqueza, especificação e suporte empírico foram fracamente contemplados e que simplicidade, estrutura e verificabilidade foram os mais fortemente observados.

Na área de Administração da Informação, o trabalho de HOPPEN et al. (1998) analisa 163 artigos publicados em revistas científicas, no período entre 1990 e 1997. Os autores mostram que 41% dos trabalhos são ensaios; dos trabalhos empíricos, 72% são do tipo *survey*, mas nos dois tipos de caso, dizem os autores, sejam os estudos qualitativos ou quantitativos, a qualidade é baixa.

Uma avaliação da produção acadêmica em Administração Pública foi realizada por KEINERT (2000). A autora avaliou os artigos publicados em dois periódicos: Revista do Serviço Público e Revista de Administração Pública, para o período compreendido entre 1937 e 1997. A análise dos artigos mostrou que nos anos 30 a discussão era mais tecnicista, unicista e autoritária do que nos anos 90, quando a autora percebe emergir um novo modelo, que é caracterizada por uma Administração Pública voltada para a discussão do que chama de interesses públicos.

2.2 Balanços por corte específico

Seja para uma área ou para várias ao mesmo tempo, alguns outros estudos focaram em aspectos específicos, tais como o mapeamento de perfis epistemológicos, metodológicos, tipo e origem de referência bibliográfica etc.

Neste grupo de cortes específicos, um primeiro subgrupo de meta-estudos analisa perfis epistemológicos. BERTERO e KEINERT (1994), por exemplo, analisaram artigos publicados na Revista de Administração de Empresas (RAE), no período de 1961 a 1993, com o objetivo de avaliar a evolução da Análise Organizacional no

Brasil. Os autores constataram que a produção acadêmica nessa área reproduzia os temas da produção norte-americana, o que mostraria nossa condição de consumidores e não de produtores originais no campo. Ao contrário do estudo de MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI (1990), a pesquisa de BERTERO e KEINERT (1994) aponta para artigos predominantemente acadêmicos tanto na temática como no estilo, ou seja, “centrando-se em reflexão, crítica e elaboração teórica” (p. 89). Segundo os autores, não haveria interesse sobre a aplicabilidade ou a prática; além disso, de acordo com esse estudo, não há preocupação em transpor diretamente os conceitos para a realidade brasileira, ou uma análise que incluía aspectos específicos da nossa realidade. Os autores observaram também que a base epistemológica é fundamentalmente funcionalista.

Ainda nesse subgrupo de meta-estudos de perfis epistemológicos, CARRIERI e LUZ (1998) avaliaram 50 dissertações de Mestrado nas áreas de Sociologia, Ciência Política, Administração, Educação e Economia /Demografia, na UFMG. Os autores examinaram os temas, a problemática da pesquisa, o referencial teórico, o referencial metodológico bem como os autores mais citados. As conclusões mais importantes do trabalho: 34% das dissertações utilizam dois ou mais paradigmas simultaneamente, sendo que o *Estruturalista Radical* aparece em maior número e está presente em todas as áreas; 54% das dissertações apresentam algum capítulo sobre metodologia e, no tocante a este aspecto, predominam trabalhos qualitativos, que se utilizaram de entrevistas semi-estruturadas. Ao comparar a área de Administração com as demais áreas, os autores observaram que tanto quanto nesses outros campos como em Administração os trabalhos são predominantemente qualitativos. E, de modo também similar aos demais campos, em Administração, quando o enfoque é quantitativo, a abordagem é tipicamente funcionalista.

Nessa linha de cortes específicos, no grupo de meta-estudos de perfis metodológicos, MARTINS (1997) pesquisou as abordagens metodológicas das teses e dissertações produzidas entre 1980 e 1993, em três programas de pós-graduação em Administração (FEA-USP, EAESP-FGV e FEA-PUC). O autor mostra que predominam “as abordagens empírico-analíticas – empiricista, positivista, sistêmica e funcionalista – que correspondem a 68,5% da produção” (MARTINS, 1997, p.

10). Abordagens de base fenomenológica-hermenêutica e crítico-dialética aparecem apenas em 18,5% dos artigos. Uma observação relevante do estudo é que não foram encontradas referências a livros e/ ou manuais de Metodologia Científica em 58% dos trabalhos pesquisados.

Um outro subgrupo de trabalhos nessa vertente de cortes específicos que se popularizou no campo foi o de análise de referências bibliográficas. Por exemplo, VERGARA e CARVALHO JR (1995) apresentaram um artigo em que o foco de análise recaía sobre a nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações, para evidenciar tendências, preferências e metodologias que tais escolhas poderiam indicar. Os resultados mostraram que os autores brasileiros naquela área usam preferencialmente livros e artigos estrangeiros, americanos e ingleses; e, quando se trata de periódicos, a predominância é de revistas norte-americanas. As referências aos próprios autores brasileiros é minoria. Todos esses dados levaram os autores a concluir “que não se desenvolveu no Brasil uma análise organizacional própria, brasileira..” (VERGARA e CARVALHO JR, 1995, p. 187), e a levantar a necessidade de adequação dos conteúdos importados e de se olhar com mais atenção a realidade do país. Cinco anos depois, VERGARA e PINTO (2000) atualizaram e expandiram o meta-estudo inicial, chegando a conclusões semelhantes: as referências naquela área ainda eram predominantemente norte-americanas; no entanto, essa segunda edição do meta-estudo ressalta, positivamente, o aumento do número de autores nacionais referenciados (40%).

Em linha similar, e ainda na área de Estudos Organizacionais, o trabalho de RODRIGUES e CARRIERI (2000) traça um panorama da evolução dos estudos organizacionais no país, mostrando os temas mais importantes publicados em periódicos como RAC, RAE, RAUSP, RAP e anais do Enanpad, enfatizando nos resultados obtidos a profunda influência que a área sofre da tradição anglo-saxônica.

De uma forma geral, o balanço feito na produção científica do campo de administração mostra até o momento de fato um quadro preocupante, de uma área de pesquisa que cresceu mais em volume do que em qualidade. A julgar por estes meta-estudos, nossa produção é “periférica, epistemologicamente falha,

metodologicamente deficiente, sem originalidade e prática, em grande escala, mimetismo mal informado” (BERTERO, CALDAS e WOOD, 1999). Pode-se indagar: aconteceria o mesmo em RH?

2.3 A Produção Acadêmica Brasileira em Recursos Humanos

Apesar dessa prática de fazer balanços críticos retrospectivos ter-se difundido na maior parte das áreas e dimensões da pesquisa científica em Administração na última década, algumas áreas ainda não arriscaram fazer levantamentos mais estruturados ou abrangentes. Até o início do presente estudo era o caso, por exemplo, das áreas de Finanças e de Recursos Humanos.

A produção acadêmica na área de Recursos Humanos é recente no Brasil. Até a década de 80, a pesquisa era escassa e pontual, sendo quase toda a literatura “importada” e, portanto, não representativa dos problemas da nossa realidade. A partir dos anos 1980, devido em parte à maior visibilidade que Recursos Humanos ganha no contexto internacional e à criação da área temática no Enanpad – Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração – em 1982, parece surgir um crescente interesse da academia pela área e os temas a ela relacionados.

A despeito de um crescimento no volume de pesquisa significativo e da difusão de balanços críticos e meta-estudos nas demais áreas, até 2002 a área de RH ainda não tinha feito um levantamento exaustivo de sua produção científica, embora dois estudos (SIQUEIRA, 1988; ROESCH, ANTUNES e SILVA, 1997) tenham procurado iniciar e incentivar esse tipo de levantamento.

Em seu estudo pioneiro da área, SIQUEIRA (1988) faz um levantamento inicial sobre a produção nos primeiros cinco anos da área no Enanpad: de 1982 a 1987. A autora mostra que, para o período analisado, há um crescimento em volume de trabalhos e sugere que o crescimento da administração de RH no Brasil estaria

ligado ao desenvolvimento industrial do país. Foi esse mesmo processo que teria levado ao aumento dos cursos de pós-graduação em Administração no Brasil e à criação da Anpad e do Enanpad. Os artigos foram classificados por SIQUEIRA em duas categorias: técnicos/descritivos ou analíticos, e os resultados mostraram que havia um equilíbrio entre os dois tipos (47,8% e 52,2% respectivamente). A autora avaliou também as temáticas dos artigos da amostra. Embora com alguma variação ao longo dos anos, os resultados mostraram que tecnologia e RH (20,5%), negociações coletivas e sindicalismo (14,5%), políticas de RH (14,5%) e compensação (11,6%) foram os sub-temas mais frequentes. Ainda nesse trabalho, a autora também apontou para o fato de que as instituições que mais apresentaram trabalhos na área foram a FEA-USP e UFRGS. Apesar do seu pioneirismo e evidente contribuição, o escopo do trabalho de SIQUEIRA não alcança as profundas mudanças vividas pela área na década de 1990, o que justifica nos dias de hoje a extensão e complemento de seu importante trabalho.

Além de SIQUEIRA (1988), a pesquisa de ROESCH, ANTUNES e SILVA (1997) também procurou avaliar a relevância da pesquisa na área de Recursos Humanos e Organizações, a partir da análise de 74 dissertações de mestrado, nas décadas de 80 e 90. Os autores mostraram que existe uma predominância de estudos quantitativos em RH – em contraposição ao predomínio de estudos qualitativos em Organizações – e comentam que esse tipo de pesquisa, isto é, que faz uso de estudos de casos com métodos quantitativos, não permite generalizações e é pouco relevante quando considerada a abrangência dos seus resultados.

Parece evidente que, à luz da abrangência temporal e de profundidade de análise dos balanços críticos das demais áreas, o campo de Recursos Humanos também demandava uma avaliação crítica aprofundada de sua produção científica.

III. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A base de dados desta pesquisa (Parte I) foi constituída a partir de todos os artigos de Recursos Humanos publicados, entre 1991 e 2000, nos anais do Enanpad, e totalizou 290 artigos.

O projeto similar que foi conduzido sobre periódicos (vide Parte II), incluiu as principais revistas acadêmicas de Administração no Brasil (127 artigos, no total). Apresentamos, como um adendo deste relatório de pesquisa, a comparação dos dados obtidos a partir os anais do Enanpad e os periódicos (vide Parte III).

A presente pesquisa (Parte I) baseou-se na metodologia de coleta e análise dos mais citados meta-estudos nas diversas áreas do Enanpad, por exemplo, VIEIRA (1998) e PERIN *et al.* (2000), já mencionados.

A principal diferença da presente pesquisa em relação aos meta-estudos mencionados anteriormente, além do foco em RH, é o intento de se fazer um balanço tão abrangente quanto possível, enfocando para a base selecionada a maioria das variáveis analisadas em separado nos balanços anteriores: (i) temática, (ii) base epistemológica, (iii) perfil metodológico, (iv) demografia de autoria e (v) padrão de referências bibliográficas.

No que tange à variável **temática**, a classificação dos artigos da amostra esbarra, naturalmente, em discussões intermináveis sobre escopo e fronteiras da área de Recursos Humanos com outros campos de conhecimento, como Organizações, Comportamento Organizacional, Psicologia Organizacional etc., fazendo da área um território científico contestado, de fronteiras disputadas e em crise constante de identidade. Nossos critérios de classificação temática foram, obviamente, afetados por essas limitações históricas do campo. A primeira tentativa de classificação por “clusters” dos artigos a partir da listagem dos temas declarados e das palavras-chave resultou confusa e arbitrária, tendendo a ser enviesada pelo filtro epistemológico e teórico dos codificadores envolvidos. Por esse motivo, preferiu-se fazer uma classificação mais genérica, centrada na diferenciação das grandes tradições

temáticas de pesquisa em RH, que em boa parte refletem a própria evolução da área nas últimas décadas. Nesse sentido, foram criadas quatro categorias temáticas arbitrárias, que melhor englobavam os temas exaustivamente listados na base de dados: (a) Funções de Recursos Humanos, (b) Políticas de Gestão de Pessoas, (c) Comportamento Organizacional; e (d) Outros. Foram classificados como de *Funções de Recursos Humanos* todos os artigos cuja temática referia-se aos chamados “sub-sistemas” tradicionais de RH, que orientam e regulam as práticas da área nas organizações: recrutamento e seleção, treinamento, avaliação de desempenho etc. A classificação de artigos nesse grupo adotou como base definições clássicas da função de Recursos Humanos nas organizações, tal como as apontadas, por exemplo, em FRENCH (1982) e DEVANA, FOMBRUN e TICHY (1984). Artigos codificados como de *Políticas de Gestão de Pessoas* eram de objetivo ou intento de aplicação organizacional, mas não se focavam nas funções ou “sub-sistemas” clássicos propriamente ditos, não sendo tampouco reflexivos nem voltados à ação de indivíduos. A classificação nesse grupo foi consistente com a definição desse tipo de enfoque feita por autores como STOREY (1999, 2001). Os trabalhos classificados como de *Comportamento Organizacional* tinham como foco o indivíduo e sua relação com a organização, sendo tal classificação baseada na definição de escopo da nova área temática homônima no Enanpad a partir de 2001. Por fim, a classificação em *Outros* ficou reservada para todos os artigos que não puderam ser classificados nas três temáticas anteriores.

No que tange à variável de **base epistemológica**, os artigos foram avaliados segundo o seu paradigma preponderante, usando as definições apresentadas por BURRELL e MORGAN (1979), e seguindo as indicações para este tipo de avaliação feita em estudos similares (MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI, 1990; VIEIRA, 1999). Nesse sentido, cada artigo foi categorizado como *predominantemente* funcionalista, interpretacionista (ou “interpretativo”), humanista radical ou estruturalista radical.

O grupo de variáveis de **perfil metodológico** foi obviamente um dos mais complexos em termos de classificação, e envolveu a categorização dos artigos em várias “camadas” de profundidade, como sugerem estudos semelhantes. Na camada

mais genérica, utilizou-se a proposição indicada por MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI (1990), e portanto os artigos foram classificados em: (a) *empíricos* – aqueles nos quais não há quadro referencial específico para a explicação das situações reais, a concentração se dá na observação e análise de dados; (b) *teórico-empíricos* – compreendendo estudos que partem de um quadro de referências teóricas e, pela coleta de dados, buscam confirmá-lo ou refutá-lo no todo ou em parte; ou (c) *teóricos* – envolvendo trabalhos que se limitam a conceitos, proposições, identificação de variáveis, construção ou reconstrução de modelos, sem envolver teste empírico. A categorização de cada artigo segundo esses parâmetros foi também sustentada pelas indicações de CRESWELL (1998), EISENHARDT (1989), ALVESSON e SKÖLDBERG (2000) e DENZIN e LINCOLN (1994).

A partir dessa classificação metodológica mais genérica, os artigos foram reagrupados em subclassificações dentro de cada um dos três grupos. Assim, temos: nos casos em que o artigo foi categorizado como *teórico*, uma subclassificação foi feita em: (a) ensaio de revisão de teoria existente; (b) ensaio de sistematização de teoria existente; (c) ensaio que constrói ou propõe um conceito ou construto; e (d) ensaio que constrói ou propõe teoria. Tal subclassificação dos artigos teóricos baseou-se na metodologia proposta nos Fóruns sobre o tema da *Academy of Management Review* (1989) e da *Administrative Science Quarterly* (1995).

Já os artigos *teórico-empíricos* foram sub-classificados em *quantitativos* (compreendendo aqueles que usavam modelos estatísticos para análise de dados e suas estratégias incluíam “*surveys*” e experimentos [BAUER e GASKELL, 2002]) ou *qualitativos*. Pela relevância e diversidade de sua representação na amostra em análise, os trabalhos categorizados como qualitativos tiveram ainda mais uma subclassificação, usando as indicações sugeridas por CRESWELL (2003) e DENZIN e LINCOLN (1994), assim, a metodologia utilizada nesses artigos *qualitativos* foi também categorizada em:

- (a) “*Grounded theory*”, compreendendo os trabalhos que buscam construir teoria a partir da descoberta de padrões, temas ou categorias que surgem a partir dos próprios dados e que, em geral partem de uma teoria, mas sem uma hipótese a ser

testada. Nesse tipo de trabalho, conforme os dados adquirem um padrão ou classificação, são comparados com a teoria inicial e, em caso de necessidade, a teoria é reformulada;

- (b) *Etnometodologia / etnografia*, abrangendo os artigos que tinham por foco entender as condições que produzem as interações sociais, assumindo que estas resultam da construção coletiva e da organização das pessoas (SATO, 2001). O método preferido nesse tipo de trabalho é a etnografia, ou seja, a observação e a coleta de dados (em geral prolongada no tempo) usando um pesquisador que assume o papel de observador participante, presente e atuante no lugar e no grupo de pessoas que está buscando entender;
- (c) *Hermenêutica*, incluindo trabalhos que recusavam a dicotomia sujeito-objeto, presente nas abordagens positivistas, e que buscavam compreender e interpretar, com ajuda de referenciais teóricos, os *sentidos* dos fenômenos pesquisados;
- (d) *Análise de discurso* e narrativas, compreendendo os trabalhos de natureza tipicamente pós-estruturalista que, ainda que não tivessem todos a mesma orientação, partilhavam do conceito de que todo pensamento é fundamentalmente mediado pelas relações de poder, que são constituídas histórica e socialmente. Tipicamente, nesses artigos, a relação entre conceito e objeto e significante e significado não é fixa ou estável, e a linguagem é estudada por ser entendida como central para a formação da subjetividade; e
- (e) *Estudos de caso*, abrangendo aqueles trabalhos que faziam uma exploração de uma situação real particular (ou múltiplas situações comparadas), pontualmente ou ao longo do tempo, feita por meio de coleta detalhada e aprofundada de dados, envolvendo múltiplas fontes de informação: documentos, entrevistas, questionários e observação.

Por ser o *estudo de caso* o tipo específico de trabalho qualitativo mais representativo na amostra, os estudos de caso foram novamente sub-classificados, usando-se, neste caso, as indicações propostas por EISENHARDT (1989) e YIN

(1998), que visam diferenciar trabalhos em função de sua complexidade e nível de contribuição científica. Esses autores lembram que os casos explanatórios e descritivos trazem baixa contribuição científica, o que pode ser agravado para os estudos de amostra única, que não permitem a triangulação dos dados obtidos. Por outro lado, estudos de casos múltiplos e de natureza exploratória trariam melhor contribuição. Assim, os estudos de caso ainda receberam as seguintes classificações: (i) único ou (ii) múltiplo (a partir de três eventos ou organizações estudadas) e, em seguida, como: (a) casos explanatórios – aqueles que, a partir de alguma teoria estabelecida, buscam relações causais em ocorrências ou eventos, ilustrando teoria existente –; (b) casos descritivos – são os que apenas relatam o fluxo de eventos em uma situação ou ocorrência, não ilustrando teoria existente e muito menos criando teoria –; ou (c) casos exploratórios – aqueles que procuram criar ou propor teoria indutivamente, a partir das situações particulares estudadas.

A variável **demografia de autoria** seguiu uma variação do procedimento adotado por VERGARA e CARVALHO JR (1995): a categorização da origem dos autores e instituições dos trabalhos na amostra foi feita usando o critério de proporcionalidade. Com esse critério, atribuiu-se 1 para o autor que publicou ou apresentou um artigo sozinho; $\frac{1}{2}$ para cada autor, quando há 2 autores; $\frac{1}{3}$, quando há 3 autores; e assim por diante. A mesma proporção foi atribuída à instituição à qual o(s) autor(es) estava(m) filiado(s) à época da autoria do trabalho. Esse procedimento, que difere do adotado por VERGARA e CARVALHO JR (1995), foi adotado a fim de que se pudesse alocar precisamente o total dos trabalhos a cada autor e a cada instituição, evitando, dessa maneira, a contagem dupla².

A categorização (ou codificação) de cada artigo nesses quatro grupos de variáveis foi feita por dois codificadores independentes. Para evitar desvios excessivos de

² Os autores também gostariam de agradecer aos avaliadores (anônimos) da primeira versão deste artigo no Enanpad, bem como à comunidade de RH do evento em 2002, em especial ao ALLAN CLAUDIUS BARBOSA (UFMG), que com suas observações e sugestões viabilizaram significativos aperfeiçoamentos nos procedimentos metodológicos que utilizamos, como a proporcionalidade de autoria, que evitou a dupla contagem da demografia de autoria.

classificação em função da óbvia subjetividade do trabalho de codificação, a coleta e inserção de informações no banco de dados teve uma re-conferência para todas as variáveis, com exceção das variáveis “metodologia” e “referências bibliográficas” que foram codificadas duas vezes, cada um por dois codificadores.

Para análise das referências bibliográficas, foi utilizado um critério que também difere do procedimento adotado por VERGARA e CARVALHO JR (1995). As referências foram classificadas quanto ao tipo, (referência a livro, artigo ou outros) quanto à nacionalidade (nacional ou internacional) e, no caso de periódicos e revistas, quanto ao veículo de divulgação utilizado (os nomes dos periódicos e revistas nos quais o artigo foi publicado). Em “outros” foram classificadas as referências a relatórios de pesquisa, documentos de entidades, dissertações, teses, e referências a textos de palestras, aulas, entrevistas e assim por diante.

IV. RESULTADOS OBTIDOS

Apresentamos a seguir os dados obtidos no levantamento dos 290 artigos de RH dos Enanpads da década de 90, bem como as análises realizadas para as variáveis destacadas anteriormente.

4. A PRODUÇÃO EM RH NOS ANAIS DO ENANPAD NA DÉCADA DE 90

O crescimento da produção acadêmica nacional em Administração nos Enanpads pode ser evidenciado na Figura 1. Passa-se de 149 artigos publicados em 1991 para 364 em 2000, o que representa um aumento de 144% na década.

A área de RH certamente contribuiu para esse aumento, tendo superado a média de crescimento do campo, ou seja, enquanto que a área de Administração como um todo cresceu 144% na década, em termos de veiculação de trabalhos no Enanpad, a

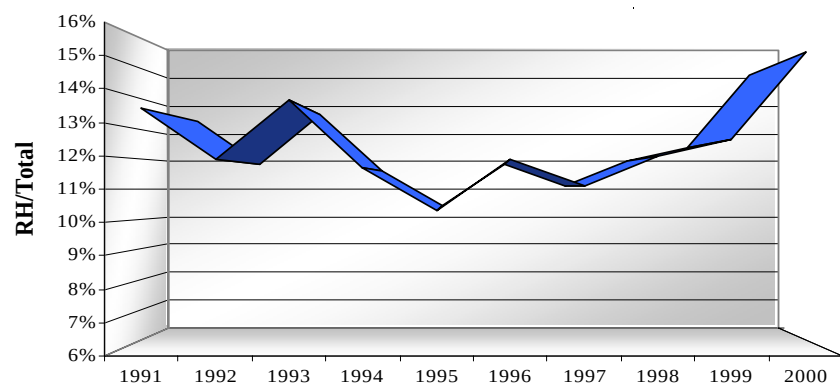
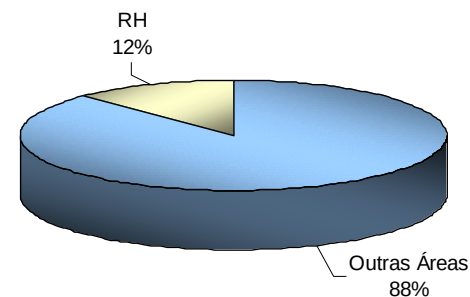
área de RH apresentou um aumento de 175% no número de trabalhos publicados. Ao todo são 290 artigos publicados na área de RH na década de 90, evoluindo de um total de 20 artigos em 1991 para 55 em 2000, ou, como mostra o Figura 2, de 13,4% de participação no total de artigos publicados na área em 1991 para 15,11% em 2000, totalizando 12,5% da produção acadêmica total da década (Figura 2 e Figura 3).

Os anos de 1999 e 2000 apresentam uma participação maior da área de RH no total de artigos publicados no ano no Enanpad, fato este, como veremos a seguir, que se deve em grande parte pelo crescimento da produção em Comportamento Organizacional, tema este que se consolidou como área temática distinta e segregada a partir de 2001. Essa separação certamente terá impacto na produção da área, que não contará mais com o reforço dos trabalhos sobre o tema para engrossar seu volume. Assim, se RH quiser continuar com a mesma relevância em termos de representatividade de publicações no Enanpad certamente terá que aumentar sua produção nos temas para os quais até então atribuía menor importância e/ou descobrir novos temas a serem explorados. Caso contrário a área corre o risco de se tornar uma área de produção acadêmica de menor significância para a área de Administração como um todo.

Figura 1. Evolução do número de Artigos Apresentados nos Enanpads

PRODUÇÃO	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*	N	%*
RH	20	7%	17	6%	26	9%	25	9%	22	8%	33	11%	27	9%	30	10%	35	12%	55	19%	290	100%
Todas as áreas	149	6%	143	6%	190	8%	215	9%	212	9%	278	12%	243	10%	250	11%	280	12%	364	16%	2324	100%

*% em relação à coluna "Total"

Figura 2. Evolução anual da participação da área de RH no total de artigos apresentados nos Enanpads**Figura 3. Participação da área de RH no total de artigos apresentados nos Enanpads (1991-2000)**

4.1 A temática da produção científica em RH nos Enanpads na década de 90

Conforme discutido na seção 3 – Metodologia da Investigação –, a classificação da variável **temática** provoca discussões intermináveis sobre escopo e fronteiras da área de recursos humanos com outros campos de conhecimento. Nossos critérios de classificação temática foram, obviamente, afetados por essas limitações históricas do campo. Por esse motivo, foi feita em primeiro lugar uma classificação mais genérica, centrada na diferenciação das grandes tradições temáticas de pesquisa em RH, que em boa parte refletem a própria evolução da área nas últimas décadas. Nesse sentido, foram criadas quatro categorias temáticas arbitrárias, que melhor englobavam os temas exaustivamente listados na base de dados: (a) Funções de Recursos Humanos, (b) Políticas de Gestão de Pessoas, (c) Comportamento Organizacional; e (d) Outros. Os resultados obtidos dessa classificação podem ser observados na Figura 4.

É interessante constatar que as temáticas abordadas evoluíram – como aconteceu no mundo real com a área de RH *per se* (MOHRMAN e LAWLER III, 1997; FISCHER e ALBUQUERQUE, 2001) – de uma discussão orientada a funções e subsistemas de RH, (Figura 4), para uma temática mais orientada a políticas de gestão de pessoas e comportamento organizacional. No início do período a área estava focada nas funções de RH – 60% dos trabalhos apresentados em 1991 –, mas essa proporção decresce ao longo dos anos, cedendo espaço para o estudo das políticas em RH – que aparecem mais significativamente a partir de 1992, momento em que surgem os estudos teóricos sobre a “Administração Estratégica de RH” e, conseqüentemente, investigam-se os tipos de políticas e modelos que precisariam ser implementados – e para a pesquisa em comportamento organizacional. O declínio da temática das funções pode ser explicado pela crescente informatização e terceirização de RH nos últimos anos, o que gera um interesse maior por *como* implantar as políticas que dizem respeito às funções e menor pelas formas de operacionalizá-las. O aspecto preocupante está em que tal passagem – especialmente a predominância de temas

ligados a comportamento organizacional (Figura 5) – aponta um problema claro de fronteira de escopo da área com organizações (no período analisado) e, a partir de 2001, com a nova área temática de Comportamento Organizacional.

O interesse por esse tema não é novidade, uma vez que a gestão de RH vem se valendo do auxílio de psicólogos e cientistas sociais há muito tempo; o que é surpreendente, no entanto, é o crescimento e a quase hegemonia do tema no período. Alguns autores como, por exemplo, LEGGE (1995), argumentam que o modelo estratégico trouxe maior insegurança quanto ao emprego e ainda mais pressão e carga de trabalho às pessoas, o que significa que mais estudos comportamentais seriam necessários para se conseguir que as pessoas trabalhem da maneira desejada. Um outro argumento é que esse aumento proporcional surgiu em função de que psicólogos organizacionais e outros cientistas sociais “re-descobriram” nessa área um veículo fértil e receptivo para apresentação e publicação de suas pesquisas. Este segundo argumento, mais político em natureza e circulado pelos corredores da área em recentes Enanpads, sugeriria que RH teria se tornado uma área de conhecimento com fronteiras historicamente contestadas: de fato, o crescimento dos trabalhos sobre comportamento culminou com uma mudança na área de RH do Enanpad, e com a criação de uma área específica para Comportamento Organizacional a partir do encontro de 2001. A separação dessa importante fatia da produção sem dúvida será sentida pela área, tanto na quantidade e qualidade de trabalhos aceitos, quanto no decorrente questionamento e na potencial crise de identidade da área que poderá ocorrer em um futuro próximo.

No detalhe da análise qualitativa, o levantamento dos sub-temas pesquisados (Figura 6) evidencia uma enorme variabilidade dos assuntos abordados ao longo do período estudado, revelando uma área com temática diluída, em que poucas linhas consistentes de pesquisa são mantidas no tempo. Em última análise, a análise temática mostra uma área em crise de identidade: se preserva seu escopo clássico, prende-se a um modelo (dito modelo de “D.P.”) que quer negar e superar; mas que, quando avança em outras direções, tem dificuldade de encontrar seu lugar, entrando em espaço disputado e contestado por outrem.

Figura 4. Perfil dos temas abordados na área de RH nos Enanpads

<i>Temas</i>	<i>1991</i>		<i>1992</i>		<i>1993</i>		<i>1994</i>		<i>1995</i>		<i>1996</i>		<i>1997</i>		<i>1998</i>		<i>1999</i>		<i>2000</i>		<i>Total tema</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Políticas	4	20%	6	35%	4	15%	15	60%	9	41%	13	39%	9	33%	8	27%	8	23%	12	22%	88	30%
Funções	12	60%	3	18%	8	31%		0%	5	23%	8	24%	5	19%	5	17%	4	11%	13	24%	63	22%
Comportamento	4	20%	8	47%	13	50%	9	36%	7	32%	10	30%	9	33%	17	57%	21	60%	23	42%	121	42%
Outros	0	0%		0%	1	4%	1	4%	1	5%	2	6%	4	15%	0	0%	2	6%	7	13%	18	6%
Total por Ano	20	7%	17	6%	26	9%	25	9%	22	8%	33	11%	27	9%	30	10%	35	12%	55	19%	290	100%

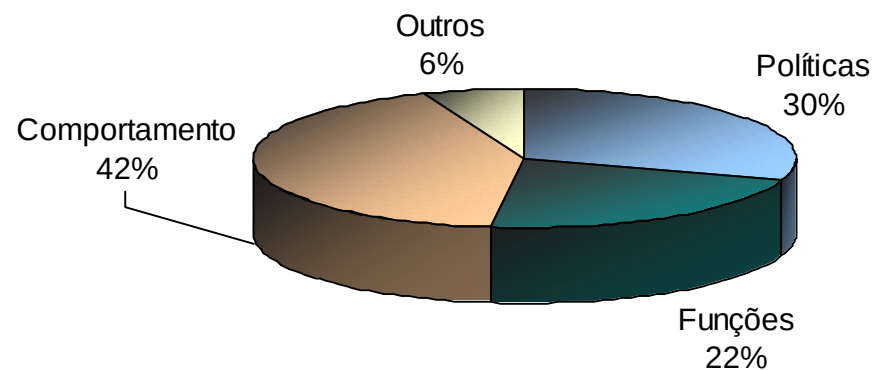
Figura 5. Perfil temático da área de RH nos Enanpads na década de 90

Figura 6. Relação dos principais sub-temas abordados em RH nos Enanpads

Comportamento	Funções	Políticas	Outros
Comprometimento	Avaliação de desempenho	Qualidade de Vida no Trabalho	Cultura
Stress	Mudança nas Funções	Modelos de RH	Universidades Corporativas
Aprendizagem	Treinamento	Gestão por Competências	Empresa Familiar
Gênero	Carreira	Gestão Participativa	Formação do Administrador
Saúde	Remuneração	Cultura	Pesquisa em RH
Papel dos Dirigentes/Liderança	Cargos e Salários	Diversidade Cultural	Política educacional
Perfil Gestores/Gestor RH	Gestores	Estilos de Gestão	
Motivação	Participação nos Lucros	Programas de Qualidade	
Mudança na Forma de Organização do Trabalho	Qualificação	Relações de Trabalho	
Satisfação no Trabalho	Recrutamento e Seleção	Qualificação	

4.2 A base epistemológica da produção científica em RH nos anais do Enanpad na década de 90

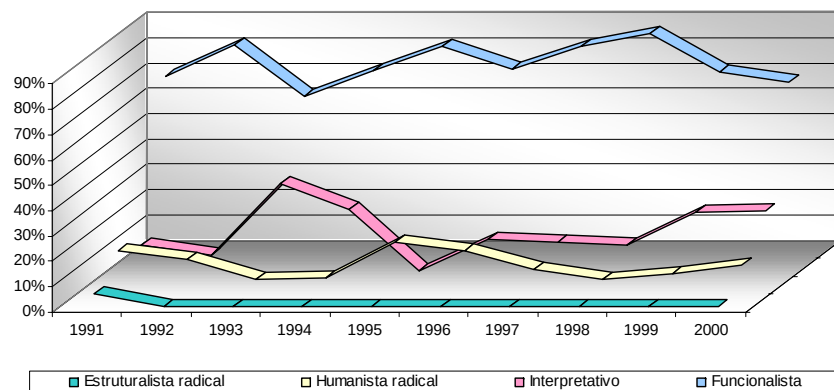
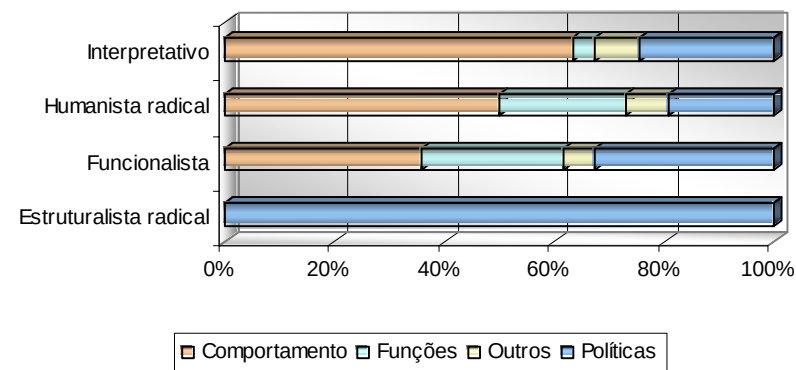
Ao analisar os resultados da variável base epistemológica (Figura 7), pode-se observar a forte predominância (74%) dos artigos de base funcionalista na amostra, resultados que estão em consonância com os resultados obtidos pelos demais artigos que avaliaram a produção em outras áreas de Administração descritos na seção II (ex.: MACHADO-DA-SILVA *et al.*, 1990), e revelam uma área pouco crítica e mais prescritiva e gerencialista.

Poderia se dizer, porém, como atenuante a esta tendência acrítica e prescritiva, que a análise da evolução ano-a-ano (Figura 8) mostra um pequeno aumento de trabalhos que utilizam a abordagem interpretacionista nos dois últimos anos do período investigado (1999 e 2000). No entanto, os trabalhos que utilizam esse tipo de abordagem são, em geral, estudos comportamentais (Figura 9) que procuram investigar relações e impactos ocasionados por intervenções introduzidas nas organizações por meio da opinião das pessoas e da sua interpretação dos eventos. Se esta tendência interpretacionista persistir, trabalhos com essa abordagem serão, provavelmente, mais característicos da recém-criada área de Comportamento Organizacional do que propriamente da área de RH.

Esse fato pode também ser evidenciado no perfil anual dos artigos apresentados (Figura 8), podemos observar que em nenhum dos anos houve alteração da predominância funcionalista dos artigos apresentados, além disso, à exceção de 1991 (em nenhum outro ano observou-se a presença de artigos com base estruturalista radical), a presença de artigos interpretacionistas e humanistas radicais não segue padrões de variação ao longo do tempo, além do já mencionado crescimento da utilização de base interpretacionista nos últimos dois anos analisados.

Figura 7. Perfil da Base Epistemológica da produção científica em RH apresentada nos Enanpads

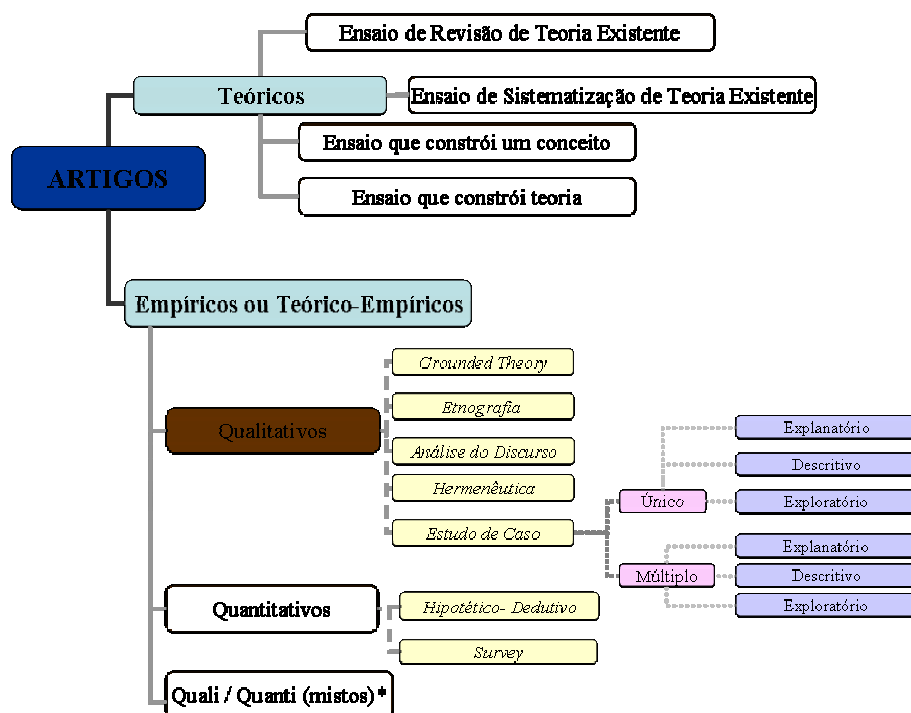
PARADIGMAS	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Funcionalista	14	70%	14	82%	16	62%	18	72%	18	82%	24	73%	22	81%	26	87%	25	71%	37	67%	214	74%
Interpretativo	2	10%	1	6%	9	35%	6	24%		0%	4	12%	3	11%	3	10%	8	23%	13	24%	49	17%
Humanista radical	3	15%	2	12%	1	4%	1	4%	4	18%	5	15%	2	7%	1	3%	2	6%	5	9%	26	9%
Estruturalista radical	1	5%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Total	20	7%	17	6%	26	9%	25	9%	22	8%	33	11%	27	9%	30	10%	35	12%	55	19%	290	100%

Figura 8. Perfil da Base Epistemológica da Produção Científica em RH apresentada nos Enanpads**Figura 9. Perfil temático da base epistemológica**

4.3 O perfil metodológico da produção científica em RH nos anais do Enanpad na década de 90

A análise do perfil metodológico mostrou-se bastante complexa ao longo dos levantamentos feitos, conforme descrito na seção “Metodologia da Investigação”, uma vez que envolveu a classificação dos artigos em diversas “camadas de profundidade”. Para facilitar a compreensão desse detalhamento foi criado um diagrama (Figura 10) que procura demonstrar cada nível analisado de acordo com a ordem de ocorrência. A análise dos resultados será feita tomando como base as camadas mostradas deste diagrama.

Figura 10. Fases da análise do Perfil Metodológico dos artigos publicados



*a análise dos artigos mistos, seguiu o padrão de análise adotado para os artigos qualitativos e quantitativos, ou seja, cada etapa da metodologia adotada nestes artigos foi analisada separadamente de acordo com a mesma classificação utilizada para os artigos que adotavam uma única abordagem metodológica.

A abordagem metodológica preferida pelos autores de RH no período é a teórico-empírica – 80,7% dos trabalhos apresentados (Figura 13) –, predominando ao longo de todo o período analisado. Já a apresentação de trabalhos teóricos registra uma queda acentuada no decorrer da década (Figura 11) – de 25% em 91 para até 9% em 99 – mas parece recuperar o fôlego no ano de 2000 (24%). Não encontramos explicação para essa variação na análise dos artigos *per se*, mas uma possível razão pode estar (a) o na variação da orientação dos coordenadores e seus avaliadores no período, bem como (b) nas novas ferramentas de normalização estatística de avaliação inauguradas nos últimos anos pelo Enanpad. A predominância teórico-empírica não parece surpreendente para quem trafegou na área no período. O que é preocupante e digno de menção é que a evolução da participação dos trabalhos teórico-empíricos não necessariamente mostra progresso e/ou coerência teórico-metodológica homogêneos, fato este que pode facilmente ser observado na Figura 12.

O detalhe da análise da dimensão teórica dos trabalhos apresentados (Figura 14) mostra que dos artigos classificados como ensaio teórico – 55 artigos –, mais da metade (53%) apenas revisam (11%) ou sistematizam (42%) teoria existente, apresentando baixa contribuição científica ao campo; ensaios que constroem teoria são raros, evidenciando que a produção teórica não parece constituir a vocação dominante da área. Obviamente, médias e modas enganam ao desconsiderar a evidente qualidade e produção teórica de alguns dos artigos veiculados pela área nesse período. No entanto, os números apontam que a maioria dos trabalhos não necessariamente atinge esse patamar.

Quanto aos trabalhos teórico-empíricos e empíricos – 235 no total –, o detalhamento da análise também mostra dados importantes (Figura 15). Pode-se observar que predominam artigos nos quais os dados foram trabalhados qualitativa (66%) e quantitativamente (28%), com baixíssima proporção (6%) de artigos que utilizam uma abordagem mista, que busca triangular dados de métodos distintos para obter resultados mais confiáveis. Com pequenas alterações, essas proporções se mantêm estáveis ao longo da década analisada para os três tipos de coleta de dados.

A faceta preocupante deste perfil tem relação com o fato de que, como observado na seção anterior, a produção científica em RH no período tem uma forte predominância funcionalista e acentuada falta de diversidade epistemológica. Essa falta de diversidade poderia ser justificável se a produção em RH tivesse, no Brasil, uma forte orientação positivista e empiricista – como a norte-americana, por exemplo – o que poderia compensar com seu rigor e cientificismo esse predomínio (ainda assim, seria uma compensação questionável). Porém não é o que se observa, uma vez que a maior parte dos trabalhos adota métodos de pesquisa qualitativos e desta maneira, uma parcela importante apresenta baixa sofisticação metodológica (dentro da própria tradição qualitativa) e pequeno potencial de contribuição científica. É o que veremos a seguir.

A fim de avaliar se a qualidade metodológica desses artigos qualitativos era relevante do ponto de vista científico, foi feita uma nova análise, mais detalhada, apenas dos artigos qualitativos (Figura 16), buscando compreender e categorizar que tipo de metodologia qualitativa havia sido abordada. Para isso, conforme descrito na seção “Metodologia da Investigação”, foram utilizadas as indicações sugeridas por CRESWELL (2003) e DENZIN e LINCOLN (1994), e portanto a metodologia qualitativa utilizada foi categorizada em: (a) *grounded theory*, (b) *etnometodologia/etnografia*; (c) *hermenêutica*; (d) *análise de discurso*; ou (e) *estudos de caso*. Observa-se em todos os períodos a predominância da utilização de estudos de caso (77%), e, portanto, a sua aparente significância para a pesquisa em RH como um todo.

Tendo em vista a utilização maciça de estudos de caso, e a preocupação com a qualidade da pesquisa na área, foram realizadas então classificação e análise adicionais com o objetivo de identificar como esses trabalhos de caso vêm sendo conduzidos. Para tanto, utilizaram-se os critérios propostos por EISENHARDT (1989) e YIN (1998). Os resultados obtidos para esse detalhamento são apresentados na Figura 19.

Os dados dessa análise mostram, em primeiro lugar, a preferência pela utilização de estudos de caso com amostra única, ou seja, estudos conduzidos em uma

organização apenas. A predominância desse tipo de pesquisa é clara (Figura 20) – 79% para o total do período – e, à exceção do ano de 1997, esse padrão se mantém ao longo dos anos. Em outras palavras, temos que 95 dos 290 artigos apresentados nos Enanpads na década de 90 na área de RH são estudos de caso único, ou seja, 33% da produção no período analisado é constituída por estudos de caso que analisam apenas uma organização.

Essa predominância de estudos de caso único não seria um problema se a área fosse povoada por estudos de múltiplas influências, mais subjetivistas e não funcionalistas. No entanto, como vimos anteriormente, a maioria das publicações é, na verdade, predominantemente funcionalista, usa uma abordagem teórico-empírica de natureza qualitativa, e representa em geral estudos de caso, que comumente reduzem o estudo à análise de um único evento ou situação especial. Tudo isso não constituiria um problema se método preferido (estudo de caso único) e perfil epistemológico (funcionalista) estivessem alinhados por critérios e parâmetros de pesquisa num tipo de método que fosse legitimado pela tradição epistemológica escolhida, conforme alertam EISENHARDT (1989) e YIN (1998). Ao classificar os estudos de caso da amostra seguindo o cumprimento desses critérios, constata-se que (Figura 21) predominam na amostra os estudos de caso único e de natureza explanatória (ilustrativa) e descritiva, justamente aqueles que autores como os citados acima alertam como trazendo baixo nível de contribuição científica na tradição funcionalista. Críticos desse tipo de abordagem de caso, esses autores mostram que trabalhos meramente descritivos ou ilustrativos apenas reforçam (muitas vezes apenas proverbialmente) teoria já consolidada, raramente trazendo alguma contribuição. Para eles, estudos de caso tornam-se importante ferramenta científica quando têm natureza exploratória, e quando, a partir dos dados e da construção indutiva de teoria, propõem conhecimento novo à área. Em última análise, isso significaria que boa parte da produção da área vem se limitando a estudar contextos específicos e que, portanto, os resultados encontrados dificilmente poderão ter algum grau mais elevado de generalização.

Quanto aos artigos que realizaram **pesquisa quantitativa**, os resultados apontaram a maior utilização do método *survey* – 91% dos trabalhos quantitativos, sem variações

significativas ao longo do período (Figura 22). Novamente observa-se a ausência de tentativa de comparação entre dados qualitativos e quantitativos nesse tipo de trabalho.

Essas pesquisas foram mais encontradas em trabalhos que estudavam as funções e políticas de RH, nos quais se buscava estabelecer padrões ou critérios para melhor estruturar a área por meio de levantamentos – em geral, questionários enviados por correio – que cobrissem grande número de organizações. A predominância desse tipo de estudo “*survey*” entre os trabalhos quantitativos é também uma característica preocupante do perfil da área, uma vez que se sabe que estudos desse tipo em geral têm dificuldade em apresentar avaliações de natureza qualitativa – o que funciona e o que não funciona, por exemplo – e, nesse sentido, tendem a servir mais como referencial (ou “retrato”, como a presente investigação) do que está sendo feito do que como critério para recomendações de utilização futura para outras empresas, ou para efetiva construção de teoria nova. Ora, uma vez que 22,41% do total dos artigos apresentados são quantitativos e que destes, 90,77% utilizam o método *survey*, pode-se dizer que 20,34% do total dos trabalhos apresentados são quantitativos e se restringem a *surveys* exploratórios, ou seja, não permitem fazer grandes avanços no campo.

A análise dos trabalhos que adotaram **metodologias mistas** – quali/quantitativa – é apresentada na Figura 23.

Observa-se, novamente, a predominância dos estudos de caso com amostra única e *surveys*, padrão que não sofre grande variação ao longo do período. Utiliza-se, de maneira geral, um questionário para um grande número de pessoas; eventualmente, são conduzidas também algumas entrevistas para aprofundar tópicos que surgem a partir dos questionários. Embora se possa observar e aplaudir o crescimento dos trabalhos de natureza qualitativo/ quantitativa no final do período (Figura 15) – principalmente nos anos de 1999 e 2000, em que a utilização de trabalhos mistos chegou a 9% dos trabalhos apresentados – e um maior esforço de comparação e análise de dados nesses trabalhos, permanece o problema do estudo da amostra

única e a dificuldade de generalização e utilização adequada dos resultados por outras organizações.

De forma geral, o que resulta tanto da análise dos trabalhos de caso único (predominante entre os artigos qualitativos), quanto dos estudos do tipo *survey* (maioria entre os trabalhos quantitativos) e dos mistos é a preocupante limitação de contribuição teórica ou empírica ao campo que a maioria dos trabalhos da amostra apresenta.

Figura 11. Perfil da Abordagem Metodológica adotada pelos artigos apresentados na área de RH nos Enanpads

Perfil Metodológico	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Teórico	5	25%	6	35%	6	23%	5	20%	4	18%	5	15%	4	15%	4	13%	3	9%	13	24%	55	19%
Empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Teórico-empírico	15	75%	11	65%	20	77%	20	80%	18	82%	27	82%	23	85%	26	87%	32	91%	42	76%	234	81%
Total	20	7%	17	6%	26	9%	25	9%	22	8%	33	11%	27	9%	30	10%	35	12%	55	19%	290	100%

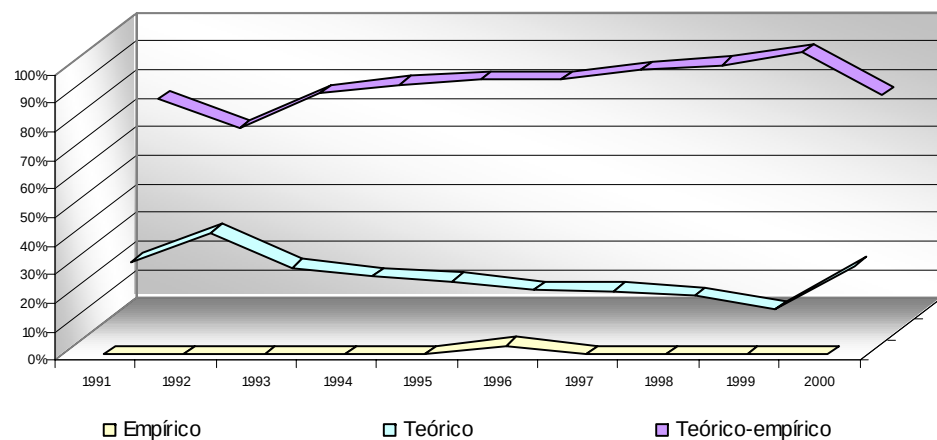
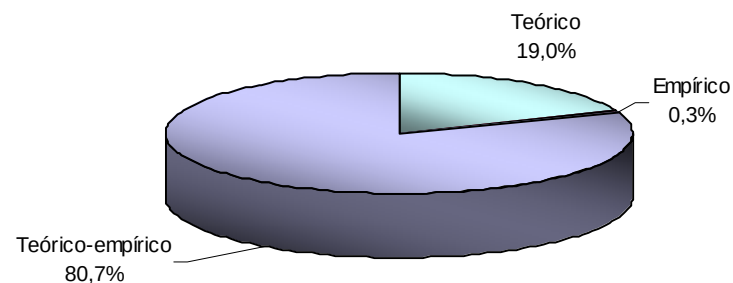
Figura 12. Evolução anual do perfil metodológico adotado**Figura 13. Perfil Metodológico do total dos artigos apresentados em RH nos Enanpads na década de 90**

Figura 14. Perfil Anual dos trabalhos teóricos apresentados nos Enanpads

<i>Teóricos</i>	<i>1991</i>		<i>1992</i>		<i>1993</i>		<i>1994</i>		<i>1995</i>		<i>1996</i>		<i>1997</i>		<i>1998</i>		<i>1999</i>		<i>2000</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Revisão de teoria	1	20%	0	0%	3	50%	1	20%	0	0%	0	0%	1	25%	0	0%	0	0%	0	0%	6	11%
Sistemat. de teoria	3	60%	1	17%	1	17%	2	40%	3	75%	3	60%	2	50%	3	75%	0	0%	5	38%	23	42%
Constrói conceito	1	20%	3	50%	2	33%	2	40%	1	25%	2	40%	1	25%	1	25%	3	100%	7	54%	23	42%
Constrói teoria	0	0%	2	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	8%	3	5%
Total	5	9%	6	11%	6	11%	5	9%	4	7%	5	9%	4	7%	4	7%	3	5%	13	24%	55	100%

Figura 15. Perfil Anual dos trabalhos teórico-empíricos e empíricos apresentados nos Enanpads

<i>Empíricos ou teórico-empíricos</i>	<i>1991</i>		<i>1992</i>		<i>1993</i>		<i>1994</i>		<i>1995</i>		<i>1996</i>		<i>1997</i>		<i>1998</i>		<i>1999</i>		<i>2000</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
QUALI	10	67%	8	73%	14	70%	17	85%	12	67%	21	75%	17	74%	18	69%	21	66%	18	43%	156	66%
QUALI/QUANTI	1	7%	0	0%	1	5%	0	0%	0	0%	1	4%	2	9%	1	4%	3	9%	5	12%	14	6%
QUANTI	4	27%	3	27%	5	25%	3	15%	6	33%	6	21%	4	17%	7	27%	8	25%	19	45%	65	28%
Total	15	6%	11	5%	20	9%	20	9%	18	8%	28	12%	23	10%	26	11%	32	14%	42	18%	235	100%

Figura 16. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos qualitativos

<i>Empíricos e Teórico-empíricos Qualitativos</i>	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Grounded	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	10%	1	6%	0	0%	0	0%	2	11%	5	3%
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	8%	0	0%	0	0%	1	6%	0	0%	1	6%	3	2%
Hermenêutica	3	30%	0	0%	2	14%	2	12%	1	8%	5	24%	3	18%	3	17%	3	14%	1	6%	23	15%
Análise do discurso	1	10%	1	13%	0	0%	1	6%	0	0%	0	0%	0	0%	1	6%	1	5%	0	0%	5	3%
Estudos de Casos	6	60%	7	88%	12	86%	14	82%	10	83%	14	67%	13	76%	13	72%	17	81%	14	78%	120	77%
Total	10	6%	8	5%	14	9%	17	11%	12	8%	21	13%	17	11%	18	12%	21	13%	18	12%	156	100%

Figura 17. Evolução anual da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos qualitativos

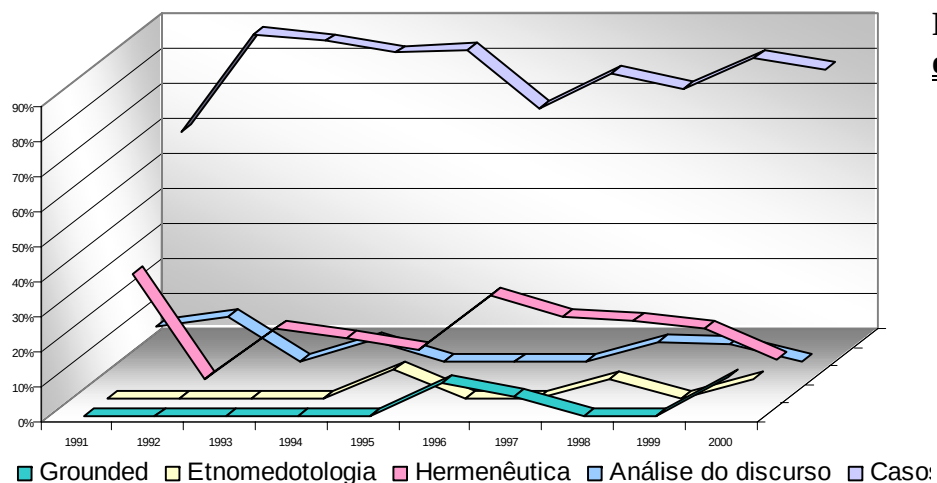


Figura 18. Metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos qualitativos

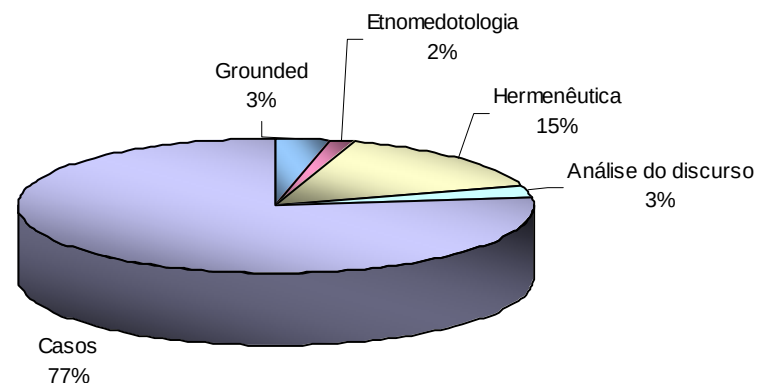


Figura 19. Classificação da metodologia utilizada pelos estudos de caso qualitativos

<i>Estudos de Caso</i>	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Único - explanatório	1	17%	2	29%	5	42%	6	43%	4	40%	5	36%	1	8%	2	15%	5	29%	4	29%	35	29%
Único - descritivo	4	67%	2	29%	3	25%	6	43%	0	0%	3	21%	6	46%	7	54%	8	47%	8	57%	47	39%
Único - exploratório	0	0%	2	29%	3	25%	1	7%	0	0%	2	14%	0	0%	1	8%	4	24%	0	0%	13	11%
Total Único	5	83%	6	86%	11	92%	13	93%	4	40%	10	71%	7	54%	10	77%	17	100%	12	86%	95	79%
Múltiplo - explanatório	1	17%	1	14%	1	8%	0	0%	4	40%	2	14%	0	0%	3	23%	0	0%	1	7%	13	11%
Múltiplo - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	20%	1	7%	1	8%	0	0%	0	0%	1	7%	5	4%
Múltiplo - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	1	7%	0	0%	1	7%	5	38%	0	0%	0	0%	0	0%	7	6%
Total Múltiplo	1	17%	1	14%	1	8%	1	7%	6	60%	4	29%	6	46%	3	23%	0	0%	2	14%	25	21%
Total Casos	6	5%	7	6%	12	10%	14	12%	10	8%	14	12%	13	11%	13	11%	17	14%	14	12%	120	100%

Figura 20. Classificação dos Estudos de Caso qualitativos

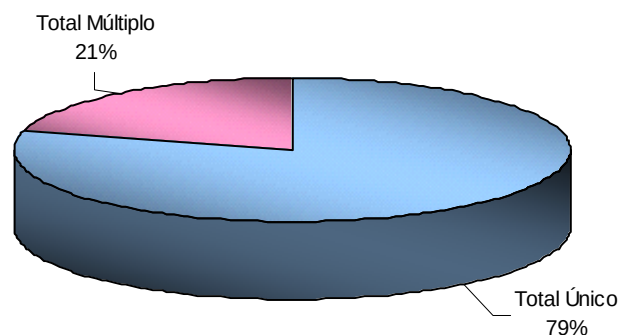


Figura 21. Sub-classificação dos Estudos de Caso qualitativos

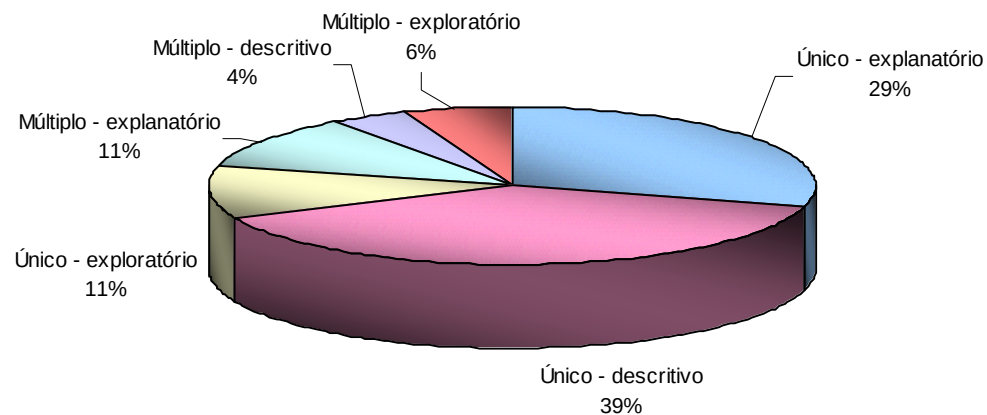


Figura 22. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos quantitativos

Quantitativos	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Survey	4	100%	3	100%	4	80%	2	67%	6	100%	5	83%	4	100%	7	100%	7	88%	17	89%	59	91%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	1	20%	1	33%	0	0%	1	17%	0	0%	0	0%	1	13%	2	11%	6	9%
Total	4	6%	3	5%	5	8%	3	5%	6	9%	6	9%	4	6%	7	11%	8	12%	19	29%	65	100%

Figura 23. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos e empíricos mistos (quali/quant)

QUALI-QUANTI	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Parte Qualitativa																						
Grounded	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	1	7%
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	100%	1	100%	2	67%	0	0%	5	36%
Hermenêutica	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Análise do discurso	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Casos	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	33%	4	80%	8	57%
Parte Quantitativa																						
Survey	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%	2	100%	1	100%	3	100%	5	100%	14	100%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	1	7%	0	0%	1	7%	0	0%	0	0%	1	7%	2	14%	1	7%	3	21%	5	36%	14	100%

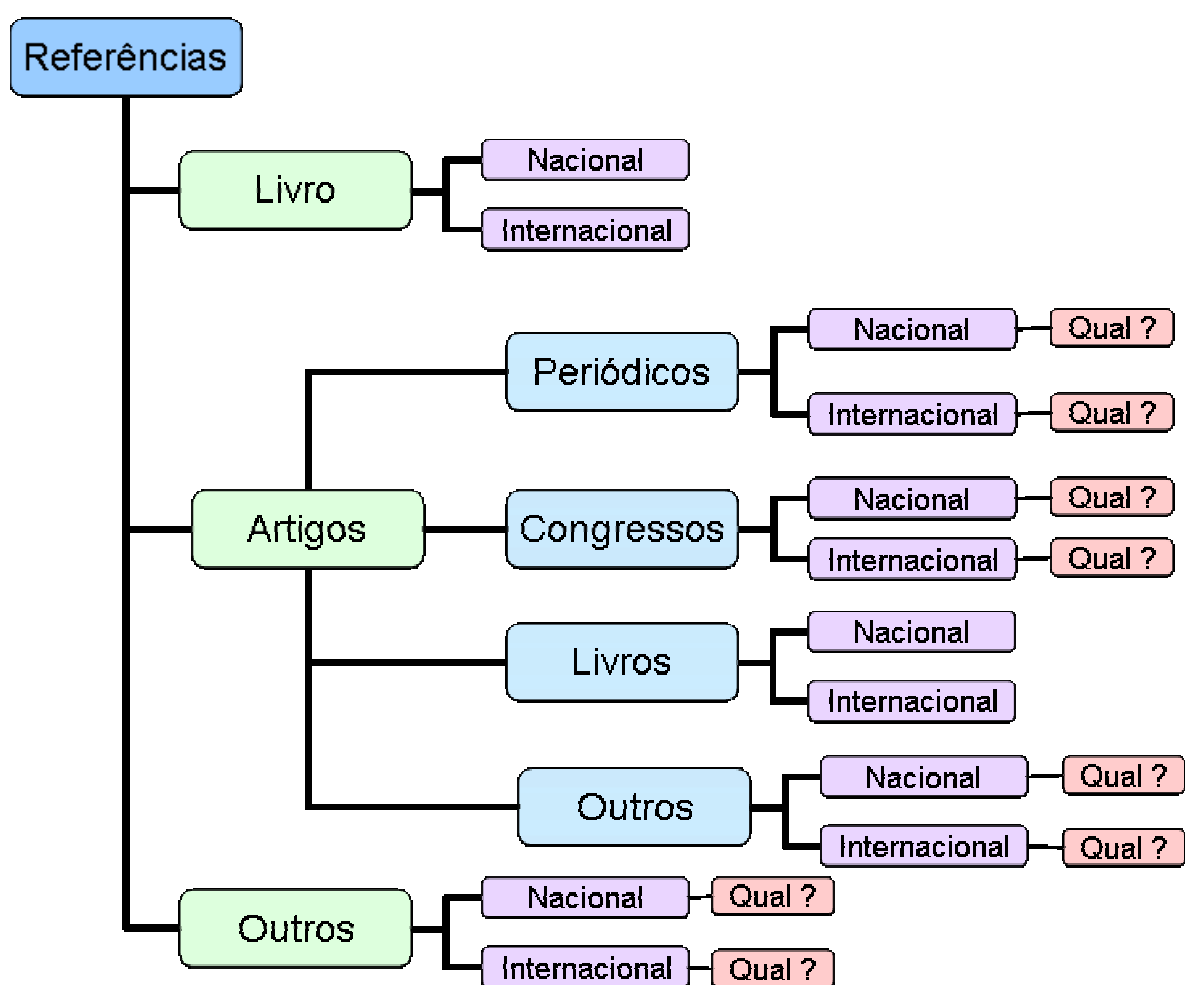
Figura 24. Classificação dos artigos mistos (quali/quant) – metodologia utilizada pelos estudos de caso

<i>Casos Mistos</i>	<i>1991</i>		<i>1992</i>		<i>1993</i>		<i>1994</i>		<i>1995</i>		<i>1996</i>		<i>1997</i>		<i>1998</i>		<i>1999</i>		<i>2000</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Único - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	1	25%	2	25%
Único - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	50%	2	25%
Único - exploratório	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	38%
Total Único	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%	3	75%	7	88%
Múltiplo - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Múltiplo - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	1	13%
Múltiplo - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total Múltiplo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	1	13%
Total Casos	1	13%	0	0%	1	13%	0	0%	0	0%	1	13%	0	0%	0	0%	1	13%	4	50%	8	100%

4.4 Análise de referências bibliográficas

Da mesma forma que a análise do perfil metodológico, a análise das referências bibliográficas também foi realizada em diversas camadas de profundidade, conforme a (Figura 25).

Figura 25. Etapas da análise das Referências Bibliográficas apresentadas nos artigos analisados



Como descrito na seção “Metodologia da Investigação”, as referências foram classificadas num primeiro momento como referências a (i) livros; (ii) artigos ou; (ii) outras fontes. Os artigos foram ainda classificados como artigos de (a) periódicos; (b) congressos; (c) livros ou (d) outras fontes. Em todos os casos foi analisada a origem – nacional ou internacional – da referência. No caso particular dos livros, traduções foram consideradas como de fonte internacional, por exemplo, uma citação ao livro “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” de Max Weber foi classificado como obra de origem internacional, mesmo que a edição consultada tenha sido a traduzida para o português. No caso dos periódicos e congressos foi considerada a origem do periódico, assim um artigo publicado na RAE foi classificado como nacional e um publicado na *Academy of Management Review* como internacional.

Após essa classificação, nos casos de Artigos de periódicos, congressos e outras fontes, bem como para as Outras fontes citadas, foi feito um levantamento de quais eram esses congressos, periódicos e fontes a fim de que pudéssemos identificar algum padrão de comportamento em relação à origem do conhecimento utilizado na área.

Os resultados encontrados são exibidos e analisados a seguir.

4.4.a. Tipo das Citações

Como citado anteriormente, a primeira classificação feita foi quanto à fonte utilizada e sua origem (Figura 26) – se livro, artigo ou outra fonte. Observa-se que 46,5% são artigos, 43,4% são referências a livros e que 10% se referem a outros tipos de publicações como teses, dissertações, documentos de entidades e monografias. A predominância de artigos pode dar a idéia de que o que está sendo referenciado é atual ou reflete de fato o “estado-da-arte” da pesquisa mundial, no entanto faz-se necessário avaliar que tipo de artigos estão sendo referenciados e qual é a origem – periódicos, congressos, livros ou outros – desses artigos para que se

possa compreender melhor a natureza e a qualidade da base bibliográfica utilizada pela área, o que será feito adiante.

No geral, é possível observar, como a análise feita por outros estudos em outras áreas (VERGARA, 1995, 2000 e BIGNETTI e PAIVA, 1997), a predominância da utilização de referências estrangeiras, que totaliza 58% das referências utilizadas. A predominância de citações internacionais reflete o estrangeirismo que já foi denunciado como predominante na área de administração como um todo, e reflete a necessidade da área repensar a si própria e o seu papel para o desenvolvimento da teoria e da pesquisa em nosso país.

Em relação à quantidade de referências feitas por artigo (Figura 27), a evolução ano-a-ano revela um aumento gradativo no número de referências bibliográficas utilizadas – passa-se de uma média de 11,53 em 1991 para uma média de 23,75 referências por artigo no ano de 2000. Embora quantidade não necessariamente indique qualidade esse aumento pode sugerir um maior esforço de rigor científico de pesquisa.

4.4.b. Classificação dos Artigos

Como mencionado anteriormente, visando uma melhor qualificação das referências utilizadas, os artigos foram classificados quanto ao tipo de veículo nos quais haviam sido publicados – anais de congressos, livros, periódicos ou outros. Pode-se observar (Figura 28) que a maior parte (51%) dos artigos utilizados como referências foram publicados em periódicos seguidos (20%) dos artigos publicados em livros – coletâneas –, e de artigos de outras fontes, que serão detalhadas adiante. A proporção de artigos apresentados em congressos – artigos que, a princípio, podem trazer contribuições mais recentes de pesquisa ao campo – é consideravelmente menor, apenas 10%.

O detalhamento da classificação desses artigos em nacionais e internacionais confirma a tendência já encontrada para o total das referências, isto é, quando se trata de artigos de livros, a maioria (65%) das referências é feita a livros estrangeiros; os artigos de periódicos seguem o mesmo padrão, ou seja, a maioria (70%) de periódicos citados é de origem internacional, porém os artigos de congressos e de outras fontes não seguem o mesmo padrão, no primeiro caso apenas 15% são referências a artigos de congressos internacionais e no segundo, 30% de outras fontes citadas são internacionais, nesses casos há predominância de citações a artigos de congressos e outras fontes nacionais. Possíveis explicações para este fato podem estar relacionadas a questões como: (i) a pequena participação dos autores brasileiros nos Congressos internacionais, o que dificulta o conhecimento sobre os trabalhos apresentados – isso é sem dúvida uma grande perda para academia brasileira de Administração, uma vez que nesses congressos é apresentado o que de mais atual está sendo discutido no campo no âmbito mundial –; (ii) a falta de acesso aos Anais desses congressos por razões diversas como: falta de verba das bibliotecas destinada a esse fim, desvalorização ou desconhecimento por parte dos pesquisadores em relação a esse tipo de publicação, já que mesmo os congressos nacionais não são citados com frequência entre outras que carecem de investigação mais detalhada; (iii) fatores relacionados a utilização de fontes bibliográficas não-acadêmicas que serão explorados em detalhe na seção 4.4.e.

A evolução ano-a-ano (Figura 29) mostra variações na utilização dos diversos tipos de artigos, mas não é possível apontar qualquer tendência nesta variação. Por exemplo, verifica-se um aumento da utilização de referências a artigos de congressos no ano de 1992 – de 8%, em 1991, para 15% em 1992 - mas que se reduz novamente até 9% em 1995, para se elevar novamente para 12% no ano de 2000. O mesmo tipo de movimento aparece em cada uma das fontes pesquisadas.

A seguir, é analisado cada um dos tipos de origem dos artigos quanto a natureza e a origem da publicação referenciada.

4.4.c. Contagem de Periódicos

Quanto ao detalhamento dos periódicos encontrados, os resultados são mostrados na Figura 30.

Os dados obtidos confirmam os resultados de outras pesquisas (como VERGARA e CARVALHO, 1995; VERGARA e PINTO, 2000) de que os periódicos científicos mais utilizados para referências são a RAE, RAUSP e RAP. Os dados mostram ainda que, embora eles sejam os mais utilizados e que a sua representatividade seja de 22,4% em relação ao total dos periódicos, a sua utilização limita-se a 5,28% das citações totais.

Quanto aos periódicos internacionais, observa-se forte concentração em alguns periódicos – 29,41% das referências a artigos de periódicos internacionais concentram-se em apenas 5 periódicos (Figura 30). A utilização mais freqüente de um periódico dedicado à área de Psicologia confirma os resultados anteriormente obtidos no que se refere à concentração de temas relativos aos aspectos comportamentais na área de RH. Os outros três periódicos estrangeiros mais utilizados – HBR, ASQ e AMR – não são específicos da área de RH, o que pode sugerir que os autores preferem recorrer a fontes mais generalistas.

Vale considerar também que embora a ASQ e a AMR, sejam periódicos internacionais conhecidos por seu rigor no processo de revisão, a HBR não é conceituada como uma revista acadêmica, podendo ser considerada uma revista de divulgação.

4.4.d. Contagem de Congressos

A classificação das referências a artigos apresentados em Congressos, por sua vez, revela a preferência pela citação ao Enanpad (Figura 31). Essa referência, no entanto, é bastante reduzida quando comparada ao total de referências – apenas 3% de todas as citações. Esse resultado é preocupante, uma vez que deveria se esperar

que o congresso acadêmico mais importante da área fosse mais consultado como fonte para as novas pesquisas, que seriam nele mesmo divulgadas. Em outras palavras, é preocupante que a nossa pesquisa tenda a desqualificar a pesquisa anterior local, publicada no mesmo veículo para o qual é direcionada. A pouca referência a Congressos estrangeiros também revela a pouca preocupação com a utilização de dados mais recentes de pesquisa divulgados no exterior, como visto anteriormente.

A preferência é por livros internacionais que, em geral, não obedecem aos mesmos critérios para publicação e que trazem, muitas vezes, idéias, conceitos e teorias já largamente apresentadas e debatidas em congressos e publicações científicas nos anos anteriores.

4.4.e. Contagem de Outros Artigos

A classificação das referências aos demais artigos (que não de periódicos, ou congressos, ou livros nacionais e internacionais na área de Administração) trouxe os resultados apresentados na Figura 32.

Observa-se a utilização mais freqüente de artigos de fontes não científicas, como a “*Revista Exame*”, o Jornal “*A Folha de São Paulo*” e de sites diversos da Internet. Quando considerados em relação ao total das citações, as proporções não parecem ser muito significativas, mas é bom lembrar que, conforme mostrado anteriormente, as referências a esses outros tipos de artigos representam proporção maior (19%) do que os artigos de congressos (10%) e equivalem às referências feitas a artigos de livros (20%). Essa predominância de referências não-científicas é realmente preocupante, mostrando a fragilidade de parte da base teórico-conceitual utilizada na área. Além disso, quando tomada em conjunto a fraca contribuição científica de boa parte dos trabalhos, a forte presença de referência não-científica evidencia a fragilidade da nossa produção, e pode ajudar a explicar nossa pequena – ou quase

inexistente – presença no campo internacional, que dificilmente a tolera uma ou outra dimensão dessa fragilidade.

4.4.f. Contagem de Outros

A classificação de referências de outras fontes revela a utilização de dissertações e teses (Figura 33). Esse número – quase 6% do total das citações – é maior do que a referência feita aos artigos apresentados no Enanpad, por exemplo, e é semelhante ao total de referências feitas aos artigos dos principais periódicos científicos.

Se por um lado isso pode evidenciar uma possível preocupação com o uso de fontes atualizadas e ligadas ao avanço do conhecimento, conjecturamos possa ter mais relação com auto-citação e com referências endógenas, centradas nas instituições de origem ou de imediato contato dos autores. Como não parte do escopo desta pesquisa a análise desse tipo de produção bibliométrica, a conjectura é aqui deixada como provocação para futuros estudos da área.

4.4.g. Conclusões

A análise das Referências Bibliográficas apresentadas nos artigos apresentados nos Enanpads na área de RH nos anos 90 (1991-2000) revela, portanto, os seguintes pontos principais:

- i) No geral, artigos e livros são citados em proporções equivalentes – 46,5% e 43,4% respectivamente.
- ii) A maioria das referências nacionais é a artigos (49,3%) de livros, periódicos, congressos e outros, enquanto que as referências internacionais são, na maior parte, a livros (53,2%).

- iii) A maioria das referências, quer seja a artigos ou livros é de fonte estrangeira (58,1%). Supomos que isto seja semelhante para a análise da origem de autoria (o que não é feito no presente estudo, conforme mencionado na introdução desta seção), e que, portanto, uma futura análise dessa forma deve demonstrar predominância ainda maior nas referências a autores estrangeiros.
- iv) Dentre os artigos, predominam os artigos de periódicos nacionais, sendo 24% deles provenientes da RAE, RAUSP, RAP e RAC. Mas, quando comparadas ao total das citações, as referências a artigos publicados nesses periódicos respondem por apenas 5% do total.
- v) A análise dos artigos de periódicos internacionais, embora em menor número no total, mostra grande concentração em poucos títulos: os 5 periódicos mais consultados também respondem por um total de 5% do total das referências bibliográficas.
- vi) Os artigos apresentados em congressos são pouco consultados – mesmo os do próprio Enanpad (2,7% do total das referências) – ou seja, a área não costuma recorrer aos resultados de pesquisas mais recentes dentro da própria academia nacional.
- vii) Quanto aos artigos de outras fontes de consulta, como revistas não-científicas, jornais e sites da Internet, a proporção de utilização equivale à dos artigos do Enanpad, o que sugere uma excessiva valorização de fontes não-científicas.
- viii) Mais de 4% do total das referências são a teses e dissertações, o que tanto pode indicar maior focalização de conhecimento atualizado, quanto pode indicar auto-citação e endogenia.

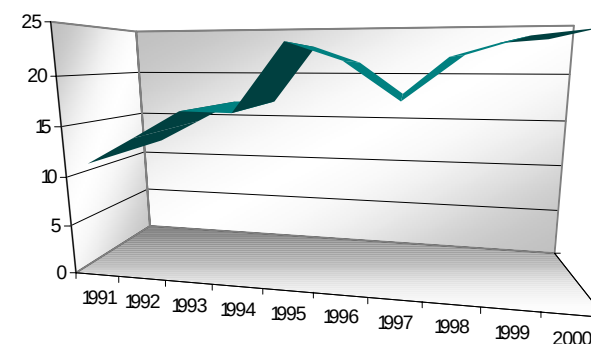
Assim, a distribuição das referências mostra que, embora as referências a artigos e livros sejam equivalentes – 46% e 43% do total – o detalhamento dos artigos revela que a proporção dos artigos publicados nos periódicos científicos nacionais e internacionais é reduzida – 23,5% do total de referências citadas na amostra.

Como artigos publicados em livros somam 9,25%, pode-se dizer que **52,7% do total das referências são livros ou coletâneas** – fontes que, conforme comentado anteriormente, costumam não ser representativas do “estado-da-arte” da teoria ou mesmo da pesquisa na academia e que não obedecem, necessariamente, aos critérios mais rigorosos para publicação existentes nos principais periódicos científicos.

Esses números sugerem também que grande parte das referências utilizadas – **22% do total das referências** – são artigos publicados em periódicos científicos nacionais de menor circulação (1,41%), em outros periódicos internacionais (11,64%), congressos de menor rigor e relevância (2,01%) e jornais e revistas (4%), ou seja, referências com teor ou rigor científico questionável.

Figura 26. Referências Bibliográficas quanto ao tipo e origem da fonte

<i>Referências Bibliográficas</i>	<i>Nacionais</i>		<i>Internacionais</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%
ARTIGOS	1.201	49%	1.501	44%	2.702	46%
LIVRO	729	30%	1.797	53%	2.526	43%
OUTROS	506	21%	80	2%	586	10%
Total geral	2.436	42%	3.378	58%	5.814	100%

Figura 27. Evolução da média das citações por artigo**Figura 28. Fonte de origem dos artigos referenciados**

<i>Origem dos Artigos Referenciados</i>	<i>Nacionais</i>		<i>Internacionais</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%
PERIÓDICO	409	34%	959	64%	1.368	51%
LIVRO	191	16%	347	23%	538	20%
OUTROS	370	31%	152	10%	522	19%
CONGRESSO	231	19%	43	3%	274	10%
TOTAL ARTIGOS	1.201	44%	1.501	56%	2.702	100%

Figura 29. Evolução anual da utilização de artigos

Artigos	Livro			Outros			Periódicos			Congressos			Total	
	N	% Livro	% ano	N	% outros	% ano	N	% period.	% ano	N	% congr.	% ano	N	%
1991	16	3%	16%	32	6%	33%	42	3%	43%	8	3%	8%	98	4%
1992	22	4%	31%	9	2%	13%	30	2%	42%	11	4%	15%	72	3%
1993	39	7%	21%	36	7%	19%	95	7%	51%	16	6%	9%	186	7%
1994	49	9%	27%	35	7%	19%	79	6%	43%	19	7%	10%	182	7%
1995	25	5%	11%	42	8%	19%	140	10%	63%	14	5%	6%	221	8%
1996	71	13%	19%	37	7%	10%	231	17%	63%	30	11%	8%	369	14%
1997	46	9%	18%	65	12%	26%	107	8%	43%	32	12%	13%	250	9%
1998	74	14%	23%	51	10%	16%	168	12%	52%	30	11%	9%	323	12%
1999	95	18%	25%	71	14%	19%	172	13%	45%	41	15%	11%	379	14%
2000	101	19%	16%	144	28%	23%	304	22%	49%	73	27%	12%	622	23%
TOTAL	538	20%		522	19%		1368	51%		274	10%		2702	100%

Figura 30. Periódicos Nacionais e Internacionais mais citados

PERIÓDICOS MAIS CITADOS				
Nacionais	N	% Nacionais	% Periódicos	% Citações
RAE	173	42,30%	12,65%	2,98%
RAUSP	100	24,45%	7,31%	1,72%
RAP	34	8,31%	2,49%	0,58%
TENDÊNCIAS DO TRABALHO	12	2,93%	0,88%	0,21%
RAC	8	1,96%	0,58%	0,14%
Total dos 5 mais citados	327	79,95%	23,90%	5,62%
Internacionais	N	% Internacionais	% Periódicos	% Citações
JOURNAL OF APPLIED PSYCHOLOGY	87	9,07%	6,36%	1,50%
HARVARD BUSINESS REVIEW	63	6,57%	4,61%	1,08%
ADMINISTRATIVE SCIENCE QUATERLY	49	5,11%	3,58%	0,84%
ACADEMY OF MANAGEMENT REVIEW	45	4,69%	3,29%	0,77%
HUMAN RELATIONS	38	3,96%	2,78%	0,65%
Total dos 5 mais citados	282	29,41%	20,61%	4,85%

Figura 31. Congressos mais citados

CONGRESSOS MAIS CITADOS*				
Nacionais	N	% Nacionais	% Periódicos	% Citações
ANPAD	134	58,01%	9,79%	2,31%
REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA	23	9,96%	1,68%	0,40%
Total dos 2 mais citados	157	67,97%	11,47%	2,70%

**há grande dispersão de citação a congressos internacionais, assim não há nenhum que possa ser considerado mais citado.

Figura 32. Artigos de outros periódicos mais citados

ARTIGOS DE OUTROS PERIÓDICOS MAIS CITADOS**				
Nacionais	N	% Outros	% Periódicos	% Citações
REVISTA EXAME	55	10,52%	4,02%	0,95%
FOLHA DE SÃO PAULO	22	4,21%	1,61%	0,38%
SITE	20	3,82%	1,46%	0,34%
JORNAL CORREIO DO POVO	15	2,87%	1,10%	0,26%
HSM MANAGEMENT	14	2,68%	1,02%	0,24%
GAZETA MERCANTIL	12	2,29%	0,88%	0,21%
SÃO PAULO EM PERSPECTIVA	11	2,10%	0,80%	0,19%
Total dos 7 mais citados	149	28,49%	10,88%	2,56%

**há grande dispersão de citação a veículos internacionais, assim não há nenhum que possa ser considerado mais citado.

Figura 33. Artigos de outras fontes – as mais citadas

ARTIGOS DE OUTRAS FONTES - MAIS CITADAS			
Nacionais e Internacionais	N	% Outros	% Citações
DISSERTAÇÃO	127	21,71%	2,18%
TESE	123	21,03%	2,12%
RELATÓRIO DE PESQUISA	68	11,62%	1,17%
LEI	13	2,22%	0,22%
MONOGRAFIA	9	1,54%	0,15%
Total dos 5 mais citados	340	58,12%	5,85%

4.5. Demografia de Autoria

A análise da demografia de autoria (Figura 34) mostra que os dez autores que mais apresentaram trabalhos no Enanpad contribuíram com 15% do total da produção da área de RH no período, o que sugere um elevado grau de concentração da produção acadêmica na área. Essa concentração é confirmada na contagem das instituições de origem dos autores dos artigos (Figura 35): 51,27% dos artigos apresentados no Enanpad provêm de apenas três programas – UFMG, FEA-USP e UFRGS – os mesmos encontrados pela pesquisa de SIQUEIRA em 1989, o que evidencia que um padrão que se mantém ao longo de muito tempo na área. Os dados obtidos nesta parte confirmam a orientação já indicada por SIQUEIRA, em 1988, ou seja, são sempre as mesmas instituições a publicarem na área, e mostram um número reduzido de pesquisadores envolvidos com o tema no Brasil.

O espelho mostra, enfim, uma realidade que precisa ser enfrentada para ser superada.

Figura 34. Autores que mais publicaram em RH nos Enanpads nos anos 90

Autor	Artigos	% Total
Fleury, Maria	6,33	2,18%
Melo, Marlene	6,00	2,07%
Piccinini, Valmiria	5,08	1,75%
Barbosa, Allan	4,50	1,55%
Eboli, Marisa	4,00	1,38%
Marques, Antonio	4,00	1,38%
Moraes, Lucio	4,00	1,38%
Caldas, Miguel	3,50	1,21%
Garcia, Fernando	3,50	1,21%
Siqueira, Moema	3,50	1,21%
Total dos 10+	44,42	15%

Figura 35. Instituições de Origem dos Autores – Programas que Mais Apresentaram Trabalhos na Área no Período

Instituição	Artigos	% Total
UFMG	73,67	25,40%
FEA-USP	41,00	14,14%
UFRGS	34,00	11,72%
FGV-EAESP	13,50	4,66%
UFSC	12,25	4,22%
UFPE	11,50	3,97%
PUC-RJ	10,33	3,56%
UFBA	10,00	3,45%
UFRN	8,50	2,93%
UNB	8,50	2,93%
Total 10+	223,25	77%

V. CONCLUSÃO: RH ATRAVÉS E ALÉM DO ESPELHO

Vimos nas seções anteriores que a produção na área de Recursos Humanos no Enanpad apresenta problemas e desafios semelhantes às áreas que já realizaram meta-estudos semelhantes no campo de Administração.

De forma geral, o espelho revela uma imagem preocupante da produção da área no período: **traços** de um *crescimento mais em volume* do que em **qualidade** da pesquisa; um **perfil epistemológico** predominantemente *funcionalista*; uma **silhueta temática diluída** e em busca de uma identidade mais precisa, especialmente no que tange à sua fronteira, anteriormente com a área de Organizações, e agora com a recém-criada área de Comportamento Organizacional; um **contorno de proposta científica** mais *empiricista* do que de construção teórica; uma **feição metodológica qualitativa** usando, em geral, – e muitas vezes de forma confusa e questionável – *estudos de caso* (costumeiramente ilustrativos ou descritivos) sem necessariamente ter pretensões de construção indutiva de conhecimento; **linhas** de *inspiração estrangeira*, com o predomínio da referência bibliográfica de outros países; e por fim, **formas étnicas** familiares, com a dominância de um conjunto extremamente limitado tanto de autores (15% da produção feita por 10 autores), quanto de instituições de origem (51,27% dos trabalhos oriundos de apenas três programas).

Porém, a imagem não é inteiramente negativa. A análise detalhada mostra ilhas (novamente, grupos limitados de programas e autores, e às vezes, autores isolados) de alta qualidade, em termos de rigor e relevância. Mas a imagem no espelho revela que a verdade é que, ao longo do tempo, a área ainda não conseguiu a difusão uniforme da qualidade existente, nem tampouco sua consolidação de fronteira inequívoca. São desafios a viver e superar. Desafios de espelho.

É fundamental acreditar que há uma vida melhor para a área através – e além – do espelho. O campo acadêmico de Recursos Humanos precisa engajar-se de maneira rápida e abrangente em um debate sobre o que quer, como quer e até onde quer. É a crise de qualquer um que ignorou o espelho por muito tempo. Só se espera que a área não queira quebrar o espelho, para evitar enfrentar sua própria imagem, e assim

evitar os problemas que ela evidencia. Ou pior ainda, que não se queira matar o mensageiro.

VI. BIBLIOGRAFIA

Academy of Management Review - AMR. Special Issue on Theory Building. Vol.14, No. 4, 1989.

Administrative Science Quarterly – ASQ. Forum on Theory Building. Vol. 40 (Special Issue), 1995.

ALVESSON, M. e SKÖLDBERG, K. *Reflexive methodology: new vistas for qualitative research*. London: Sage Publications, 2000.

BAUER, Martin e GASKELL, George *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.

BERTERO, C. O e KEINERT, T. M. M. “A evolução da Análise Organizacional no Brasil (1961-93)”, *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 34, .3, p.81-90, maio/junho, 1994.

BERTERO, C.O., CALDAS, M. e WOOD, T. “Produção Científica em Administração de Empresas: Provocações, insinuações e contribuições para um debate local.” *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 3(1), jan./abr., pg. 147-178 ,1999.

BIGNETTI, L. P. e PAIVA, E. L. “Estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira.” *Anais do XXI Enanpad, Área de Produção Industrial e Serviços*, Rio das Pedras, 1997.

- BOTELHO, D. e MACERA, A. Análise metateórica de teses e dissertações da área de marketing apresentadas na FGV-EAESP (1974-1999). In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25º, 2001, Campinas. Anais... Campinas: Anpad, 2001. Marketing.
- BURRELL, G. E MORGAN, G. *Sociological paradigms and organizational analysis*. London, Heinemann, 1979.
- CRESWELL, J. *Qualitative Inquiry and research design: choosing among five traditions*. London: Sage Publications, 1998.
- CRESWELL, J. *Research Design – qualitative, quantitative and mixed methods approaches*, 2nd. Ed. London, Sage, 2003.
- DEVANA, M.; FOMBRUN, C.; TICHY, N. M. *Strategic Human Resource Management*. New York: John Wiley & Sons, 1984.
- DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna *Handbook of Qualitative research*, London, Sage, 1994.
- EISENHARDT, Kathleen. “Building Theories from Case Study Research.” *The Academy of Management Review*, vol. 14 n.4, October, p. 532-550, 1989.
- FRENCH, W. L. *The Personnel Management Process*. Boston, 5th ed., Houghton Mifflin, 1982.
- HOPPEN, N., AUDY, J.L.N., ZANELA, A.I.C., CANDOTTI, C.T., SANTOS, A M., SCHEID, R. PERIN, M.G., MECCA, M.S. e PETRINI, M. “Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90.” Anais do XXIII Enanpad, Área de Sistemas de Informação, Foz do Iguaçu, 1998.

- MACERA, A. e BOTELHO, D. “Análise metateórica de teses e dissertações da área de marketing apresentadas na EAESP-FGV (1974-1999)” Anais do XXIV Enanpad, Área de Marketing, Florianópolis, 2000.
- MACHADO-DA-SILVA, C.; CUNHA, V. C. e AMBONI, N. “Organização: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil.” Anais do 14º Enanpad, v. 6 (Organizações), p. 11-28, 1990.
- MARTINS, G. “Abordagens metodológicas em pesquisas na área de Administração.” *Revista de Administração – RAUSP*, São Paulo, v. 32, n.3, p. 5-12, julho/setembro, 1997.
- PERIN, M.G., SAMPAIO, C. H., FROEMMING, L.M.S. e LUCE, F. B. “A pesquisa survey em artigos de marketing nos Enanpads da década de 90”. Anais do XXIV Enanpad, Área de Marketing, Florianópolis, 2000.
- RODRIGUES, S. B. e CARRIERI, A P. “A tradição anglo-saxônica em Estudos Organizacionais brasileiros”. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*, Edição Especial 2001: 81-102, 2001.
- ROESCH, S., ANTUNES, E. e SILVA, L.V. “Tendências da pesquisa em Recursos Humanos e Organizações: uma análise das dissertações de mestrado”, Anais do XXI Enanpad, Rio das Pedras, 1997.
- SATO, Leny. “Processos Organizativos cotidianos e corriqueiros: a leitura da etnometodologia”. *Psicologia e Sociedade*. São Paulo, v.13, n.1. jan/jun, 2001.p.129-151.
- SIQUEIRA, Moema O tema Recursos Humanos nas reuniões da ANPAD: trajetórias e perspectivas. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 12º., 1988, Salvador, Anais..., Salvador: ANPAD, 1988.

- STOREY, J. "Human Resource Management Today: an Assessment." In: STOREY, J. (Ed.) *Human Resource Management – A Critical Text*, 2nd ed. London: Thomson Learning, 2001.
- STOREY, John. *New perspectives on Human Resource Management*. London, ITP, 1999.
- VERGARA, S. e CARVALHO JR, D. S. "Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações." *Anais do XIX Enanpad*, v. 6 (Organizações), p. 169-188, 1995.
- VERGARA, S. e PINTO, M. C. S. "Nacionalidade das referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira." *Anais do 1º ENEO*, Curitiba, 2000.
- VIEIRA, F. G. D. "Por quem os sinos doam? Uma análise da Publicação Científica na Área de Marketing do Enanpad." *Anais do XXII Enanpad, Área de Marketing*, Foz do Iguaçu, 1998.
- VIEIRA, F. G. D. "Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros." *Anais do XXIII Enanpad, Área de Marketing*, Foz do Iguaçu, 1999.
- VIEIRA, F. G. D. "Panorama acadêmico-científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil." *Anais do XXIV Enanpad, Área de Marketing*, Florianópolis, 2000.
- YIN, Robert Case. *Study Research: design and methods* London: Sage Publication

PARTE II

RESUMO

O crescimento da produção acadêmica em Administração no Brasil desde 1980 tem incentivado a publicação recente de muitos balanços críticos, como os realizados pelas áreas de Organizações, Marketing, Administração da Informação e Administração Pública. O presente trabalho faz um balanço da produção em Recursos Humanos na década de 1990, publicada nos principais periódicos científicos brasileiros (RAUSP, RAP, RAE e RAC). A pesquisa levanta e analisa *temática, base epistemológica, orientação metodológica e demografia de autoria* de todos os 127 artigos publicados entre 1991 e 2000 nesses periódicos. Os resultados indicam que, embora a produção da área tenha aumentado significativamente em volume, o perfil acadêmico de RH no Brasil é preocupante: seu escopo temático é contestado pelo recente crescimento e autonomia do campo de *comportamento organizacional*; sua base epistemológica é eminentemente funcionalista; a base metodológica é frágil, predominando estudos de caso tipicamente ilustrativos de teoria consolidada, ou seja, sem maior pretensão de indução ou criação de teoria.

PALAVRAS-CHAVES

Produção acadêmica em RH, balanço crítico, epistemologia, metodologia, temática em RH, autores em RH.

ABSTRACT

The growth in academic research in Business Administration in Brazil since 1980 has been recently investigated and questioned in several meta-studies, as can be

found in the areas of Organization Theory, Marketing, Information Technology and Public Administration. Following this trend, this paper evaluates the academic production in Human Resources area in de the 90s. Representative academic research was considered to be the articles published in the most important brazilian journals – RAUSP, RAP, RAE and RAC. For the 127 articles published in the periodicals, the paper investigates 4 variables: themes of interest, epistemological basis, methodological orientation and authorship. The results indicate that, even though production has significantly increased, the area has some serious issues to worry about: the thematic scope has been more and more disputed with Organizational Behavior area; the functionalist paradigm clearly dominates the scenario; methodological basis show problems as well, with an extensive utilization of single, illustrative case studies that merely replicates consolidated theory and that have, clearly, no intention of theory generation.

KEY WORDS

Academic production in HR, critical meta-study, epistemology, methodology, themes in HR, authors in HR.

PRODUÇÃO ACADÊMICA EM RECURSOS HUMANOS NO BRASIL - 10 ANOS DE PUBLICAÇÃO EM PERIÓDICOS DE ADMINISTRAÇÃO ^{3 4}

Maria José Tonelli

Beatriz Maria Braga Lacombe

I. INTRODUÇÃO

É inegável que, nas últimas duas décadas, o crescimento quantitativo da produção acadêmica em administração no Brasil foi significativo. Considerando-se somente a década de 1990, com o aumento da pressão promovida pela Capes para o aumento da produção docente e discente, o crescimento em volume foi ainda mais notável: contando-se apenas a produção nos principais periódicos científicos da área (RAUSP, RAP, RAE e RAC), o crescimento em número de trabalhos foi de 46,4%. No mesmo período, o aumento do número de artigos aceitos no Enanpad foi de 144,3%. Quando somados os dois canais de veiculação (periódicos e anais do Enanpad), podemos afirmar que a produção acadêmica no Brasil cresceu em 105,7% somente na década de 1990.

O crescimento quantitativo trouxe também o aumento da preocupação com a *qualidade* da produção, e com a sua inexpressividade internacional (BERTERO, CALDAS E WOOD, 1999). Esse tipo de preocupação foi materializado

³ Revista de Administração de Empresas, Revista de Administração Contemporânea, Revista de Administração da USP, Revista de Administração Pública.

⁴ A existência de outras publicações acadêmicas de primeira linha no Brasil hoje existentes, como Organizações e Sociedade e REO (Revista de Estudos Organizacionais) não foi desprezada. No entanto, como tais periódicos só chegaram a estágios editoriais mais consolidados no final do período, seus conteúdos não foram incluídos na base de dados sob investigação. Sugerimos fortemente que uma análise focada em período posterior considere a inclusão desses importantes periódicos brasileiros na investigação.

principalmente por uma onda de balanços retrospectivos, essencialmente críticos, feitos a partir de 1990 e, mais intensamente após 1997.

Esta seção – parte II do relatório de pesquisa – apresenta os resultados obtidos a partir análise dos artigos de RH publicados durante a década de 90 em Revistas Acadêmicas de Administração: Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Contemporânea (RAC), Revista de Administração da USP (RAUSP) e Revista de Administração Pública (RAP). Esta primeira seção da parte II do relatório está organizada da seguinte forma: a seguir, apresentamos os principais estudos que fizeram balanços críticos sobre a produção em Administração, a exemplo das descrições feitas na primeira parte do relatório. Em seguida, apresentamos as revisões feitas especificamente sobre a área de RH. Após essa contextualização do projeto na área, da mesma forma como apresentado na Parte I, apresentamos a Metodologia da Investigação, são apresentados os critérios utilizados na análise das variáveis temática, base epistemológica, perfil metodológico e demografia de autoria.

Na seção “Resultados”, da mesma forma que o projeto realizado para os artigos apresentados no Enanpad que foi descrito na Parte I, mostramos a produção da área de RH nas principais revistas acadêmicas (citadas anteriormente) em relação ao total de produção na área, o total de artigos de RH publicados no período analisado, bem como todos os resultados obtidos para as variáveis pesquisadas e descritas acima. Finalmente, na conclusão, argumenta-se que à semelhança do que ocorreu em outras áreas de administração já cobertas em outros meta-estudos e, confirmando os resultados obtidos na Parte I, referente à análise dos artigos publicados em RH nos Enanpads, a investigação sobre os periódicos apresenta uma imagem reveladora – embora por vezes preocupante – da produção acadêmica em Recursos Humanos no período: uma pesquisa que cresceu mais no volume do que na qualidade, de temática diluída e fronteira em disputa com outras áreas, funcionalista e empiricista, metodologicamente questionável, com predominância de pesquisa qualitativa sem maior pretensão indutiva, de inspiração estrangeira, e por fim, concentrada na origem por um conjunto extremamente limitado de autores e programas (sendo que, em geral, a qualidade da produção acompanha esta concentração: a pesquisa

consistente e rigorosa tipicamente é advinda do mesmo conjunto de pesquisadores, ou de trabalhos isolados de maior consistência).

II. BALANÇOS CRÍTICOS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA EM ADMINISTRAÇÃO

Como citado anteriormente (Parte I deste relatório), o trabalho pioneiro de MACHADO-DA-SILVA, CUNHA E AMBONI (1990) parece ser aquele que despertou a academia de Administração para a necessidade de uma ampla avaliação de sua produção. Os autores fizeram uma avaliação dos artigos da área de Organizações, a partir de artigos publicados em periódicos, no período de 1985 a 1989, concluindo pela fragilidade teórico-metodológica da área no período, e pelo predomínio de uma orientação funcionalista.

A partir desse primeiro levantamento, várias áreas passaram a fazer balanços críticos desse tipo, como a de Marketing (VIEIRA, 1998, 1999, 2000; PERIN *et al.*, 2000; BOTELHO E MACERA, 2001), a de Administração da Informação (HOPPEN *et al.*, 1998), Estratégia (BIGNETTI E PAIVA, 1997) e a de Administração Pública (KEINERT, 2000). Mais recentemente, dando continuidade a essa tendência iniciada no início da década de 90, foram apresentados novos estudos nas áreas de Marketing (VIEIRA, 2003); Operações (ARKADER, 2003) e; Finanças (LEAL *et al.*, 2003). O que chama a atenção em praticamente todos estes estudos é a convergência da conclusão: quase todos indicam problemas sérios na *qualidade* dos trabalhos.

Também na área de **Organizações**, o trabalho de BERTERO e KEINERT (1994) avaliou artigos publicados na Revista de Administração de Empresas (RAE), no período de 1961 a 1993. Segundo esses autores, os artigos do período na área de Análise Organizacional reproduzem, de modo geral, a temática estrangeira, e não há originalidade nem reflexão sobre a aplicabilidade dos conceitos para a realidade brasileira.

Já na área de **Marketing**, como evidenciamos anteriormente na Parte I deste relatório, VIEIRA (1998, 1999, 2000) realizou um amplo balanço crítico em três versões. No trabalho de 1998, o autor mostrou, ao avaliar os artigos publicados nos Anais do Enanpad durante a década de 90, que os temas pesquisados estavam voltados para Comportamento do Consumidor, Estratégia de Mercado, Marketing de Serviços e Sistema de Informação de Pesquisa em Marketing, e que a produção acadêmica dessa área concentra-se na UFRGS, na USP e na UFRJ. No trabalho de 2000, o autor traça um panorama sobre aspectos qualitativos dos trabalhos em Marketing, mostrando que, ainda que tenha crescido nos últimos anos, a área apresenta questões sérias relativas à qualidade de sua produção. Ainda na área de Marketing, PERIN et al. (2000) afirmam que a análise de pesquisas empíricas do tipo *survey* nessa área, publicadas na década de 90 nos anais dos Enanpad, têm qualidade, no mínimo, questionável. O artigo de BOTELHO e MACERA (2000), que analisou teses e dissertações produzidas na FGV-EAESP, no período de 1974 a 1999, sugere que a área é caracterizada pela ausência de uma avaliação meta-teórica.

Conclusões semelhantes repetem-se na área de **Administração da Informação**. O trabalho de HOPPEN et al. (1998) mostrou que, dos 163 artigos publicados nessa área em revistas científicas no período entre 1990 e 1997, 41% são ensaios e, dos trabalhos empíricos, 72% são do tipo “*survey*”. Entretanto, dizem os autores, sejam os estudos qualitativos ou quantitativos, a qualidade da produção é baixa.

Outros balanços e meta-estudos retrospectivos ou não se concentraram em uma única área, ou foram focados em um aspecto específico da produção analisada, como o perfil metodológico, por exemplo. Nessa linha, MARTINS (1997) pesquisou as abordagens metodológicas das teses e dissertações produzidas entre 1980 e 1993 em três programas de pós-graduação em Administração (FEA-USP, FGV-EAESP, FEA-PUC). O autor mostrou que os trabalhos são, em sua maioria, empiricistas, positivistas e funcionalistas.

Um outro tipo de meta-estudo que se tornou popular é o que avalia o tipo, origem e padrão de citações da produção científica. O trabalho pioneiro de VERGARA e

CARVALHO JR (1995) teve importante papel na difusão desse tipo de balanço no Brasil. Esses autores estudaram as referências bibliográficas de artigos em Organizações: seus resultados mostraram que os autores brasileiros da área usam preferencialmente livros e artigos estrangeiros - predominantemente americanos e ingleses – e, quando se trata de periódicos, a predominância é de revistas norte-americanas. As referências aos autores brasileiros é minoria. Cinco anos depois, VERGARA e PINTO (2000) atualizaram e expandiram o meta-estudo, chegando a conclusões semelhantes: as referências naquela área ainda eram predominantemente norte-americanas; no entanto, essa segunda edição do meta-estudo ressalta, positivamente, o aumento do número de autores nacionais referenciados (40%).

III. A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA EM RECURSOS HUMANOS

A produção acadêmica na área de Recursos Humanos é recente no Brasil. Até a década de 80, a pesquisa era escassa e pontual, sendo quase toda a literatura “importada” e, portanto, não representativa dos problemas da nossa realidade. A partir dos anos 1980, devido em parte à maior visibilidade que Recursos Humanos ganha no contexto internacional e à criação da área no Enanpad – Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração no Brasil – em 1982, que desperta um crescente interesse da academia pela área e os temas a ela relacionados.

Entretanto, a despeito de um crescimento quantitativo significativo e da difusão de balanços críticos e meta-estudos nas demais áreas, até 2002 a área de RH ainda não tinha feito um levantamento exaustivo de sua produção científica, embora dois estudos (SIQUEIRA, 1988; ROESCH, ANTUNES e SILVA, 1997) tenham procurado iniciar e incentivar esse tipo de levantamento.

Em seu estudo pioneiro da área, SIQUEIRA (1988) faz um levantamento inicial sobre a produção nos primeiros cinco anos da área no Enanpad: 1982 a 1987. A autora mostra que, para o período analisado, há um crescimento em volume de

trabalhos, e sugere que o crescimento da administração de RH no Brasil estaria ligado ao desenvolvimento industrial do país. Foi esse mesmo processo que teria levado ao aumento dos cursos de pós-graduação em Administração no Brasil e à criação da Anpad e do Enanpad. Os artigos foram classificados por SIQUEIRA em duas categorias, técnico / descritivos ou analíticos: os resultados mostraram que há um equilíbrio entre os dois tipos (47,8% e 52,2% respectivamente). A autora avalia também as temáticas dos artigos da amostra. Embora com alguma variação ao longo dos anos, os resultados mostram que tecnologia e RH (20,5%), negociações coletivas e sindicalismo (14,5%), políticas de RH (14,5%) e compensação (11,6%), foram os sub-temas mais frequentes. Ainda nesse trabalho, a autora também aponta para o fato de que as instituições que mais apresentaram trabalhos na área foram a FEA-USP e UFRGS. Apesar do seu pioneirismo e evidente contribuição, o escopo do trabalho de Siqueira não alcança as profundas mudanças vividas pela área na década de 1990, o que justifica nos dias de hoje sua extensão e complemento.

Além de SIQUEIRA (1988), a pesquisa de ROESCH, ANTUNES e SILVA (1997) também avaliou a relevância da pesquisa na área de Recursos Humanos e Organizações, a partir da análise de 74 dissertações de mestrado, nas décadas de 80 e 90. Os autores mostram que existe uma predominância de estudos quantitativos em RH – em contraposição ao predomínio de estudos qualitativos em Organizações – e comentam que esse tipo de pesquisa, isto é, que faz uso de estudos de casos, com métodos quantitativos, não permite generalizações e é pouco relevante quando é considerada a abrangência dos seus resultados.

Parece evidente que, à luz da abrangência temporal e de profundidade de análise dos balanços críticos das demais áreas, o campo de Recursos Humanos ainda não tinha feito, até 2002, uma avaliação crítica suficientemente aprofundada de sua produção científica. Os dois balanços anteriores, apesar de altamente contributivos, ou oferecem dados não recentes (SIQUEIRA, 1988) ou fazem uma avaliação não exaustiva de toda a produção científica da área no Brasil (ROESCH, ANTUNES e SILVA, 1997).

Assim, o presente trabalho pretende colaborar para uma avaliação mais extensiva e aprofundada da área (que sem dúvida ainda não se esgota com este estudo), usando todos os estudos referenciados anteriormente como fontes de inspiração, tanto quanto à metodologia utilizada, como quanto às variáveis pesquisadas. Como produto, o presente estudo apresenta, essencialmente, um perfil da produção acadêmica na área de Recursos Humanos, a partir da análise de todos os artigos publicados em periódicos científicos no Brasil na década de 90 .

IV. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A base de dados da pesquisa foi constituída a partir de todos os artigos de Recursos Humanos publicados, entre 1991 e 2000, nas principais revistas acadêmicas de Administração no Brasil (127 artigos, no total). Foram analisados os seguintes periódicos: Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Pública (RAP), Revista de Administração da USP (RAUSP) e Revista de Administração Contemporânea (RAC). A escolha desses periódicos seguiu o padrão de outros estudos (MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI (1990); VIEIRA (2000); HOPPEN *et al.* (1998), por exemplo) que já fizeram uso dessas revistas como as principais publicações em Administração no país.

O presente estudo baseou-se na metodologia de coleta e análise dos mais citados meta-estudos nas diversas áreas do Enanpad, por exemplo, VIEIRA (1998, 1999, 2000, 2003), PERIN *et al.* (2000), BOTELHO e MACERA (2001), BIGNETTI e PAIVA (1997) e KEINERT (2000) já mencionados. Para selecionar os artigos de RH dentre todos os publicados nos periódicos foi utilizado o critério proposto por ROESCH *et al.* (1997), já que os trabalhos nem sempre aparecem classificados por área pelos próprios editores.

A principal diferença da presente pesquisa em relação aos meta-estudos mencionados anteriormente, além do foco em RH, é que o intento dos autores com este estudo foi fazer um balanço tão abrangente quanto possível, enfocando para a

base analisada a maioria das variáveis analisadas separadamente em balanços anteriores feitos em outras áreas da administração: (i) temática, (ii) base epistemológica, (iii) perfil metodológico e (iv) demografia de autoria.

No que tange à variável **temática**, a classificação dos artigos da amostra esbarra, naturalmente, em discussões intermináveis sobre escopo e fronteiras da área de recursos humanos com outros campos de conhecimento, como organizações, comportamento organizacional, psicologia organizacional etc., fazendo da área um território científico contestado, disputado e em crise constante de identidade, como mencionamos na Parte I. Nossos critérios de classificação temática, da mesma forma que na análise dos artigos apresentados no Enanpad, foram, obviamente, afetados por essas limitações históricas do campo. A primeira tentativa de classificação por “clusters” dos artigos a partir da listagem dos temas declarados e das palavras-chave resultou confusa e arbitrária, tendendo a ser enviesada pelo filtro epistemológico e teórico dos codificadores envolvidos. Por esse motivo, preferiu-se fazer uma classificação mais genérica, centrada na diferenciação das grandes tradições temáticas de pesquisa em RH, que em boa parte refletem a própria evolução da área nas últimas décadas. Nesse sentido, foram criadas quatro categorias temáticas arbitrárias, que melhor englobavam os temas exaustivamente listados na base de dados: (a) *Funções de Recursos Humanos*, (b) *Políticas de Gestão de Pessoas*, (c) *Comportamento Organizacional*; e (d) *Outros*. Foram classificados como de *Funções de Recursos Humanos* todos os artigos cuja temática referia-se aos chamados “sub-sistemas” tradicionais de RH, que orientam e regulam as práticas da área nas organizações: recrutamento e seleção, treinamento, avaliação de desempenho etc. A classificação de artigos nesse grupo adotou como base definições clássicas dessa função, tal como revistas, por exemplo, em FRENCH (1982) e DEVANA, FOMBRUN e TICHY (1984). Artigos codificados como de *Políticas de Gestão de Pessoas* eram de objetivo ou intento de aplicação organizacional, mas não se focavam nas funções ou “sub-sistemas” clássicos propriamente ditos, não sendo tampouco reflexivos nem voltados à ação de indivíduos. A classificação nesse grupo foi consistente com a definição desse tipo de enfoque feita por autores como STOREY (1999, 2001). Os trabalhos classificados como de *Comportamento Organizacional* tinham como foco o

indivíduo e sua relação com a organização, sendo tal categorização baseada na definição de escopo da nova área temática homônima no Enanpad a partir de 2001. Por fim, a classificação em *Outros* ficou reservada para todos os artigos que não puderam ser classificados nas três temáticas anteriores, como por exemplo trabalhos que abordavam a questão ambiental, ou o sindicalismo.

No que tange à variável de **base epistemológica**, os artigos foram avaliados segundo o seu paradigma preponderante, usando as definições apresentadas por BURRELL e MORGAN (1979), e seguindo as indicações para este tipo de avaliação feita em estudos similares (MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI, 1990; VIEIRA, 1999). Nesse sentido, cada artigo foi categorizado como *predominantemente* funcionalista, interpretacionista (ou “interpretativo”), humanista radical e estruturalista radical.

O grupo de variáveis de **perfil metodológico** foi obviamente um dos mais complexos em termos de classificação, e envolveu a categorização dos artigos em várias “camadas” de profundidade, como sugerem estudos semelhantes. Na camada mais genérica, utilizou-se a proposição indicada por MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI (1990) e, portanto os artigos foram classificados em: *empíricos* – aqueles onde não há quadro referencial específico para a explicação das situações reais, a concentração se dá na observação e análise de dados –, *teórico-empíricos* – compreendendo estudos que partem de um quadro de referências teóricas e, pela coleta de dados, buscam confirmá-lo ou refutá-lo no todo ou em parte – ou *teóricos* – envolvendo trabalhos que limitam-se a conceitos, proposições, identificação de variáveis, construção ou reconstrução de modelos, sem envolver teste empírico. A categorização de cada artigo segundo esses parâmetros foi também sustentada pelas indicações de CRESWELL (1998), EISENHARDT (1989), ALVESSON e SKÖLDBERG (2000), e DENZIN e LINCOLN (1994).

A partir dessa classificação metodológica mais genérica, os artigos foram re-agrupados em sub-classificações dentro de cada um desses três grupos. Nos casos em que o artigo foi categorizado como *teórico*, uma sub-classificação foi feita em: (a) ensaio de revisão de teoria existente; (b) ensaio de sistematização de teoria

existente; (c) ensaio que constrói ou propõe um conceito ou construto; e (d) ensaio que constrói ou propõe teoria. Tal sub-classificação dos artigos teóricos baseou-se nos direcionamentos derivados dos fóruns sobre o tema da *Academy of Management Review* (1989) e da *Administrative Science Quarterly* (1995).

Já os artigos *teórico-empíricos* foram sub-classificados em *quantitativos* (compreendendo aqueles que usavam modelos estatísticos para análise de dados e suas estratégias incluíam “*surveys*” e experimentos [BAUER e GASKELL, 2002]) ou *qualitativos*. Pela relevância e diversidade de sua representação na amostra em análise, os trabalhos categorizados como qualitativos tiveram ainda mais uma sub-classificação, usando as indicações sugeridas por CRESWELL (2003) e DENZIN e LINCOLN (1994); assim, esses artigos foram categorizados em:

- (a) “*Grounded theory*”, compreenderam os trabalhos que buscaram construir teoria a partir da descoberta de padrões, temas ou categorias que surgem a partir dos próprios dados e que, em geral partem de uma teoria, mas sem uma hipótese a ser testada. Nesse tipo de trabalho, conforme os dados adquirem um padrão ou classificação, são comparados com a teoria inicial e, em caso de necessidade, a teoria é reformulada;
- (b) *Etnometodologia / etnografia*, abrangeram os artigos que tinham por foco entender as condições que produzem as interações sociais, assumindo que estas resultam da construção coletiva e da organização das pessoas (SATO, 2001). O método preferido nesse tipo de trabalho era a etnografia, ou seja, a observação e a coleta de dados (em geral prolongada no tempo) usando um pesquisador que assume o papel de observador participante, presente e atuante no lugar e no grupo de pessoas que está buscando entender;
- (c) *Hermenêutica*, incluíram trabalhos que recusavam a dicotomia sujeito-objeto, presente nas abordagens positivistas, e que buscavam compreender e interpretar, com ajuda de referenciais teóricos, os sentidos dos fenômenos pesquisados;

- (d) *Análise de discurso* e narrativas, compreendendo os trabalhos de natureza tipicamente pós-estruturalista que, ainda que não tivessem todos a mesma orientação, partilhavam do conceito de que todo pensamento é fundamentalmente mediado pelas relações de poder, que são constituídas histórica e socialmente. Tipicamente, nesses artigos, a relação entre conceito e objeto e significante e significado não é fixa ou estável, e a linguagem é estudada por ser entendida como central para a formação da subjetividade; e
- (e) *Estudos de caso*, abrangendo aqueles trabalhos que faziam uma exploração de uma situação real particular (ou múltiplas situações comparadas), pontualmente ou ao longo do tempo, feita por meio de coleta detalhada e aprofundada de dados, envolvendo múltiplas fontes de informação: documentos, entrevistas, questionários e observação.

Por ser o *estudo de caso* o tipo específico de trabalho qualitativo mais representativo na amostra, os estudos de caso foram também sub-classificados, usando-se, neste caso, as indicações propostas por EISENHARDT (1989) e YIN (1998), que visam diferenciar trabalhos em função de sua complexidade e nível de contribuição científica. Esses autores lembram que os casos explanatórios e descritivos trazem baixa contribuição científica, o que pode ser agravado para os estudos de amostra única, que não permitem a triangulação dos dados obtidos. Por outro lado, estudos de casos múltiplos e de natureza exploratória trariam melhor contribuição. Assim, os estudos de caso ainda receberam as seguintes classificações: (i) único, apenas uma organização/ pessoa pesquisada ou (ii) múltiplo (a partir de três eventos ou organizações estudadas) e, em seguida, como: (a) caso explanatório (aqueles que, a partir de alguma teoria estabelecida, busca relações causais em ocorrências ou eventos, ilustrando teoria existente); (b) caso descritivo (são os que apenas relatam o fluxo de eventos em uma situação ou ocorrência, não ilustrando teoria existente e muito menos criando teoria); ou caso exploratório (aqueles que procuram criar ou propor teoria indutivamente, a partir das situações particulares estudadas).

Por fim, a variável **demografia de autoria** seguiu uma variação⁵ do procedimento adotado por VERGARA e CARVALHO JR (1995), de acordo com os padrões internacionalmente aceitos nesse tipo de pesquisa (CHANDY e WILLIAMS, 1994): a categorização da origem dos autores e instituições dos trabalhos na amostra foi feita usando o critério de proporcionalidade. Com esse critério, atribuiu-se 1 para o autor que publicou ou apresentou um artigo sozinho; $\frac{1}{2}$ para cada autor, quando há 2 autores; $\frac{1}{3}$, quando há 3 autores; e assim por diante. A mesma proporção foi atribuída à instituição à qual o(s) autor(es) estava(m) filiado(s) à época da autoria do trabalho. Esse procedimento, que difere do adotado por VERGARA e CARVALHO JR (1995), foi adotado a fim de que se pudesse alocar precisamente o total dos 417 trabalhos a cada autor e a cada instituição, evitando, dessa maneira, a contagem dupla.

A categorização (ou codificação) de cada artigo nesses quatro grupos de variáveis foi feita por três codificadores independentes (sendo somente um deles um dos autores). Para evitar desvios excessivos de classificação em função da óbvia subjetividade do trabalho de codificação, a coleta e inserção de informações no banco de dados teve uma re-conferência para todas as variáveis, excetuando-se as variáveis: “metodologia” e “referências bibliográficas”, que foram re-codificadas duas vezes, cada uma por dois codificadores.

⁵ Gostaríamos de agradecer os revisores anônimos do Enanpad 2002 pelas contribuições já incorporadas neste trabalho, o que permitiu o aperfeiçoamento da metodologia para o levantamento de autoria e evitou a dupla contagem de autores.

V. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5. A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM RH NOS ANAIS DO ENANPAD NA DÉCADA DE 1990

A produção em RH nos periódicos para o período analisado mostra crescimento – passa-se de 8 artigos em 1991 para um total de 17 em 2000 (Figura 36). O ano de 1992 mostra um aumento excepcional na publicação de artigos (18), que é seguido de um declínio e a volta ao patamar de 10 a 12 artigos por ano. Esse aumento no ano de 1992 deve-se à publicação pela RAUSP de um número contendo 7 artigos sobre RH e, em especial, a administração estratégica de RH. A evolução ano a ano (Figura 37) dos trabalhos de RH mostra uma grande variabilidade no número de artigos publicados nos periódicos: a RAUSP, por exemplo, publicou treze artigos de RH em 1992, mas apenas um em 1999; já a RAP publicou cinco em 1998, e nenhum no ano anterior.

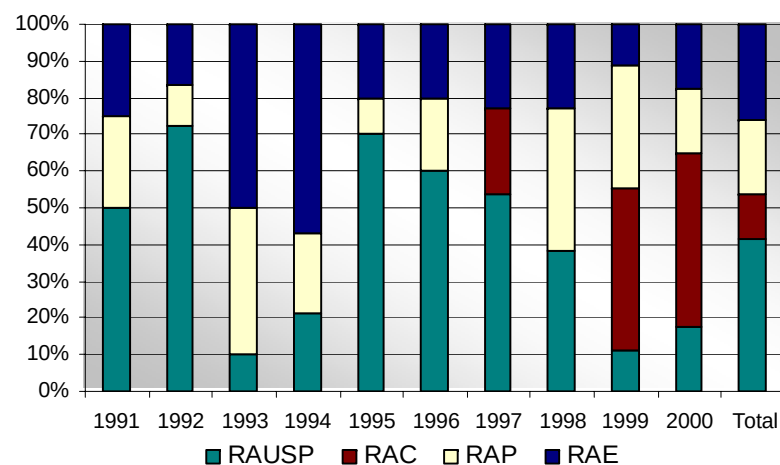
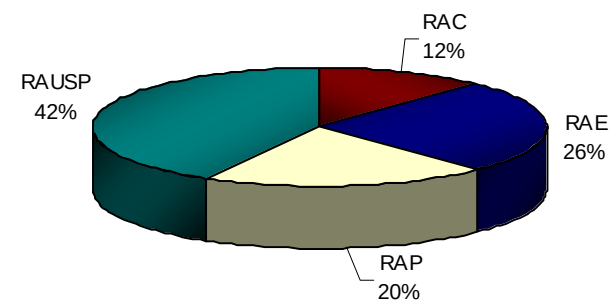
A distribuição de artigos de RH entre os periódicos também é bastante variável, observa-se que a RAUSP apresenta a maior participação (42%) na publicação de artigos de RH no período (Figura 38). A RAC, apesar de ter começado a ser publicada somente em 1997, tem percentuais expressivos de publicações na área, em 1999 (44%) e em 2000 (47%). Caso essa tendência apresentada pela RAC nos dois últimos anos analisados continue após o período, teremos mais contribuições de diferentes linhas editoriais, o que pode ser benéfico para área como um todo, uma vez que haverá uma distribuição menos concentrada da publicação. Por outro lado, a ainda existente concentração em poucas revistas reforça a importância de se analisar a produção acadêmica em RH também a partir dos anais do Enanpad. Eventos que influenciaram o número total de artigos publicados são o lançamento da RAC em 1997 – que veio a aumentar a publicação – e a diminuição da periodicidade de publicação da RAUSP, RAE e RAP – que diminuíram o número total de artigos publicados.

Para a área da administração como um todo, observa-se um crescimento de 46% na publicação – de 97 para 142 artigos no total dos periódicos. Observa-se que RAP e RAUSP são os periódicos que mais publicaram ao longo do período – no total dos anos 39% e 33%, respectivamente – tendência que pode ser alterada nos próximos anos devido à diminuição da periodicidade desses veículos. A participação dos artigos de RH em relação ao total mantém-se constante, todavia, conforme mostra a Figura 36.

Os resultados mostram que as proporções para cada periódico registram picos esporádicos de publicação em RH, mas não apresentam nenhuma tendência ascensional ou de decréscimo. A linha do total dos periódicos também não registra grande variação (nem mesmo com a entrada na RAC).

Figura 36. Evolução do número de artigos publicados nos periódicos - RH vs. Total

Artigos Publicados	RAUSP			RAC			RAP			RAE			Total		
	RH	Total	RH/Total	RH	Total	RH/Total	RH	Total	RH/Total	RH	Total	RH/Total	RH	Total	RH/Total
1991	4	45	9%	0	0	-	2	34	6%	2	18	11%	8	97	8%
1992	13	39	33%	0	0	-	2	43	5%	3	23	13%	18	105	17%
1993	1	45	2%	0	0	-	4	38	11%	5	23	22%	10	106	9%
1994	3	37	8%	0	0	-	3	45	7%	8	19	42%	14	101	14%
1995	7	34	21%	0	0	-	1	52	2%	2	22	9%	10	108	9%
1996	9	41	22%	0	0	-	3	48	6%	3	25	12%	15	114	13%
1997	7	38	18%	3	19	16%	0	47	0%	3	29	10%	13	133	10%
1998	5	40	13%	0	23	0%	5	56	9%	3	27	11%	13	146	9%
1999	1	34	3%	4	22	18%	3	44	7%	1	33	3%	9	133	7%
2000	3	40	8%	8	15	53%	3	52	6%	3	35	9%	17	142	12%
Total	53	393	13%	15	79	19%	26	459	6%	33	254	13%	127	1185	11%

Figura 37. Publicações em RH por periódico a cada ano**Figura 38. Participação dos periódicos na publicação em RH**

5.1 A temática da produção em RH em periódicos

Conforme explicamos anteriormente, em relação aos temas abordados, os artigos foram classificados como tratando de políticas, funções de RH, comportamento organizacional e outros.

O total dos periódicos (Figura 39) para o período mostra maior número de artigos que tratam de políticas de RH (43%), seguidos de artigos que pesquisam o comportamento organizacional (35%). Os artigos sobre funções – a operacionalização de recrutamento e seleção, treinamento, remuneração etc – que iniciam o período com grande representatividade (50% dos artigos) decrescem ao longo do período em todos os periódicos. Observa-se, no entanto, alguma variação para cada periódico: RAUSP e RAP apresentam percentuais maiores de publicação sobre funções (21% e 27%, respectivamente); RAC e RAE apresentam os maiores percentuais de publicação sobre comportamento organizacional (53% e 42%, respectivamente). *Políticas de RH* aparece como um tema predominante em todos, o que revela uma preocupação da área de RH de forma geral.

Os sub-temas dos artigos também foram pesquisados, tendo-se destacado aqueles apresentados na Figura 42.

Figura 39. Perfil dos temas abordados na área de RH nos periódicos na década de 90

<i>Temas</i>	<i>1991</i>		<i>1992</i>		<i>1993</i>		<i>1994</i>		<i>1995</i>		<i>1996</i>		<i>1997</i>		<i>1998</i>		<i>1999</i>		<i>2000</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
Políticas	1	25%	11	85%	0	0%	1	33%	5	71%	2	22%	2	29%	3	60%	0	0%	1	33%	26	49%
Funções	2	50%	1	8%	1	100%	0	0%	0	0%	5	56%	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%	11	21%
Comportamento	1	25%	1	8%	0	0%	2	67%	1	14%	2	22%	1	14%	2	40%	1	100%	2	67%	13	25%
Outros	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	14%	0	0%	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%	3	6%
Total	4	7,5%	13	24,5%	1	1,9%	3	5,7%	7	13,2%	9	17,0%	7	13,2%	5	9,4%	1	1,9%	3	5,7%	53	100%
RAC																						
Políticas	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	67%	0	0%	0	0%	3	38%	5	33%
Funções	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	1	13%	2	13%
Comportamento	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	3	75%	4	50%	8	53%
Outros	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	20,0%	0	0,0%	4	26,7%	8	53,3%	15	100%
RAP																						
Políticas	0	0%	1	50%	1	25%	1	33%	0	0%	1	33%	0	0%	4	80%	1	33%	0	0%	9	35%
Funções	1	50%	0	0%	2	50%	2	67%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	1	33%	7	27%
Comportamento	1	50%	0	0%	1	25%	0	0%	1	100%	2	67%	0	0%	0	0%	2	67%	2	67%	9	35%
Outros	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	4%
Total	2	7,7%	2	7,7%	4	15,4%	3	11,5%	1	3,8%	3	11,5%	0	0,0%	5	19,2%	3	11,5%	3	11,5%	26	100%
RAE																						
Políticas	1	50%	1	33%	2	40%	3	38%	0	0%	3	100%	1	33%	1	33%	0	0%	3	100%	15	45%
Funções	1	50%	0	0%	1	20%	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	9%
Comportamento	0	0%	2	67%	2	40%	5	63%	1	50%	0	0%	1	33%	2	67%	1	100%	0	0%	14	42%
Outros	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
Total	2	6,1%	3	9,1%	5	15,2%	8	24,2%	2	6,1%	3	9,1%	3	9,1%	3	9,1%	1	3,0%	3	9,1%	33	100%
Total																						
Políticas	2	25%	13	72%	3	30%	5	36%	5	50%	6	40%	5	38%	8	62%	1	11%	7	41%	55	43%
Funções	4	50%	1	6%	4	40%	2	14%	1	10%	5	33%	2	15%	1	8%	1	11%	2	12%	23	18%
Comportamento	2	25%	3	17%	3	30%	7	50%	3	30%	4	27%	3	23%	4	31%	7	78%	8	47%	44	35%
Outros	0	0%	1	6%	0	0%	0	0%	1	10%	0	0%	3	23%	0	0%	0	0%	0	0%	5	4%
Total	8	6,3%	18	14,2%	10	7,9%	14	11,0%	10	7,9%	15	11,8%	13	10,2%	13	10,2%	9	7,1%	17	13,4%	127	100%

Figura 40. Perfil temático da área de RH nos periódicos

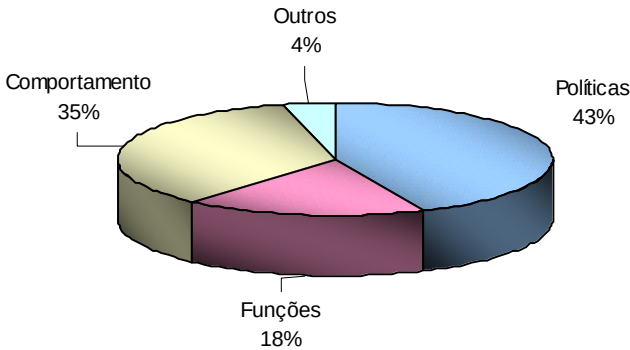


Figura 41. Evolução anual dos temas abordados pelos artigos de RH nos periódicos

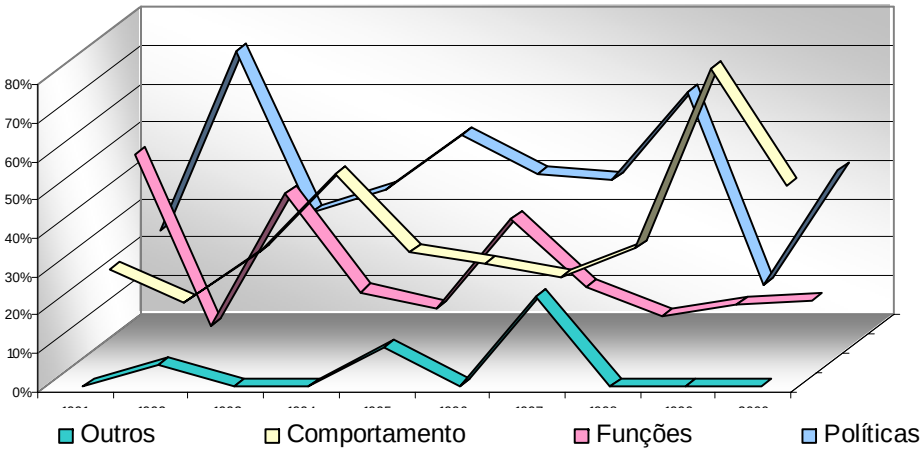


Figura 42. Sub-temas explorados nos artigos de RH publicados nos periódicos

Comportamento	Funções	Políticas	Outros
Comprometimento	Treinamento	Modelos de RH	Gestão ambiental
Criatividade	Avaliação do desempenho	Mudança em RH	Qualificação dos administradores
Relações de poder	Funções por competências	Mudança na organização do trabalho	Sindicalismo
Ética		Qualidade de Vida no Trabalho	
Motivação		Aprendizagem	
Qualidade		Avaliação de desempenho	
Stress		Sucessão	
Comportamento no treinamento		Tempo de trabalho	
Satisfação no trabalho		Políticas de remuneração	
Organização do trabalho		Relações de trabalho	

5.2 Base epistemológica da produção em RH

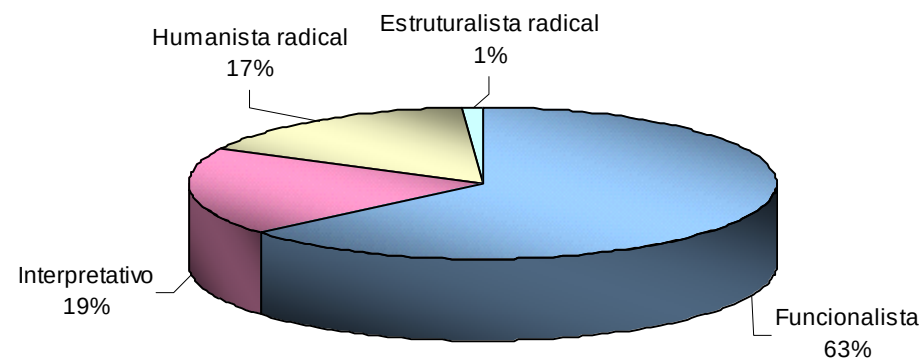
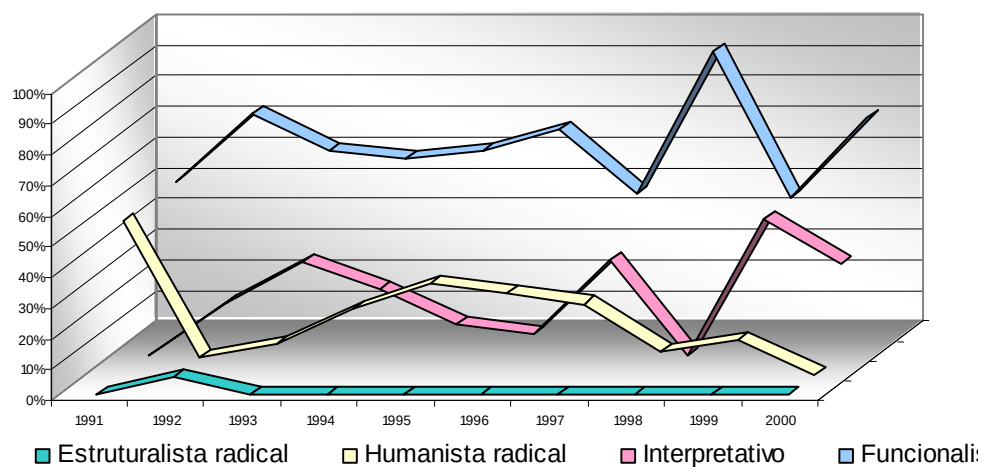
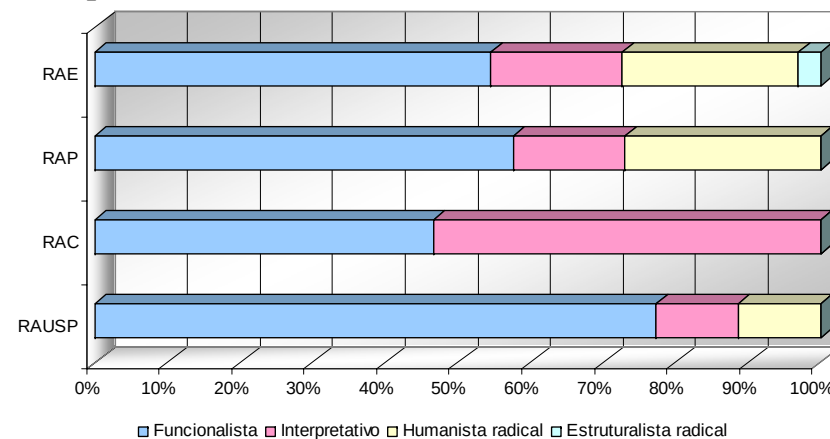
Os resultados revelam a predominância de artigos de base funcionalista para todos os periódicos, conforme mostra a Figura 46. Esse tipo de predominância já foi encontrado nos balanços feitos em outras áreas (por exemplo: MACHADO-DASILVA, CUNHA e AMBONI, 1990; VIEIRA, 1999), no entanto, se comparado a outras áreas ditas “menos exatas”, a hegemonia funcionalista em RH é ainda maior, revelando menor diversidade epistemológica do que seria salutar para um país e uma área com tantas contradições e complexidades (FLEURY e FISCHER, 1992).

Pode-se dizer, como atenuante, que a análise da evolução ano a ano (Figura 46) mostra um pequeno aumento de trabalhos que utilizam a abordagem interpretacionista nos últimos anos do período investigado. Os trabalhos que utilizam esse tipo de abordagem são, em geral, estudos comportamentais, que procuram investigar relações e impactos ocasionados por intervenções introduzidas nas organizações por meio da opinião das pessoas e da sua interpretação dos eventos.

O predomínio funcionalista ocorre em praticamente todos os veículos analisados, embora existam extremos (Figura 45). A RAUSP, por exemplo, tem uma predominância marcante de trabalhos funcionalistas (77%), ao passo que a RAC tem uma distribuição mais eqüitativa entre as abordagens funcionalista (47%) e interpretacionista (53%). Já RAE e RAP tiveram maior receptividade a uma discussão mais crítica, apresentando maiores números de trabalhos com abordagem humanista radical (24 e 27%, respectivamente).

Figura 43. Perfil da Base Epistemológica da produção em RH publicada nos periódicos

<i>Base Epistemológica</i>	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
Funcionalista	2	50%	11	85%	1	100%	1	33%	6	86%	7	78%	4	57%	5	100%	1	100%	3	100%	41	77%
Interpretativo	0	0%	1	8%	0	0%	1	33%	1	14%	1	11%	2	29%	0	0%	0	0%	0	0%	6	11%
Humanista radical	2	50%	1	8%	0	0%	1	33%	0	0%	1	11%	1	14%	0	0%	0	0%	0	0%	6	11%
Estruturalista radical	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	4	7,5%	13	24,5%	1	1,9%	3	5,7%	7	13,2%	9	17,0%	7	13,2%	5	9,4%	1	1,9%	3	5,7%	53	100%
RAC																						
Funcionalista	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	67%	0	0%	1	25%	4	50%	7	47%
Interpretativo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	3	75%	4	50%	8	53%
Humanista radical	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Estruturalista radical	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	20,0%	0	0,0%	4	26,7%	8	53,3%	15	100%
RAP																						
Funcionalista	1	50%	2	100%	2	50%	2	67%	0	0%	1	33%	0	0%	4	80%	1	33%	2	67%	15	58%
Interpretativo	0	0%	0	0%	1	25%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	1	33%	4	15%
Humanista radical	1	50%	0	0%	1	25%	0	0%	1	100%	2	67%	0	0%	1	20%	1	33%	0	0%	7	27%
Estruturalista radical	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	2	7,7%	2	7,7%	4	15,4%	3	11,5%	1	3,8%	3	11,5%	0	0,0%	5	19,2%	3	11,5%	3	11,5%	26	100%
RAE																						
Funcionalista	1	50%	0	0%	3	60%	5	63%	0	0%	2	67%	0	0%	3	100%	1	100%	3	100%	18	55%
Interpretativo	0	0%	2	67%	2	40%	1	13%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	6	18%
Humanista radical	1	50%	0	0%	0	0%	2	25%	2	100%	1	33%	2	67%	0	0%	0	0%	0	0%	8	24%
Estruturalista radical	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
Total	2	6,1%	3	9,1%	5	15,2%	8	24,2%	2	6,1%	3	9,1%	3	9,1%	3	9,1%	1	3,0%	3	9,1%	33	100%
Total																						
Funcionalista	4	50%	13	72%	6	60%	8	57%	6	60%	10	67%	6	46%	12	92%	4	44%	12	71%	81	64%
Interpretativo	0	0%	3	17%	3	30%	3	21%	1	10%	1	7%	4	31%	0	0%	4	44%	5	29%	24	19%
Humanista radical	4	50%	1	6%	1	10%	3	21%	3	30%	4	27%	3	23%	1	8%	1	11%	0	0%	21	17%
Estruturalista radical	0	0%	1	6%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%
Total	8	6,3%	18	14,2%	10	7,9%	14	11,0%	10	7,9%	15	11,8%	13	10,2%	13	10,2%	9	7,1%	17	13,4%	127	100%

Figura 44. Perfil da base epistemológica dos artigos de RH**Figura 46. Perfil anual da base epistemológica dos artigos de RH****Figura 45. Perfil da base epistemológica por periódico**

5.3 O perfil metodológico da produção em RH nos periódicos na década de 90

A Figura 47 mostra a classificação dos artigos conforme a abordagem metodológica adotada. Para o total dos periódicos observa-se uma distribuição eqüitativa entre trabalhos teóricos e teórico-empíricos – 49% e 51%, respectivamente. No entanto, cada periódico pode apresentar diferenças nos tipos de trabalhos publicados: predominam na RAUSP os artigos teórico-empíricos, enquanto na RAP e RAE, a preferência parece ser por artigos de natureza teórica. A análise da evolução ano-a-ano de todas as publicações mostra uma elevação dos trabalhos teóricos em três anos: 1993, 1994 e 1998. Não há um padrão definido que explique esse aumento – foram anos em que RAP e RAE publicaram mais artigos e essas revistas parecem privilegiar artigos teóricos.

O segundo grupo mais significativo, depois do grupo de artigos dos teórico-empíricos, é o de trabalhos essencialmente teóricos. A presença significativa desse tipo de artigo poderia indicar uma área fortemente orientada à produção de teoria e novos conceitos; no entanto, a análise detalhada mostra o contrário: a maior parte desses artigos não tem características ambiciosas, limitando-se em geral – com honrosas exceções – a fazer sistematizações e revisões de conceitos, modelos e teorias já existentes (Figura 48). Do total de artigos teóricos, 61% faz apenas revisão e sistematização de teoria existente, 37% apresenta conceitos e apenas 2% faz tentativa de construção de teoria. Essas proporções se mantêm semelhantes para cada uma das revistas no período, à exceção da RAC (amostra muito pequena).

Os trabalhos teórico-empíricos e empíricos foram classificados de acordo com a metodologia de pesquisa adotada e os resultados são apresentados na Figura 49. Ao analisar essa classificação, fica evidente que há na área uma predominância, dentre aqueles artigos com alguma base empírica, de trabalhos *qualitativos*. Analisando

essa distribuição por periódico, há bastante variância: a RAE e a RAUSP não apresentaram nenhum trabalho que utilizasse os dois métodos de pesquisa (qualitativo / quantitativo); a RAC tem a mesma proporção de trabalhos qualitativos e mistos (43%) e a RAP tem mais artigos qualitativo / quantitativos (71%).

Ainda que a existência do trabalho qualitativo seja desejável, é preocupante sua grande hegemonia na área, o que poderia indicar uma pequena preocupação na busca de confirmação de resultados ao longo do período, embora se observe, na evolução ano-a-ano, uma aparente tendência de queda na proporção dos trabalhos qualitativos e um aumento proporcional em artigos que adotam técnicas mistas.

Pela significância de sua proporção, é preciso entender melhor que tipo de **trabalho qualitativo** está sendo produzido na área. Os resultados mostram (Figura 50) um retrato preocupante, ao revelar que, na sua maioria, os trabalhos qualitativos da área restringem-se a estudos de caso limitados em termos de pretensão – a maioria é de natureza *descritiva* ou explanatória (ilustrativa), sem maior anseio de construção indutiva de teoria (o que seria possível em outro tipo de estudo de caso, como discutido adiante).

Os dados da Figura 50 mostram a predominância absoluta dos estudos de caso para cada periódico em particular e para o total das revistas. Esse resultado levantou a necessidade de se investigar que tipo de estudo de caso está sendo realizado nesses trabalhos e, sendo assim, estes artigos foram mais uma vez classificados de acordo com o critério exposto na seção de metodologia, proposto por EISENHARDT (1989) e YIN (1998). Os dados obtidos com a classificação dos estudos de caso estão na Figura 51.

Os resultados para o total dos periódicos mostram que a maior parte dos artigos faz um estudo de caso único, ou seja, em uma organização apenas. Destes, 17% são estudos de caso explanatórios e 47% são descritivos, ou seja, estudos que pretendem apenas ilustrar um determinado ponto, conceito ou teoria existente *a priori*, ou ainda, que pretendem descrever uma determinada intervenção, sem maiores pretensões de desenvolvimento de teoria. Dentre os veículos estudados, a RAE

constitui uma exceção, pois apresenta maior número de artigos com estudos de casos múltiplos e também maior número de casos de natureza exploratória (que visam construir teoria).

Quanto aos trabalhos de natureza quantitativa, a classificação detalhada mostra que se tratam, na totalidade, de artigos que realizam *surveys* de natureza exploratória (Figura 52).

Novamente, como na análise dos artigos apresentados no Enanpad descrita na Parte I, observa-se a ausência de tentativa de comparação entre dados qualitativos e quantitativos nos estudos quantitativos. Pesquisas *survey*, no entanto, foram mais encontradas em trabalhos que estudavam as funções e políticas de RH, nos quais se buscava estabelecer padrões ou critérios para melhor estruturar a área por meio de levantamentos – em geral, questionários enviados por correio – que cobrissem grande número de organizações. A predominância desse tipo de estudo – “*survey*” – entre os trabalhos quantitativos também é uma característica preocupante do perfil da área, uma vez que se sabe que estudos desse tipo tipicamente têm dificuldade em apresentar avaliações de natureza qualitativa – o que funciona e que não funciona, por exemplo – e, nesse sentido, tendem a servir mais como referencial – ou “retrato” (a exemplo da presente investigação) – do que está sendo feito do que como critério para recomendações de utilização futura para outras empresas, ou para efetiva construção de teoria nova.

Já no caso dos artigos mistos (de natureza qualitativa / quantitativa), observa-se também a predominância de estudos de caso com amostras únicas e de natureza meramente explanatória ou descritiva (Figura 53 e Figura 54). Embora se possa observar e aplaudir o crescimento dos trabalhos de natureza qualitativo / quantitativa no período, e um maior esforço de comparação e análise de dados nesses trabalhos, permanece o problema do estudo da amostra única, também predominantes no caso dos estudos qualitativos, e a dificuldade de generalização e utilização adequada dos resultados por outras organizações.

Tal como acontece com a produção nos Enanpads (vide Parte I deste relatório), o que resulta tanto da análise dos trabalhos de caso único (predominante entre os artigos qualitativos), quanto dos estudos do tipo *survey* (maioria entre os trabalhos quantitativos) e dos mistos é a preocupante limitação de contribuição teórica ou empírica ao campo que a maioria dos trabalhos da amostra apresenta.

Figura 47. Perfil da abordagem metodológica utilizada pelos artigos publicados em RH nos periódicos

Perfil Metodológico	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
Teórico	2	50%	7	54%	0	0%	2	67%	1	14%	2	22%	4	57%	2	40%	0	0%	0	0%	20	38%
Empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Teórico-empírico	2	50%	6	46%	1	100%	1	33%	6	86%	7	78%	3	43%	3	60%	1	100%	3	100%	33	62%
Total	4	7,5%	13	24,5%	1	1,9%	3	5,7%	7	13,2%	9	17,0%	7	13,2%	5	9,4%	1	1,9%	3	5,7%	53	100%
RAC																						
Teórico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%	1	7%
Empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Teórico-empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	100%	0	0%	4	100%	7	88%	14	93%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	20,0%	0	0,0%	4	26,7%	8	53,3%	15	100%
RAP																						
Teórico	2	0%	2	0%	3	75%	2	67%	1	0%	3	0%	0	0%	3	60%	1	33%	2	67%	19	73%
Empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Teórico-empírico	0	0%	0	0%	1	25%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	2	40%	2	67%	1	33%	7	27%
Total	2	7,7%	2	7,7%	4	15,4%	3	11,5%	1	3,8%	3	11,5%	0	0,0%	5	19,2%	3	11,5%	3	11,5%	26	100%
RAE																						
Teórico	0	0%	2	67%	3	60%	7	88%	1	50%	3	0%	3	0%	3	0%	0	0%	0	0%	22	67%
Empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Teórico-empírico	2	100%	1	33%	2	40%	1	13%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	3	100%	11	33%
Total	2	6,1%	3	9,1%	5	15,2%	8	24,2%	2	6,1%	3	9,1%	3	9,1%	3	9,1%	1	3,0%	3	9,1%	33	100%
Total																						
Teórico	4	50%	11	61%	6	60%	11	79%	3	30%	8	53%	7	54%	8	62%	1	11%	3	18%	62	49%
Empírico	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Teórico-empírico	4	50%	7	39%	4	40%	3	21%	7	70%	7	47%	6	46%	5	38%	8	89%	14	82%	65	51%
Total	8	6,3%	18	14,2%	10	7,9%	14	11,0%	10	7,9%	15	11,8%	13	10,2%	13	10,2%	9	7,1%	17	13,4%	127	100%

Figura 48. Perfil anual dos trabalhos teóricos publicados nos periódicos

<i>Teóricos</i>	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
revisão de teoria	0	0%	1	14%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%	2	10%
sistemat. de teoria	1	50%	1	14%	0	0%	2	100%	1	100%	2	100%	4	100%	1	50%	0	0%	0	0%	12	60%
constrói conceito	1	50%	5	71%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	6	30%
constrói teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	2	10,0%	7	35,0%	0	0,0%	2	10,0%	1	5,0%	2	10,0%	4	20,0%	2	10,0%	0	0,0%	0	0,0%	20	100%
RAC																						
revisão de teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
sistemat. de teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
constrói conceito	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%
constrói teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	100,0%	1	100%
RAP																						
revisão de teoria	1	50%	0	0%	2	67%	2	100%	1	100%	2	67%	0	0%	1	33%	1	100%	0	0%	10	53%
sistemat. de teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	2	11%
constrói conceito	1	50%	2	100%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	2	100%	7	37%
constrói teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	2	10,5%	2	10,5%	3	15,8%	2	10,5%	1	5,3%	3	15,8%	0	0,0%	3	15,8%	1	5,3%	2	10,5%	19	100%
RAE																						
revisão de teoria	0	0%	1	50%	1	33%	5	71%	1	100%	1	33%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	10	45%
sistemat. de teoria	0	0%	1	50%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	9%
constrói conceito	0	0%	0	0%	1	33%	2	29%	0	0%	2	67%	2	67%	2	67%	0	0%	0	0%	9	41%
constrói teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	1	5%
Total	0	0,0%	2	9,1%	3	13,6%	7	31,8%	1	4,5%	3	13,6%	3	13,6%	3	13,6%	0	0,0%	0	0,0%	22	100%
Total																						
revisão de teoria	1	25%	2	18%	3	50%	7	64%	2	67%	3	38%	0	0%	3	38%	1	100%	0	0%	22	35%
sistemat. de teoria	1	25%	2	18%	1	17%	2	18%	1	33%	3	38%	4	57%	2	25%	0	0%	0	0%	16	26%
constrói conceito	2	50%	7	64%	2	33%	2	18%	0	0%	2	25%	2	29%	3	38%	0	0%	3	100%	23	37%
constrói teoria	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	14%	0	0%	0	0%	0	0%	1	2%
Total	4	6,5%	11	17,7%	6	9,7%	11	17,7%	3	4,8%	8	12,9%	7	11,3%	8	12,9%	1	1,6%	3	4,8%	62	100%

Figura 49. Perfil anual dos artigos teórico-empíricos e empíricos publicados nos periódicos

<i>Empíricos e Teórico-empíricos</i>	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
quali	1	50%	5	83%	1	100%	1	100%	4	67%	7	100%	2	67%	1	33%	0	0%	1	33%	23	70%
quanti	1	50%	1	17%	0	0%	0	0%	2	33%	0	0%	1	33%	2	67%	1	100%	2	67%	10	30%
quali / quanti	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	2	6,1%	6	18,2%	1	3,0%	1	3,0%	6	18,2%	7	21,2%	3	9,1%	3	9,1%	1	3,0%	3	9,1%	33	100%
RAC																						
quali	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	1	25%	4	57%	6	43%
quanti	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	1	14%	2	14%
quali / quanti	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	3	75%	2	29%	6	43%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	21,4%	0	0,0%	4	28,6%	7	50,0%	14	100%
RAP																						
quali	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	1	100%	2	29%
quanti	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
quali / quanti	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	2	100%	0	0%	5	71%
Total	0	0,0%	0	0,0%	1	14,3%	1	14,3%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	28,6%	2	28,6%	1	14,3%	7	100%
RAE																						
quali	2	100%	1	100%	2	100%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	100%	10	91%
quanti	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	1	9%
quali / quanti	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	2	18,2%	1	9,1%	2	18,2%	1	9,1%	1	9,1%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	9,1%	3	27,3%	11	100%
Total																						
quali	3	75%	6	86%	3	75%	2	67%	5	71%	7	100%	3	50%	2	40%	1	13%	9	64%	41	63%
quanti	1	25%	1	14%	0	0%	0	0%	2	29%	0	0%	2	33%	2	40%	2	25%	3	21%	13	20%
quali / quanti	0	0%	0	0%	1	25%	1	33%	0	0%	0	0%	1	17%	1	20%	5	63%	2	14%	11	17%
Total	4	6,2%	7	10,8%	4	6,2%	3	4,6%	7	10,8%	7	10,8%	6	9,2%	5	7,7%	8	12,3%	14	21,5%	65	100%

Figura 50. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos qualitativos*

<i>Empíricos e Teórico-empíricos Qualitativos</i>	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
Grounded	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	29%	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%	4	17%
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	1	4%
Hermenêutica	0	0%	4	80%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	4	17%
Casos	1	100%	1	20%	1	100%	1	100%	4	100%	5	71%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	14	61%
Total	1	4,3%	5	21,7%	1	4,3%	1	4,3%	4	17,4%	7	30,4%	2	8,7%	1	4,3%	0	0,0%	1	4,3%	23	100%
RAC																						
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	17%
Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	4	100%	5	83%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	16,7%	0	0,0%	1	16,7%	4	66,7%	6	100%
RAP																						
Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%	2	100%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	50,0%	0	0,0%	1	50,0%	2	100%
RAE																						
Hermenêutica	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	10%
Casos	2	100%	1	100%	2	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	100%	9	90%
Total	2	20,0%	1	10,0%	2	20,0%	1	10,0%	1	10,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	30,0%	10	100%
Total																						
Grounded	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	29%	0	0%	1	50%	0	0%	1	11%	4	10%
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	67%	0	0%	0	0%	0	0%	2	5%
Hermenêutica	0	0%	4	67%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	5	12%
Casos	3	100%	2	33%	3	100%	2	100%	4	80%	5	71%	1	33%	1	50%	1	100%	8	89%	30	73%
Total	3	7,3%	6	14,6%	3	7,3%	2	4,9%	5	12,2%	7	17,1%	3	7,3%	2	4,9%	1	2,4%	9	22,0%	41	100%

* só foram exibidas as metodologias que apresentavam alguma ocorrência ao longo do período.

Figura 51. Classificação da metodologia utilizada pelos estudos de caso qualitativos

Qualitativos - Estudos de Caso	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
Único - explanatório	1	100%	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	4	29%
Único - descritivo	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	3	75%	1	20%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	6	43%
Único - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	7%
Total Único	1	100%	1	100%	1	100%	1	100%	3	75%	3	60%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	11	79%
Múltiplo - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	2	40%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	21%
Total Múltiplo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	2	40%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	21%
Total Casos	1	7%	1	7%	1	7%	1	7%	4	29%	5	36%	1	7%	0	0%	0	0%	0	0%	14	100%
RAC																						
Único - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	1	20%
Único - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	2	50%	3	60%
Total Único	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	3	75%	4	80%
Múltiplo - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	1	20%
Total Múltiplo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	1	20%
Total Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	4	80%	5	100%
RAP																						
Único - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%	2	100%
Total Único	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%	2	100%
Total Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	1	50%	2	100%
RAE																						
Único - descritivo	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	67%	3	33%
Total Único	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	67%	3	33%
Múltiplo - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	1	11%
Múltiplo - descritivo	2	100%	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	33%
Múltiplo - exploratório	0	0%	1	100%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	22%
Total Múltiplo	2	100%	1	100%	2	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	6	67%
Total Casos	2	22%	1	11%	2	22%	1	11%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	33%	9	100%
Total																						
Único - explanatório	1	33%	1	50%	0	0%	1	50%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%	5	17%
Único - descritivo	0	0%	0	0%	1	33%	1	50%	3	75%	1	20%	1	100%	1	100%	1	100%	5	63%	14	47%
Único - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
Total Único	1	33%	1	50%	1	33%	2	100%	3	75%	3	60%	1	100%	1	100%	1	100%	6	75%	20	67%
Múltiplo - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	25%	2	40%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%	4	13%
Múltiplo - descritivo	2	67%	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%	4	13%
Múltiplo - exploratório	0	0%	1	50%	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	7%
Total Múltiplo	2	67%	1	50%	2	67%	0	0%	1	25%	2	40%	0	0%	0	0%	0	0%	2	25%	10	33%
Total Casos	3	10%	2	7%	3	10%	2	7%	4	13%	5	17%	1	3%	1	3%	1	3%	8	27%	30	100%

* só foram exibidas as linhas nas quais havia ocorrências.

Figura 52. Classificação dos artigos teórico-empíricos quantitativos

Quantitativos	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
Survey	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	1	100%	2	100%	1	100%	2	100%	10	100%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	1	10,0%	1	10,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	20,0%	0	0,0%	1	10,0%	2	20,0%	1	10,0%	2	20,0%	10	100%
RAC																						
Survey	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%	2	100%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	50,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	50,0%	2	100%
RAP																						
Survey	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0%
RAE																						
Survey	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	0	0,0%	1	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	100%
Total																						
Survey	1	100%	2	100%	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	2	100%	2	100%	1	100%	3	100%	13	100%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	1	7,7%	2	15,4%	0	0,0%	0	0,0%	2	15,4%	0	0,0%	2	15,4%	2	15,4%	1	7,7%	3	23,1%	13	100%

Figura 53. Classificação da metodologia utilizada pelos artigos teórico-empíricos mistos (quali/quantitativo)

QUALI-QUANTI	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAC																						
Quali																						
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	67%	2	100%	4	67%
Hermenêutica	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	1	17%
Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	17%
Quanti																						
Survey	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	3	100%	1	50%	5	83%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	1	17%
Total	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	17%	0	0%	3	50%	2	33%	6	100%
RAP																						
Quali																						
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	1	20%
Hermenêutica	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	40%
Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	2	40%
Quanti																						
Survey	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	1	50%	0	0%	2	40%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	3	60%
Total	0	0%	0	0%	1	20%	1	20%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	2	40%	0	0%	5	100%
Total																						
Quali																						
Etnomedotologia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	2	40%	2	100%	5	45%
Hermenêutica	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	0	0%	3	27%
Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	2	40%	0	0%	3	27%
Quanti																						
Survey	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%	4	80%	1	50%	7	64%
Hipotético-dedutivo	0	0%	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	20%	1	50%	4	36%
Total	0	0%	0	0%	1	9%	1	9%	0	0%	0	0%	1	9%	1	9%	5	45%	2	18%	11	100%

* só foram exibidas as linhas nas quais havia ocorrências.

Figura 54. Classificação dos artigos quali/quantitativos – estudos de caso

CASOS QUALI/QUANTI	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAC																						
Múltiplo - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%
Total Múltiplo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%
Total Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%
RAP																						
Único - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%	0	0%	1	0%
Único - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%	0	0%	1	0%
Total Único	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	0%	0	0%	2	100%
Total Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	2	0%
Total																						
Único - explanatório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	1	0%
Único - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%	1	0%
Total Único	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	2	67%
Múltiplo - exploratório	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%
Total Múltiplo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%
Total Casos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	0	0%	2	67%	0	0%	3	100%

* só foram exibidas as linhas nas quais havia ocorrências.

5.4 Referências Bibliográficas

A análise das referências bibliográficas apresentadas pelos artigos publicados no periódicos de Administração na década de 90 seguiu a mesma linha adotada na Parte I deste relatório, descrita anteriormente.

5.4.a. Total de referências utilizadas nos periódicos, ao longo da década.

As referências bibliográficas dos artigos publicados em RH nos periódicos foram classificadas, a exemplo do que foi feito nos Enanpads, em primeiro lugar, quanto à fonte utilizada: artigo, livro, outros. Observa-se que não há uma diferença significativa entre uso de livros (44%) e artigos (47%), quando consideramos o conjunto de revistas (Figura 55). Mas, quando se observa o perfil de citações usadas em cada revista (Figura 57), é possível perceber a predominância da utilização de artigos na RAC e na RAUSP; maior utilização de livros na RAP e equilíbrio entre livros e artigos na RAE.

Quanto à nacionalidade das citações (Figura 56), confirmando pesquisas realizadas em outras áreas (VERGARA, 1995, 2000; BIGNETTI e PAIVA, 1997), há predominância (66%) de referências a obras estrangeiras, principalmente a livros (32%) e artigos (32%), o que pode refletir ou que há falta de produção nacional a ser citada (em termos de quantidade e/ ou qualidade), ou que os autores nacionais não costumam valorizar a produção do próprio país, reforçando, como já observado, “o gosto pelo estrangeiro” típico de nossa cultura.

Em relação ao total de referências utilizadas nas revistas na década de 90 (Figura 59), embora seja possível perceber um aumento no número de referências utilizadas, tanto em termos absolutos como na média por artigo, não é possível dizer que esse

aumento seja regular ao longo da década. Há, por exemplo, um aumento significativo em 1992, um decréscimo em 1995, novamente um aumento nos dois anos seguintes e decréscimo em 1999 e mais uma vez, um aumento significativo em 2000. Porém, no geral, observa-se um aumento no número de referências por artigo de 67% de 1991 para 2000, o que pode indicar tanto uma maior preocupação com a fundamentação dos trabalhos, ou um maior rigor no processo de avaliação dos artigos pelos periódicos, como pode também ser simplesmente o reflexo do aumento da produção acadêmica em geral, que obriga o pesquisador a recorrer a um maior número de fontes.

Quando avaliamos essa evolução, revista por revista, é possível perceber o mesmo movimento em cada uma delas; ou seja, embora haja uma tendência para aumento, ele é irregular quando analisado em termos de cada periódico, mas mostra elevação quando se considera a média por artigo (Figura 60).

De qualquer forma, o número de citações por artigo por si só não revela a qualidade da base pesquisada, é necessário que sejam avaliadas as fontes citadas para que se possa compreender qual é o embasamento dos artigos acadêmicos na área de RH publicados nos periódicos: para tanto, foi realizada uma análise mais aprofundada de cada tipo de fonte utilizada.

5.4.b. Análise das fontes citadas

Seguindo a tendência apresentada anteriormente de aumento no número de citações utilizadas, a análise da Figura 58 mostra que, tomados no seu conjunto, todas as obras publicadas nos periódicos apresentam uma tendência de crescimento no uso de artigos como fonte bibliográfica ao longo da década. Mas, ao considerar cada publicação isoladamente, ainda que a tendência geral seja de aumento, há irregularidades significativas no uso das diversas fontes, como podemos observar na Figura 59.

Em relação ao uso de livros, ao contrário, percebe-se uma tendência para queda. A utilização de outras fontes (teses, dissertações, documentos) não se apresenta em quantidade significativa, com exceção da RAP, em 1998.

Na RAUSP, o uso de artigos ao longo da década não é regular, cresce entre 91 e 96 e depois decresce. O número de livros e de outros (teses, dissertações etc) obedece a este mesmo padrão.

Para a RAC, entretanto, ainda que o número de anos analisado seja menor, há uma ligeira tendência de crescimento para todas as fontes, o que pode de certa forma indicar maior rigor desse periódico na aprovação dos artigos que veicula.

Na RAP, há crescimentos e decréscimos ao longo da década, assim não é possível aventar algum padrão seja para o uso de livros ou de artigos. Em outras fontes, observa-se o aumento expressivo do ano de 1998, conforme já observamos anteriormente, porém não há explicação aparente para tal fato.

Em relação à RAE, é possível observar que embora não seja regular, há uma tendência para o aumento do uso de artigos ao longo da década; em relação aos livros, observa-se um aumento de 90 a 94 e depois uma tendência de decréscimo, cedendo espaço para o uso de fontes mais recentes de publicação como referência.

5.4.c. Classificação dos artigos utilizados: de congressos, livros, periódicos e outros

Em relação às citações em cada publicação (Figura 61), observamos que na RAUSP há um crescimento na participação de artigos de livros e periódicos no total das referências, e um decréscimo na utilização de outros e congressos ao longo da década. Quanto à RAC, o período analisado não é significativo para que seja possível extrair qualquer tendência, uma vez que a revista começou a ser publicada apenas em 1997, mas em termos absolutos a percebe-se uma inclinação para a utilização crescente de artigos provenientes de congressos, livros, periódicos e outros. Para a RAP, observa-se, um aumento da utilização de artigos de periódicos e livros e uma redução na utilização de artigos de outras fontes ao longo da década, o que pode indicar uma tendência desse periódico em procurar um maior rigor na seleção dos artigos que veicula. Já na RAE, é possível observar um padrão bastante irregular ao longo da década, mas destaca-se a alta utilização de artigos de outras fontes, o que pode ser preocupante, como mencionado anteriormente, se considerarmos que esses artigos não são fontes científicas confiáveis, o que comprometeria a qualidade da publicação como um todo. No entanto, para caracterizar o perfil exato de cada periódico, seria necessária uma análise detalhada das referências de todos os artigos publicados nesses periódicos na década e não apenas dos artigos da área de RH, o que vai além do escopo aqui proposto.

Considerando que a citação a periódicos, conforme vimos, é baixa (38%), ainda assim cabe perguntar: quais são os periódicos mais citados? A Figura 66 mostra um quadro geral relativo a todas as publicações estudadas. Os periódicos mais citados são: RAE, *Journal of Applied Psychology*, RAUSP, *Human Relations* e *Harvard Business Review*. Observa-se, no entanto, que mesmo os periódicos mais citados têm pequena representatividade junto ao total das referências.

Quando se dividem as citações oriundas de periódicos nacionais e internacionais (Figura 66), verifica-se que a utilização de revistas da área de Psicologia indica a presença e a tendência de temas comportamentais na área de Recursos Humanos,

que pode ser observada tanto em periódicos internacionais como em periódicos nacionais mais citados.

A utilização da HBR, que foi o segundo periódico internacional mais citado, apresenta alguns problemas: a revista, ainda que seja um periódico arbitrado, não traz referências e ainda que os autores sejam conhecidos e de destaque, a utilização da HBR como referência científica pode ser questionada.

Em relação aos artigos de congressos, verificamos, conforme a Figura 67, que o Enanpad é o congresso mais citado. Ainda temos que (Figura 68), a "Revista Exame" é a fonte de artigos não acadêmicos mais citada, superando o próprio Enanpad no número de citações, o que revela a fragilidade científica da maioria de nossas publicações no período.

Já quanto a utilização de outras fontes – teses, dissertações em, relatórios de consultoria etc. –, a Figura 69 mostra que as teses, dissertações e leis são as preferidas, representando 3,8% do total de referências.

Figura 55. Referências Bibliográficas quanto à fonte e à nacionalidade

<i>Origem das Citações</i>	<i>Artigos</i>		<i>Livros</i>		<i>Outros</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%
NACIONAL	315	32%	241	26%	160	81%	716	34%
INTERNACIONAL	682	68%	693	74%	38	19%	1.413	66%
Total	997	47%	934	44%	198	9%	2.129	100%

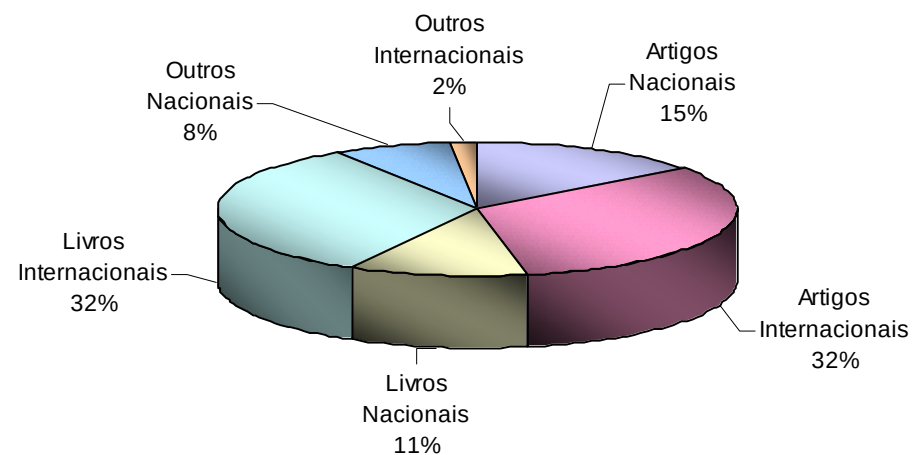
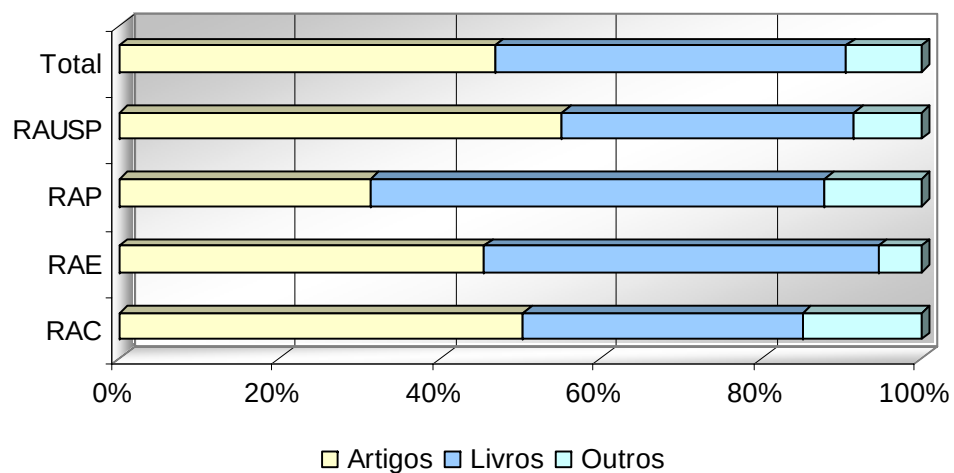
Figura 56. Perfil das referências bibliográficas quanto à fonte e à nacionalidade**Figura 57. Perfil de citações por periódico**

Figura 58. Evolução da utilização de citações nos artigos de RH publicados nos periódicos

Contagem - TIPO	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
ARTIGO	9	16%	79	53%	5	71%	15	44%	50	39%	129	65%	79	64%	64	71%	20	71%	43	58%	493	55%
LIVRO	45	78%	49	33%	1	14%	11	32%	61	47%	64	32%	41	33%	21	23%	5	18%	26	35%	324	36%
OUTROS	4	7%	20	13%	1	14%	8	24%	18	14%	7	4%	4	3%	5	6%	3	11%	5	7%	75	8%
SEM	0	0%	1	1%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Total geral	58	6,5%	149	16,7%	7	0,8%	34	3,8%	129	14,4%	200	22,4%	124	13,9%	90	10,1%	28	3,1%	74	8,3%	893	100%
RAC																						
ARTIGO	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	10	45%	0	-	32	44%	84	54%	126	50%
LIVRO	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	7	32%	0	-	31	42%	49	32%	87	35%
OUTROS	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	5	23%	0	-	10	14%	22	14%	37	15%
SEM	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	0%	0	-	0	0%	0	0%	0	0%
Total geral	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	22	8,8%	0	-	73	29,2%	155	62,0%	250	100%
RAP																						
ARTIGO	3	13%	1	2%	21	53%	20	38%	7	78%	15	31%	0	-	35	28%	15	20%	40	60%	157	31%
LIVRO	21	88%	59	97%	18	45%	33	62%	2	22%	33	69%	0	-	40	32%	56	74%	22	33%	284	57%
OUTROS	0	0%	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	0	0%	0	-	49	40%	5	7%	5	7%	60	12%
SEM	0	0%	1	2%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	-	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Total geral	24	4,8%	61	12,2%	40	8,0%	53	10,6%	9	1,8%	48	9,6%	0	-	124	24,7%	76	15,1%	67	13,3%	502	100%
RAE																						
ARTIGO	6	33%	17	40%	68	59%	19	22%	3	16%	12	36%	28	47%	22	50%	7	78%	39	66%	221	45%
LIVRO	9	50%	23	53%	42	36%	64	74%	16	84%	17	52%	28	47%	20	45%	2	22%	18	31%	239	49%
OUTROS	3	17%	3	7%	6	5%	4	5%	0	0%	3	9%	3	5%	2	5%	0	0%	2	3%	26	5%
SEM	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Total geral	18	3,7%	43	8,8%	116	23,8%	87	17,9%	19	3,9%	33	6,8%	59	12,1%	44	9,0%	9	1,8%	59	12,1%	487	100%
TOTAL																						
ARTIGO	18	18%	97	38%	94	58%	54	31%	60	38%	156	56%	117	57%	121	47%	74	40%	206	58%	997	47%
LIVRO	75	75%	131	52%	61	37%	108	62%	79	50%	114	41%	76	37%	81	31%	94	51%	115	32%	934	44%
OUTROS	7	7%	23	9%	8	5%	12	7%	18	11%	10	4%	12	6%	56	22%	18	10%	34	10%	198	9%
SEM	0	0%	2	1%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	0%
Total geral	100	4,7%	253	11,9%	163	7,6%	174	8,2%	157	7,4%	281	13,2%	205	9,6%	258	12,1%	186	8,7%	355	16,7%	2132	100%

Figura 59. Evolução anual das citações por periódico

Média de Referências	RAUSP		RAC		RAP		RAE		Total	
	N	Média	N	Média	N	Média	N	Média	N	Média
1991	58	14,50	-	-	24	12,00	18	9,00	100	12,50
1992	149	11,46	-	-	61	30,50	43	14,33	253	14,06
1993	7	7,00	-	-	40	10,00	116	23,20	163	16,30
1994	34	11,33	-	-	53	17,67	87	10,88	174	12,43
1995	129	18,43	-	-	9	9,00	19	9,50	157	15,70
1996	200	22,22	-	-	48	16,00	33	11,00	281	18,73
1997	124	17,71	22	7,33	-	-	59	19,67	205	15,77
1998	90	18,00	-	-	124	24,80	44	14,67	258	19,85
1999	28	28,00	73	18,25	76	25,33	9	9,00	186	20,67
2000	74	24,67	155	19,38	67	22,33	59	19,67	355	20,88
Total	893	16,85	250	16,67	502	19,31	487	14,76	2132	16,79

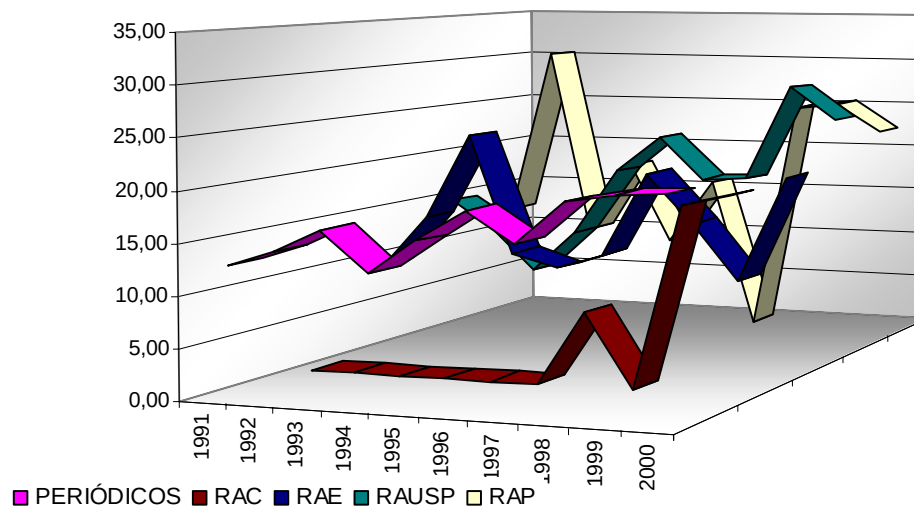
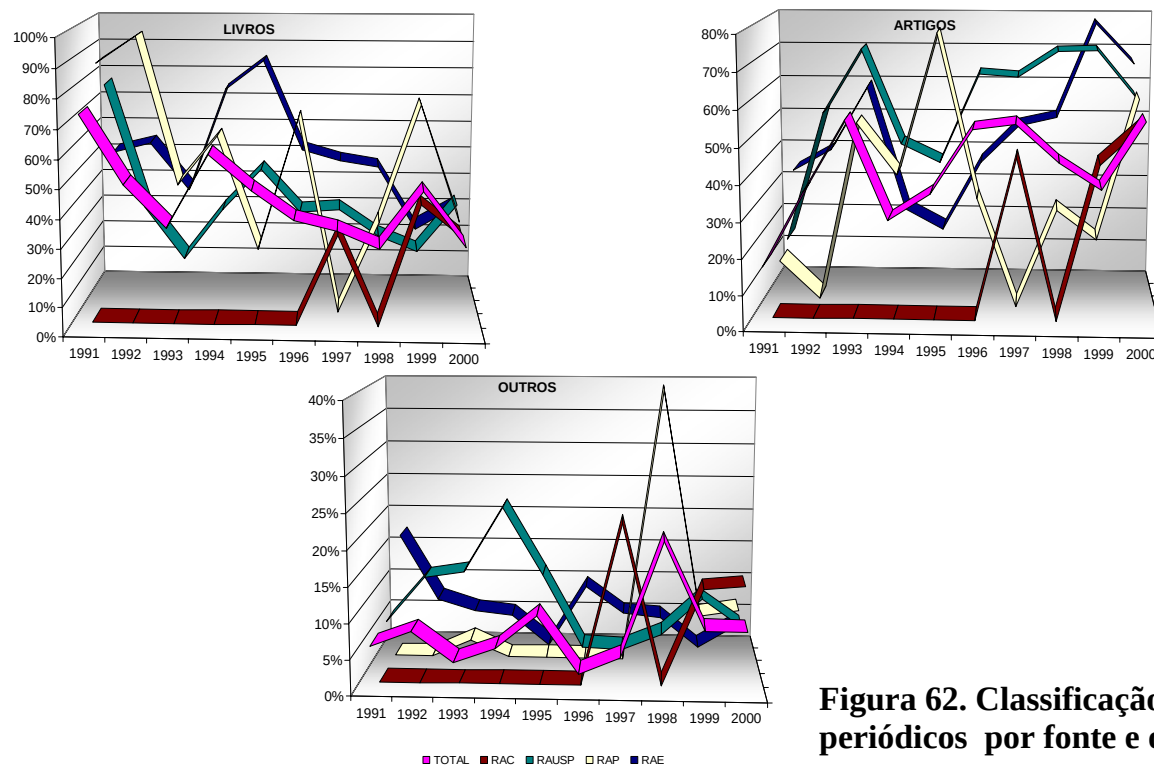
Figura 60. Evolução da média de citações por artigo por periódico

Figura 61. Evolução anual das citações a cada fonte por periódico**Figura 62. Classificação dos artigos referenciados nos periódicos por fonte e origem**

Artigos	Nacional		Internacional		Total	
	N	%	N	%	N	%
PERIÓDICO	102	32%	280	41%	382	38%
OUTROS	125	40%	222	33%	347	35%
LIVRO	66	21%	167	24%	233	23%
CONGRESSO	22	7%	13	2%	35	4%
Total geral	315	32%	682	68%	997	100%

Figura 63. Evolução anual dos tipos de artigos utilizados nas referências

<i>Tipos de Artigos</i>	<i>CONGRESSO</i>		<i>LIVRO</i>		<i>OUTROS</i>		<i>PERIÓDICO</i>		<i>Total</i>	
	N	% do ano	N	% do ano	N	% do ano	N	% do ano	N	% do total
1991	1	6%	3	17%	10	56%	4	22%	18	2%
1992	6	6%	21	22%	39	40%	31	32%	97	10%
1993	0	0%	19	20%	34	36%	41	44%	94	9%
1994	1	2%	24	44%	23	43%	6	11%	54	5%
1995	3	5%	15	25%	20	33%	22	37%	60	6%
1996	6	4%	51	33%	40	26%	59	38%	156	16%
1997	3	3%	26	22%	55	47%	33	28%	117	12%
1998	3	2%	19	16%	40	33%	59	49%	121	12%
1999	1	1%	10	14%	25	34%	38	51%	74	7%
2000	11	5%	45	22%	61	30%	89	43%	206	21%
Total	35	4%	233	23%	347	35%	382	38%	997	100%

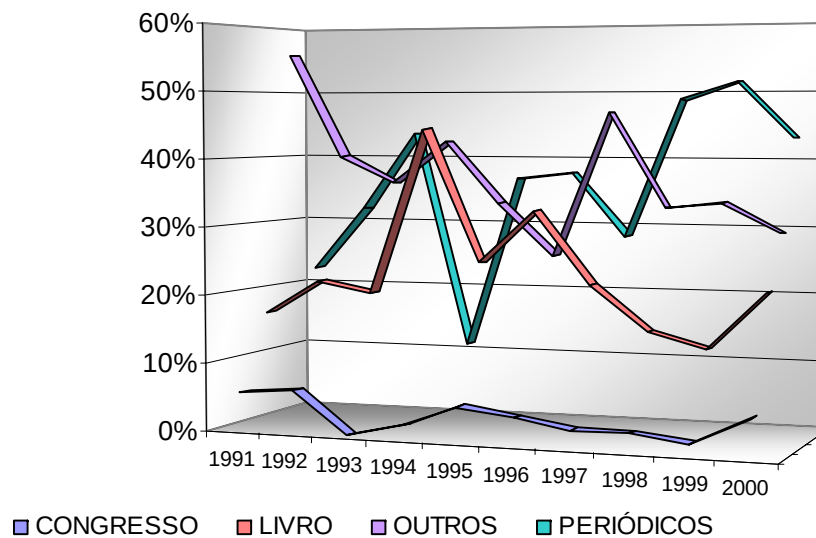
Figura 64. Evolução anual dos tipos de artigos utilizados nas referências

Figura 65. Evolução anual do tipo de artigo citado por periódico pesquisado

Tipos de Artigos	1991		1992		1993		1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
RAUSP																						
CONGRESSO	1	11%	3	4%		0%	1	7%	3	6%	6	5%	1	1%		0%		0%		0%	15	3%
LIVRO	1	11%	15	19%	2	40%	9	60%	14	28%	42	33%	19	24%	8	13%		0%	15	35%	125	25%
OUTROS	4	44%	34	43%	2	40%	4	27%	18	36%	23	18%	33	42%	19	30%	8	40%	10	23%	155	31%
PERIÓDICO	3	33%	27	34%	1	20%	1	7%	15	30%	58	45%	26	33%	37	58%	12	60%	18	42%	198	40%
Total geral	9	1,8%	79	16,0%	5	1,0%	15	3,0%	50	10,1%	129	26,2%	79	16,0%	64	13,0%	20	4,1%	43	8,7%	493	100%
RAC																						
CONGRESSO	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	1	10%	0	-	1	3%	6	7%	8	6%
LIVRO	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	2	20%	0	-	5	16%	14	17%	21	17%
OUTROS	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	4	40%	0	-	13	41%	29	35%	46	37%
PERIÓDICO	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	3	30%	0	-	13	41%	35	42%	51	40%
Total geral	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	10	7,9%	0	-	32	25,4%	84	66,7%	126	100%
RAP																						
CONGRESSO	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	-	3	9%	0	0%	2	5%	5	3%
LIVRO	1	33%	0	0%	10	48%	8	40%	0	0%	9	60%	0	-	5	14%	5	33%	13	33%	51	32%
OUTROS	2	67%		0%	9	43%	8	40%	1	14%	6	40%	0	-	15	43%	4	27%	8	20%	53	34%
PERIÓDICO	0	0%	1	100%	2	10%	4	20%	6	86%	0	0%	0	-	12	34%	6	40%	17	43%	48	31%
Total geral	3	1,9%	1	0,6%	21	13,4%	20	12,7%	7	4,5%	15	9,6%	0	-	35	22,3%	15	9,6%	40	25,5%	157	100%
RAE																						
CONGRESSO		0%	3	18%		0%		0%		0%		0%	1	4%		0%		0%	3	8%	7	3%
LIVRO	1	17%	6	35%	7	10%	7	37%	1	33%		0%	5	18%	6	27%		0%	3	8%	36	16%
OUTROS	4	67%	5	29%	23	34%	11	58%	1	33%	11	92%	18	64%	6	27%		0%	14	36%	93	42%
PERIÓDICO	1	17%	3	18%	38	56%	1	5%	1	33%	1	8%	4	14%	10	45%	7	100%	19	49%	85	38%
Total geral	6	2,7%	17	7,7%	68	30,8%	19	8,6%	3	1,4%	12	5,4%	28	12,7%	22	10,0%	7	3,2%	39	17,6%	221	100%
TOTAL																						
CONGRESSO	1	6%	6	6%	0	0%	1	2%	3	5%	6	4%	3	3%	3	2%	1	1%	11	5%	35	4%
LIVRO	3	17%	21	22%	19	20%	24	44%	15	25%	51	33%	26	22%	19	16%	10	14%	45	22%	233	23%
OUTROS	10	56%	39	40%	34	36%	23	43%	20	33%	40	26%	55	47%	40	33%	25	34%	61	30%	347	35%
PERIÓDICO	4	22%	31	32%	41	44%	6	11%	22	37%	59	38%	33	28%	59	49%	38	51%	89	43%	382	38%
Total geral	18	1,8%	97	9,7%	94	9,4%	54	5,4%	60	6,0%	156	15,6%	117	11,7%	121	12,1%	74	7,4%	206	20,7%	997	100%

Figura 66. Periódicos mais citados: geral, nacionais e internacionais

Periódicos Mais Citados	N	% de Periódicos	% de Artigos	% de Referências
RAE	53	13,87%	5,32%	2,49%
JOURNAL OF APPLIED PSYCHOLOGY	46	12,04%	4,61%	2,16%
RAUSP	30	7,85%	3,01%	1,41%
HUMAN RELATIONS	21	5,50%	2,11%	0,98%
HARVARD BUSINESS REVIEW	18	4,71%	1,81%	0,84%
ADMINISTRATIVE SCIENCE QUARTERLY	15	3,93%	1,50%	0,70%
JOURNAL OF MANAGEMENT STUDIES	15	3,93%	1,50%	0,70%
ANNUAL REVIEW OF PSYCHOLOGY	13	3,40%	1,30%	0,61%
RAP	12	3,14%	1,20%	0,56%
ACADEMY OF MANAGEMENT REVIEW	11	2,88%	1,10%	0,52%
PERSONNEL JOURNAL	10	2,62%	1,00%	0,47%
Total dos 10 mais citados	244	58,38%	22,37%	10%

Periódicos Internacionais Mais Citados	N	% de Periódicos	% de Artigos	% de Referências
JOURNAL OF APPLIED PSYCHOLOGY	46	12,04%	4,61%	2,16%
HUMAN RELATIONS	21	5,50%	2,11%	0,98%
HARVARD BUSINESS REVIEW	18	4,71%	1,81%	0,84%
ADMINISTRATIVE SCIENCE QUARTERLY	15	3,93%	1,50%	0,70%
JOURNAL OF MANAGEMENT STUDIES	15	3,93%	1,50%	0,70%
Total dos 5 mais citados	115	30,10%	11,53%	5,39%

Periódicos Nacionais Mais Citados	N	% de Periódicos	% de Artigos	% de Referências
RAE	53	13,87%	5,32%	2,49%
RAUSP	29	7,59%	2,91%	1,36%
RAP	12	3,14%	1,20%	0,56%
PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA	2	0,52%	0,20%	0,09%
RAC	1	0,26%	0,10%	0,05%
Total dos 5 mais citados	97	25,39%	9,73%	4,55%

Figura 67. Congressos mais citados nos periódicos

<i>Congressos Mais Citados</i>	<i>N</i>	<i>% de Congressos</i>	<i>% de Artigos</i>	<i>% de Referências</i>
ENANPAD	14	40,00%	1,40%	0,66%
CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM	4	11,43%	0,40%	0,19%
CONGRÈS DE L'ARGH	2	5,71%	0,20%	0,09%
Total	20	57,14%	2,01%	1%

Figura 68. Artigos de outras fontes: as fontes mais citadas

<i>Artigos de Outras Fontes Mais Citadas</i>	<i>N</i>	<i>% de Outros</i>	<i>% de Artigos</i>	<i>% de Referências</i>
REVISTA EXAME	18	5,29%	1,81%	0,84%
JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO	16	4,71%	1,60%	0,75%
INFORMATIVO PROVAR	8	2,35%	0,80%	0,38%
JORNAL GAZETA MERCANTIL	6	1,76%	0,60%	0,28%
Total	69	20,29%	6,92%	3,24%

Figura 69. Outros mais citados

<i>Outros Mais Citados</i>	<i>N</i>	<i>% de Outros</i>	<i>% de Referências</i>
TESE	33	16,67%	1,55%
DISSERTAÇÃO	30	15,15%	1,41%
LEI	18	9,09%	0,84%
Total	81	40,91%	3,80%

5. 5. Demografia de autoria

Considerando o total de publicações pesquisadas (RAE, RAUSP, RAC e RAP) os dez autores que mais publicaram foram os apresentados na Figura 70. Essa classificação evidentemente muda, quando se observa cada revista em particular. É interessante observar(Figura 71) que nos 3 periódicos em que havia mais de uma publicação por autor, o primeiro colocado em publicações na área por periódico é sempre um autor “da casa”, ou seja, os periódicos parecem preferir publicar artigos de autores de sua própria instituição, ou são estes que enviam artigos apenas para as revistas editadas pela sua própria “casa”, ao menos na área de RH, o que nos dá indícios de haver um certo grau de paroquialismo por parte dos editores dessas publicações. Novamente é preciso ressaltar que este estudo não é exaustivo nessa discussão uma vez que apenas aponta tendências relacionadas à área de RH; para que seja possível afirmar se essa preferência por artigos de autores da “casa” é geral para a área de Administração seria necessário realizar um novo estudo para todas as áreas de conhecimento por periódico. Assim, fica aqui a provocação para estudos futuros na área.

Em relação às instituições que mais publicaram nas revistas pesquisadas, a Figura 72 mostra a USP, como a instituição que mais publicou na área, evidenciando o peso desta instituição quanto à contribuição – ao menos em termos quantitativos – para a pesquisa em Recursos Humanos.

Quando observamos a presença de artigos provenientes dessas instituições em cada revista (Figura 73), podemos observar que: i) da mesma forma que acontece com os autores, cada revista publica, predominantemente, artigos de pesquisas provenientes de sua própria instituição; ii) a RAE é a revista que lidera a publicação de autores do exterior. Isto indica uma proporção preocupante de endogenia, o que *per se* justificaria um estudo aprofundado de autoria e citação para propiciar no campo um debate mais amplo e embasado desse fenômeno e de seus perigos para o desenvolvimento científico da área.

Em síntese, é possível destacar que a análise dos dados relativos às referências utilizadas nas revistas RAE, RAC, RAUSP e RAP mostra que:

1. Não há diferenças significativas entre o número de livros e artigos citados, quando se considera o conjunto das revistas, mas é possível encontrar pequenas diferenças, quando as revistas são analisadas em separado.
2. Há um aumento no crescimento da utilização de artigos como referência ao longo da década, quando se considera o conjunto de revistas; mas isso não acontece quando a contagem é feita em separado para cada revista. Isso pode ser justificado em parte pela entrada da RAC, que com seus novos padrões de seleção de artigos, acaba por alterar significativamente o quadro de referências encontrado até então.
3. Os artigos de livros e os livros são, em sua maioria, de origem internacional, o que indica a influência do estrangeiro como fonte de inspiração.
4. É possível perceber que todas as publicações apresentam um certo grau de paroquialismo que tende a ser perigoso para a área caso não se atente para o perigo

Figura 70. Autores de RH que mais publicaram em periódicos na década de 90

Autor	Artigos	% Total
FLEURY, MARIA	3,00	2,36%
ALBUQUERQUE, LINDOLFO	2,50	1,97%
TAMAYO, ÁLVARO	2,50	1,97%
ALENCAR, EUNICE	2,00	1,57%
BERGAMINI, CECILIA	2,00	1,57%
CARVALHO, MARIA	2,00	1,57%
CHANLAT, JEAN-FRANÇOIS	2,00	1,57%
FISCHER, ROSA	2,00	1,57%
PICCININI, VALMÍRIA	2,00	1,57%
LEONE, NILDA	2,00	1,57%
Total dos 10+	22,00	17,32%

Figura 71. Autores que mais publicaram em cada periódico

Autor	Artigos
RAUSP	
ALBUQUERQUE, LINDOLFO	2,5
FISCHER, ROSA	2,0
FLEURY, MARIA	2,0
PICCININI, VALMÍRIA	2,0
TAMAYO, ALVARO	2,0
RAC*	
RAP	
CARVALHO, MARIA	2,0
RAE	
BERGAMINI, CECILIA	2,0
CHANLAT, JEAN-FRANÇOIS	2,0
BOULIN, JEAN-YVES	1,5

Figura 72. Instituições que mais publicaram em RH (em periódicos) na década de 90

Instituições	Artigos	% Total
USP	20,17	15,88%
FGV-EAESP	16,17	12,73%
UNB	15,50	12,20%
EXTERIOR	14,33	11,29%
UFRGS	10,50	8,27%
FGV-EBAPE	9,20	7,24%
UFMG	6,00	4,72%
UFSC	4,67	3,67%
EMPRESA	4,42	3,48%
PUC-MG	3,00	2,36%
Total das 10+	103,95	81,85%

*a RAC, provavelmente em função de sua amostra reduzida em relação às demais, não apresentou nenhum autor com mais de uma publicação na área de RH no período analisado.

Figura 73. Instituições de origem dos autores por periódico

Instituições	Artigos	% Total Periódico
RAUSP		
USP	13,0	24,53%
UNB	8,5	16,04%
UFRGS	7,0	13,21%
FGV-EAESP	3,5	6,60%
EMPRESA	2,3	4,40%
EXTERIOR	2,0	3,77%
PUC-MG	2,0	3,77%
UFMG	2,0	3,77%
UFSC	2,0	3,77%
OUTRAS	10,7	20,13%
RAC		
UFSC	2,7	17,78%
UFRGS	2,5	16,67%
UFMG	2,0	13,33%
UNB	2,0	13,33%
OUTRAS	5,8	38,89%
RAP		
FGV-EBAPE	9,2	35,38%
UNB	3,3	12,82%
EMPRESA	1,8	7,05%
FGV-EAESP	1,5	5,77%
USP	1,5	5,77%
OUTRAS	8,1	31,28%
RAE		
EXTERIOR	10,8	33,85%
FGV-EAESP	10,8	33,85%
USP	3,7	11,46%
UNB	1,7	5,21%
OUTRAS	5,1	15,89%

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar, a partir dos dados obtidos sobre a publicação de artigos sobre Recursos Humanos nas Revistas (RAUSP, RAP, RAE e RAC), que a distribuição da produção nestas revistas não tem um padrão regular, isto é, a publicação é variável ao longo da década, ainda que seja possível perceber pelos dados obtidos que a RAUSP e a RAP são as revistas que mais publicaram artigos na área e que a RAC, apesar de mais recente, também apresenta uma publicação expressiva na área.

Com relação à temática que aparece na revistas é possível dizer que a maior parte refere-se, de acordo com a categorização feita, à Políticas e, em seguida, à Comportamento Organizacional. Trata-se de um resultado que está em consonância àquilo que foi encontrado também na produção do ENANPAD e reflete uma área fortemente ligada à Comportamento Humano.

Foi também possível observar que a base epistemológica da área é funcionalista, ainda que na RAC a distribuição seja mais eqüitativa entre artigos de base funcionalista (47%) e artigos de base interpretacionista (53%). Os trabalhos com abordagens mais críticas aparecem na RAE (24%) e na RAP (23%).

O perfil metodológico encontrado mostra uma distribuição eqüitativa entre trabalhos teóricos-empíricos (51%) e teóricos (49%). Entre os trabalhos teóricos-empíricos e os propriamente empíricos, entretanto, há um predomínio de abordagens qualitativas, com uso de casos descritivos ou ilustrativos, que não demonstram a possibilidade de construção de teoria. Além disso, há o predomínio do uso de caso único que também não contribui para essa construção.

Com relação aos trabalhos empíricos de natureza quantitativa, verificou-se que a maior parte deles são surveys, de natureza exploratória.

Já entre aos trabalhos de natureza apenas teórica, foi possível observar que a maior parte deles apenas apresenta teorias já existentes, sem qualquer construção de

conceitos e/ou novos *insights*; observa-se que 61% são trabalhos que revisam teoria; 37% apresentam conceitos e apenas 2% mostra alguma indicação de construção de teoria.

Com relação ao uso de referências bibliográficas, foi possível observar que há predominância no uso de referências estrangeiras, conforme já apontado por diversos outros estudos e, além disso, uma baixa citação de periódicos. Entre os congressos mais citados, deve-se destacar que é o ENANPAD.

Em relação à demografia de autoria, cabe observar que os autores que mais publicaram artigos em RH nos periódicos analisados foram, por ordem, os seguintes: Maria Tereza Fleury; Lindolfo Albuquerque; Álvaro Tamayo; Eunice Alencar; Cecília Bergamini; Maria Carvalho; Jean-François Chanlat; Rosa Fischer, Valmíria Picinini; Nilda Leone (considerando-se aqui os 10 primeiros).

A USP destacou-se como a instituição que mais publicou artigos em RH nas revistas, mas cabe aqui destacar que as revistas apresentaram também a tendência de publicar autores da sua própria instituição.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academy of Management Review - AMR. Special Issue on Theory Building. Vol.14, No. 4, 1989.

Administrative Science Quarterly – ASQ. Forum on Theory Building. Vol. 40 (Special Issue), 1995.

ALVESSON, M. e SKÖLDBERG, K. *Reflexive methodology: new vistas for qualitative research*. London: Sage Publications, 2000.

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.
- BERTERO, C. O e KEINERT, T. M. M. “A evolução da Análise Organizacional no Brasil (1961-93)”. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 34, n. 3, maio/junho, 1994. p.81-90.
- BERTERO, C.O., CALDAS, M. e WOOD, T. “Produção Científica em Administração de Empresas: Provocações, insinuações e contribuições para um debate local”. *Revista de Administração Contemporânea*, v.3, n.1, jan./abr.,1999. p.147-178.
- BIGNETTI, L. P. e PAIVA, E.L. Estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 21º, 1997, Rio das Pedras. *Anais...* Rio das Pedras: Anpad, 1997. Produção Industrial e Serviços.
- BOTELHO, Delane, MACERA, Andrea. Análise metateórica de teses e dissertações da área de marketing apresentadas na FGV-EAESP (1974-1999). In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25º, 2001, Campinas. *Anais...* Campinas: Anpad, 2001. Marketing.
- BURRELL, G., MORGAN, G., *Sociological paradigms and organisational analysis*, London: Heinemann, 1979.
- CARRIERI, A. P., LUZ, T. R. Paradigmas e Metodologias: Não existe pecado do lado de baixo do Equador In: XXII ENANPAD, 1998, Foz do Iguaçu. *Anais do XXII ENANPAD*. Rio de Janeiro: ANPAD, 1998.

CHANDY, P. R., WILLIAMS, T.G. The impact of Journals and authors on International Business Research: A citation analysis of JIBS articles. *Journal of International Business Studies*. v. 25, n.4, p. 715-728. 1994.

CRESWELL, J. *Qualitative Inquiry and research design: choosing among five traditions*. London: Sage Publications, 1998.

CRESWELL, J.W. *Research Design – qualitative, quantitative and mixed methods approaches*, 2nd ed, London: Sage, 2003.

DEVANA, M., FOMBRUN, C., TICHY, N. M. *Strategic Human Resource Management*. New York: John Wiley & Sons, 1984.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna. *Handbook of Qualitative Research*, London, Sage, 1994.

EISENHARDT, Kathleenn. “Building Theories from Case Study Research.”. *The Academy of Management Review*, v.14, n.4, outubro, 1989. p.532-550.

FLEURY, M. T., FISHER, R.M. Relações de Trabalho e Políticas de Gestão – uma História das Questões Atuais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 16^o, 1992, Canela. *Anais...*v.8, p.106-120. Canela: Anpad, 1992.

FRENCH, W. L. *The Personnel Management Process*. Boston, 5th ed., Houghton Mifflin, 1982.

HOPPEN, N., AUDY, J.L.N., ZANELA, A.I.C., CANDOTTI, C.T., SANTOS, A M., SCHEID, R. PERIN, M.G., MECCA, M.S. e PETRINI, M. Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS

DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 22º, 1998, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: Anpad, 1998. Administração da Informação.

LEGGE, K., *Human Resource Management – Rhetorics and Realities*, London: MacMillan, 1995.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L., CUNHA, Vera C., AMBONI, Nério. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 14º, 1990, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Anpad, 1990. Organizações. p.11-28.

MARTINS, G. “Abordagens metodológicas em pesquisas na área de Administração” *Revista de Administração*. São Paulo, v. 32, n.3, julho / setembro, 1997. p. 5-12.

MOHRMAN, Susan, GALBRAITH, Jay, LAWLER III, Edward. *Tomorrow’s Organization – crafting winning capabilities in a dynamic world*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

KEINERT, Tânia M. O que é administração pública no Brasil? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24º, 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Anpad, 2000. Marketing.

PERIN, Marcelo G., SAMPAIO, Cláudio H., FROEMMING, Lurdes M. S., LUCE, Fernando B. A pesquisa *survey* em artigos de marketing nos Enanpads da década de 90. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24º, 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Anpad, 2000.

ROESCH, S., ANTUNES, E. e SILVA, L.V. Tendências da pesquisa em Recursos Humanos e Organizações: uma análise das dissertações de mestrado In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS

DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 21º, 1997, Rio das Pedras. *Anais...* Rio das Pedras: Anpad, 1997.

SATO, Leny. "Processos Organizativos cotidianos e corriqueiros: a leitura da etnometodologia". *Psicologia e Sociedade*. São Paulo, v.13, n.1. jan/jun, 2001.p.129-151.

SIQUEIRA, Moema. O tema Recursos Humanos nas reuniões da ANPAD: trajetórias e perspectivas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 12º, 1988, Salvador. *Anais...* Salvador: Anpad, 1988.

STOREY, J. "Human Resource Management Today: an Assessment." In: STOREY, J. (Ed.) *Human Resource Management – A Critical Text*, 2nd ed. London: Thomson Learning, 2001.

STOREY, John. *New perspectives on Human Resource Management*. London, ITP, 1999.

VERGARA, Sylvia C., CARVALHO JR., Dourival de S. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 19º, 1995, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Anpad, 1995. Vol. 6. Organizações.

VERGARA, S., PINTO, M. C. S. "Nacionalidade das referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira." In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 1º, 2000, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2000.

VIEIRA, Francisco G. D. Por quem os sinos dobram? Uma análise da publicação científica na área de marketing do Enanpad. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

ADMINISTRAÇÃO, 22^o, 1998, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: Anpad, 1998. Marketing.

VIEIRA, Francisco G. D. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23^o, 1999, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: Anpad, 1999. Marketing.

VIEIRA, Francisco G. D. Panorama acadêmico-científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24^o, 2000, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro : Anpad, 2000. Marketing.

ULRICH, D., Human Resource of the Future: conclusions and observations, *Human Resource Management*. v.36, n. 1, p. 175-179, 1997.

ULRICH, D. *Os Campeões de Recursos Humanos*: inovando para obter os melhores resultados. São Paulo. Futura, 1998.

YIN, R. The abridged version of case study research IN: BICKMAN, L., ROG, Debra (ed), *Handbook of Applied Research Methods*. London: Sage, 1998.

PARTE III

COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS – ANAIS DO ENANPAD X PERIÓDICOS

Maria José Tonelli

Miguel Pinto Caldas

Beatriz Maria Braga Lacombe

Tatiana Tinoco

Este relatório resulta da comparação dos dados obtidos a partir da análise da produção de 127 publicados em periódicos (RAE, RAUSP, RAC, e RAP) e de 290 artigos publicados nos anais do Enanpad, para o período 1991 a 2000 discutidos nas seções I e II. Apresenta-se apenas uma comparação entre os resultados totais, assim não serão repetidos aqui nem os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados nem a revisão bibliográfica que embasou a pesquisa, uma vez que estes já foram cobertos nas seções anteriores. .

I. A PRODUÇÃO EM RH

Quando comparamos as bases de dados construídas (uma para publicações em periódicos outra para o Enanpad), no período analisado (1991 a 2000), a produção científica em administração cresceu significativamente: o aumento percentual foi de 106% (de 246 trabalhos em 1991 para 506 trabalhos em 2000), se considerado o número total de trabalhos para o período (Figura 74). Se vistos apenas os artigos em periódicos, o crescimento foi de 46,4% (causado principalmente – porém não

somente – pela inclusão da RAC no plantel de periódicos no meio do período); já no Enanpad, o aumento foi de 144,3%. Em ambos os casos o aumento foi gradativo ao longo da década, indicando um crescimento da academia nacional em Administração como um todo.

Quanto ao número de artigos da área de RH publicados nos periódicos e apresentados nos Enanpads observa-se um aumento significativo da produção em ambos os casos – 112% e 175%, respectivamente –, sendo, da mesma forma que ocorre com o total de artigos, esse aumento gradual ao longo da década (Figura 75), o que indica que a área segue a tendência da academia como um todo.

Em seguida, foi analisada a proporção entre os artigos em RH e a produção total dos periódicos e Enanpad. Os resultados são mostrados na Figura 76.

Pode-se observar que a proporção não sofre grande variação. Mais constante para o Enanpad, não registra variação grande para o total dos periódicos – de 7% a 17%. A pequena variação é surpreendente, uma vez que não parece haver políticas específicas que visem garantir igual participação entre as áreas da Administração. Esse dado revela, a princípio, que a área de RH vem acompanhando a dinâmica da própria Administração, crescendo junto com ela e sendo de certa forma responsável por parcela desse crescimento. No entanto, é preciso analisar que tipo de crescimento é esse que vem ocorrendo.

Figura 74. Evolução total da publicação acadêmica no Brasil na década de 90

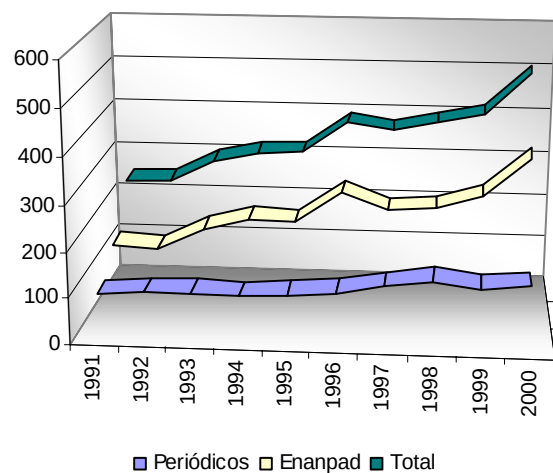


Figura 75. Evolução da produção acadêmica em RH na década de 90

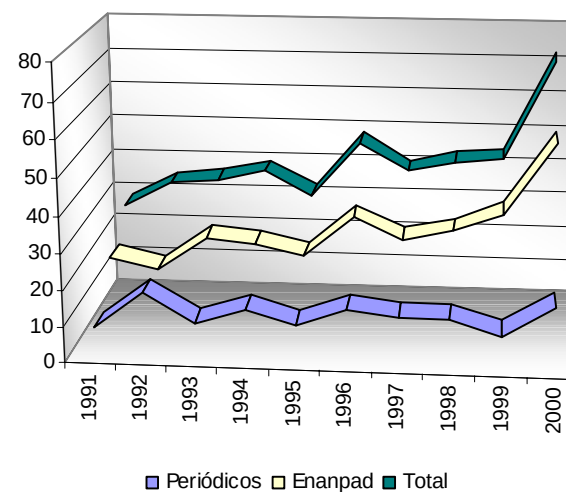
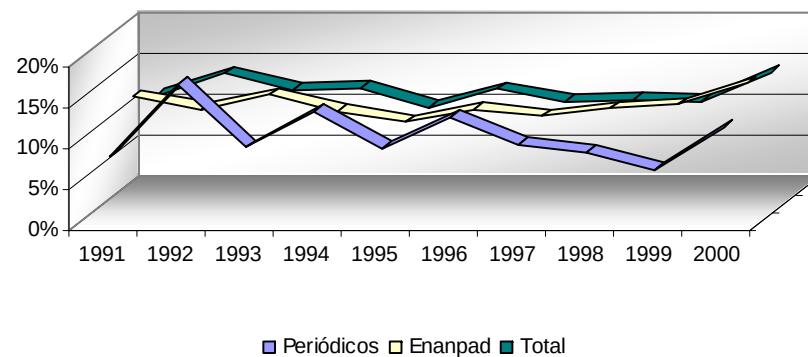


Figura 76. Participação de RH no total da produção nacional



II. A TEMÁTICA DA PRODUÇÃO

A análise temática dos artigos em toda a base combinada de Periódicos e dos Enanpads (Figura 77) evidencia que a maior parte dos trabalhos apresentados tratou do comportamento organizacional (40%), seguido de políticas da área (34%) e funções de RH (21%). É curioso observar que, no início do período, a área estava focada nas funções de RH (mais da metade dos trabalhos publicados em 1991), mas essa proporção decresce ao longo dos anos, cedendo espaço para políticas – que aparecem mais significativamente a partir de 1992, quando surgem os estudos teóricos sobre a “Administração Estratégica de RH” e os tipos de políticas e modelos que precisariam ser implementados – e para comportamento organizacional. O declínio da temática das funções pode ser explicado também pela crescente informatização e terceirização de RH nos últimos anos, o que gera um interesse maior por como implantar as políticas que dizem respeito às funções e menor pelas formas de operacionalizá-las.

Como discutido na Parte I, o resultado talvez mais preocupante para a área nesta dimensão de análise é a consolidação de comportamento organizacional como tema dominante. De fato, os trabalhos de comportamento organizacional têm um crescimento expressivo no decorrer do período, de 25% para 47% no ano de 2000.

A sub-distribuição temática (Figura 79) reflete o discurso hegemônico do período, que apregoava a promoção de grandes mudanças na gestão de pessoas para acompanhar as transformações das organizações em busca de competitividade (ULRICH, 1997), especialmente a partir de 1990. O maior interesse por temas relacionados às políticas de RH, bem como a ênfase em aspectos comportamentais, parece ressaltar a importância de se fazer essas mudanças e tratar dos problemas a elas associados.

Observa-se temas recorrentes como: em *Comportamento*, comprometimento, stress, motivação e a preocupação com as mudanças introduzidas na organização do

trabalho e com a satisfação no trabalho; em *Políticas*, investiga-se temas relacionados à busca por novos modelos de RH, necessidade derivada da introdução de mudanças na área; em *Outros*, encontra-se maior dispersão temática; e em *Funções*, pode se observar uma menor diversidade entre os artigos publicados nos periódicos. Os temas são semelhantes, o que parece mostrar que a área se voltou à busca de novas soluções durante a década, decorrência não apenas do contexto mundial de aceleração da globalização e dos meios de comunicação e transporte mas, e principalmente, em função da situação de mudança de cenário político-econômico que o país enfrentou.

Figura 77. Temática da produção nacional em RH

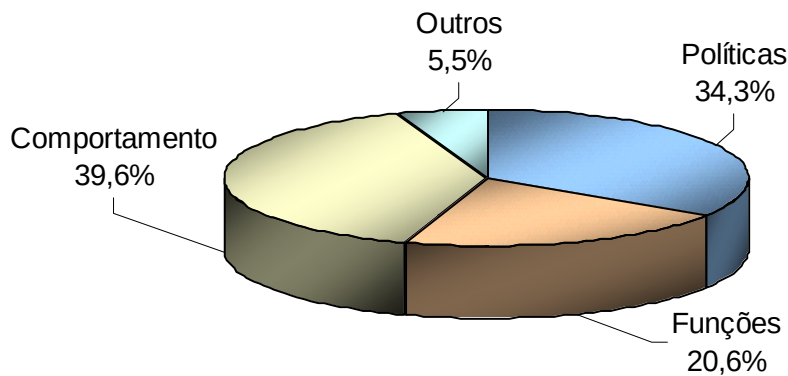


Figura 78. Evolução anual da temática abordada em RH

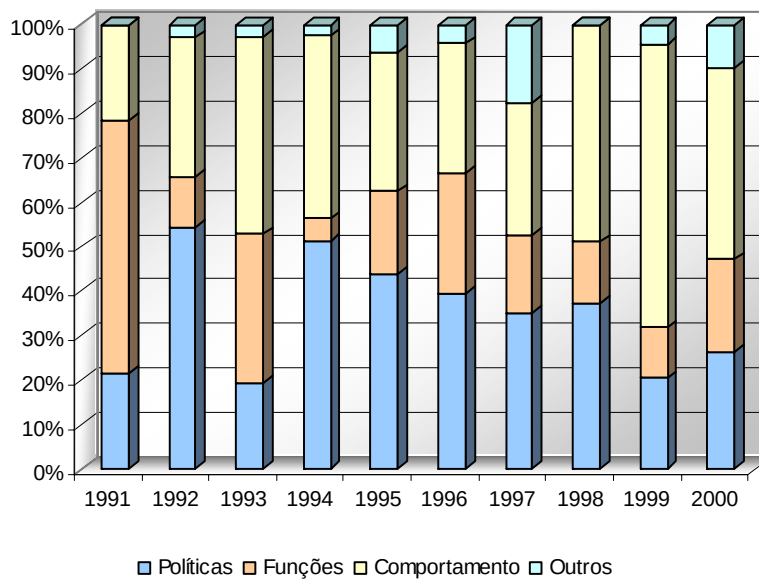


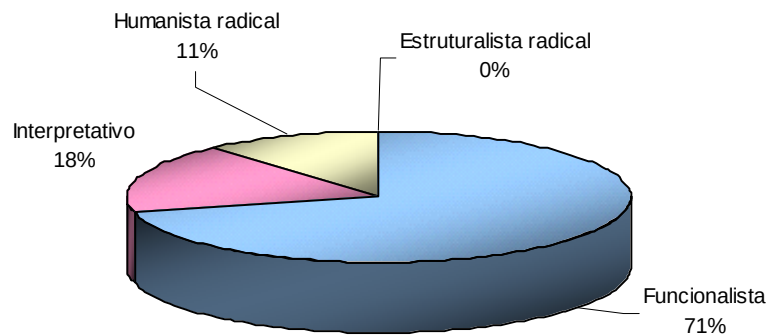
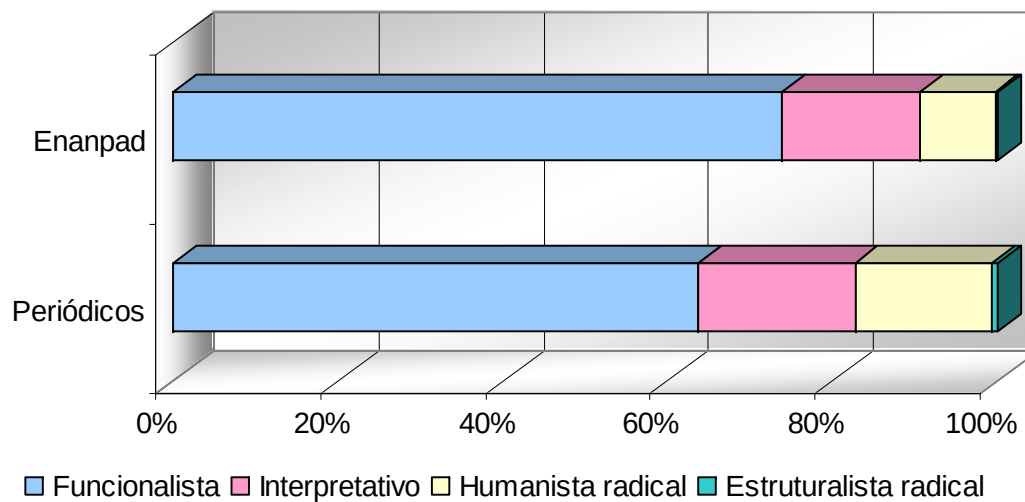
Figura 79. Sub-temas abordados na produção acadêmica em RH na década de 90

Comportamento	Funções	Políticas	Outros
Aprendizagem	Avaliação de desempenho	Aprendizagem	Cultura
Comportamento no treinamento	Cargos e Salários	Avaliação de desempenho	Empresa Familiar
Comprometimento	Carreira	Cultura	Formação do Administrador
Criatividade	Funções por competências	Diversidade Cultural	Gestão ambiental
Ética	Gestores	Estilos de Gestão	Pesquisa em RH
Gênero	Mudança nas Funções	Gestão Participativa	Política educacional
Motivação	Participação nos Lucros	Gestão por Competências	Qualificação dos administradores
Mudança na Forma de Organização do Trabalho	Qualificação	Modelos de RH	Sindicalismo
Organização do trabalho	Recrutamento e Seleção	Mudança em RH	Universidades Corporativas
Papel dos Dirigentes/Liderança	Remuneração	Mudança na organização do trabalho	
Perfil Gestores/Gestor RH	Treinamento	Políticas de remuneração	
Qualidade		Programas de Qualidade	
Relações de poder		Qualidade de Vida no Trabalho	
Satisfação no trabalho		Qualificação	
Saúde		Relações de trabalho	
Stress		Sucessão	
		Tempo de trabalho	

III – BASE EPISTEMOLÓGICA DA PRODUÇÃO

Os dados conjugados (produção em periódicos e Enanpads) revelam que a produção científica de Recursos Humanos no Brasil é essencialmente funcionalista (Figura 80). Esse tipo de predominância já foi encontrado nos balanços feitos em outras áreas (por exemplo: MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI, 1990, e VIEIRA, 1999), no entanto, se comparado a outras áreas ditas “menos exatas”, a hegemonia funcionalista em RH é ainda maior.

Quando se compara os dados dos artigos publicados nos periódicos, com os dos artigos apresentados no Enanpad (Figura 81), verifica-se uma maior dispersão entre os primeiros, ou seja, os artigos apresentados no Enanpad têm orientação mais marcadamente funcionalista, ao passo que há mais artigos publicados nos periódicos com orientação interpretacionista e humanista radical. Isso pode ser devido à diversidade existente nas linhas editoriais entre os periódicos, o que pode levar à maior – e mais saudável – diversidade dos tipos de artigos publicados. A predominância da base funcionalista para o Enanpad surpreende, no entanto, uma vez que se trata do mais importante evento na área acadêmica em Administração no país, e seria de se esperar uma maior variedade de abordagens de pesquisa.

Figura 80. Base Epistemológica da produção em RH no Brasil**Figura 81. Perfil da base epistemológica utilizada pelos artigos de RH por publicação**

IV. O PERFIL METODOLÓGICO DA PRODUÇÃO

Novamente, observa-se (Figura 82) diferenças quanto às abordagens mais utilizadas entre os artigos dos periódicos e os apresentados no Enanpad. Enquanto que a distribuição parece ser equitativa nos periódicos – 49% são teóricos e 51% são teórico-empíricos –, predominam no Enanpad os artigos teórico-empíricos – 81%. É evidente que essa diferença pode ser devida a diferentes critérios de seleção entre os periódicos e o Enanpad – fica clara a preferência por artigos teórico-empíricos para aprovação e apresentação no congresso – mas o fato é que isso pode estar comprometendo a diversidade da produção na área.

A classificação dos artigos teóricos (Figura 83) também mostra semelhanças: a maior parte faz apenas revisão ou sistematização de teoria – 61% dos artigos dos periódicos e 53% dos artigos do Enanpad; há, aparentemente, um maior esforço de construção de conceitos e teoria nos artigos do Enanpad, o que seria de se esperar, dada ser esta a função dos congressos acadêmicos – construção, apresentação e discussão de novas idéias, conceitos e teorias.

Já na classificação dos artigos teórico-empíricos e empíricos (Figura 84), a predominância de artigos que trazem pesquisas qualitativas, seja nos periódicos, seja no Enanpad, mostra uma tendência da área como um todo. Ainda que a existência do trabalho qualitativo seja desejável, é preocupante sua grande hegemonia na área, o que poderia indicar uma pequena preocupação na busca de confirmação de resultados ao longo do período, embora se observe, na evolução ano-a-ano, uma aparente tendência de queda na proporção dos trabalhos qualitativos e um aumento proporcional em artigos que adotam técnicas mistas. Vale ressaltar o crescimento – ainda que modesto – dos trabalhos qualitativo-quantitativos, especialmente nos periódicos, o que parece indicar uma busca por mais análises mais aprofundadas dos resultados de pesquisa obtidos.

Quanto à classificação dentre os artigos qualitativos (Figura 85), observa-se que os estudos de caso são, de longe, a técnica mais utilizada de pesquisa na produção em RH analisada, sendo as outras metodologias consistentemente menos utilizadas. A predominância dos estudos de caso pode ser devida (i) a necessidade percebida de se produzir trabalhos com pesquisa de campo para aprovação em congressos ou publicação nos periódicos (e, nesse caso, um estudo de caso pode ser uma forma de pesquisa mais simples) ou (ii) a preferência pura e simples por esta técnica de pesquisa. Isso pode, no entanto, estar gerando uma produção restrita – sem pretensão de criação de teoria ou de generalização – uma vez que os estudos de caso na amostra são, em sua maior parte, realizados em uma única organização (Figura 86), e têm como intento apenas ilustrar ou descrever uma intervenção, situação ou evento, em vez de construir individualmente teoria ou novo conhecimento ao campo. Observa-se maior número de artigos que fazem estudos de caso único no Enanpad, o que pode indicar um maior rigor nos critérios de seleção dos periódicos, já que, como apontado anteriormente, os casos múltiplos, em geral, são capazes de trazer contribuição mais relevante à área como um todo.

Quanto aos trabalhos quantitativos, os *surveys* constituem maioria em toda a produção da área (Figura 87).

Nos trabalhos qualitativo-quantitativos, as duas tendências observadas acima se mantêm – utiliza-se estudos de caso de amostra única e meramente ilustrativos e descritivos para a parte qualitativa, e *surveys* para a parte quantitativa da pesquisa (Figura 88).

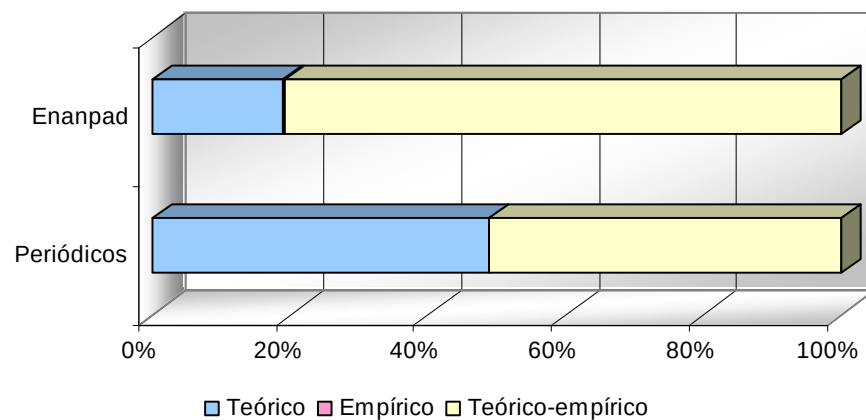
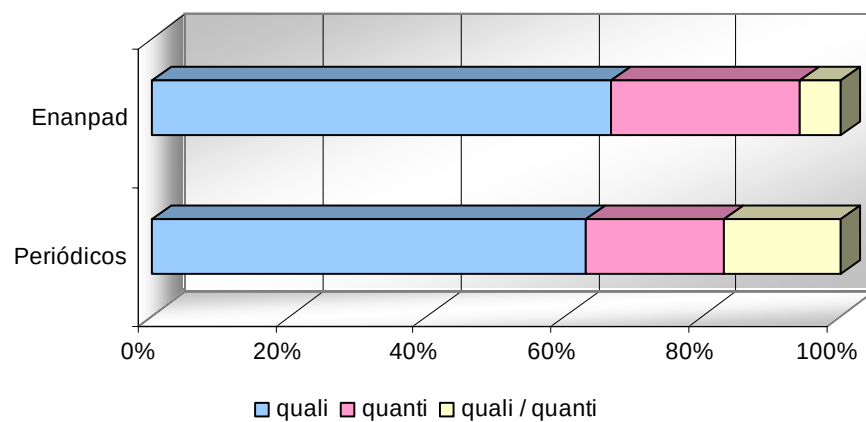
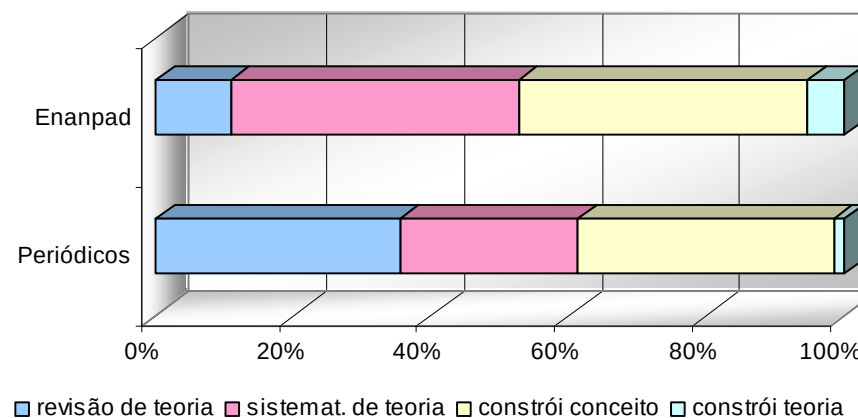
Figura 82. Perfil metodológico utilizado por publicação**Figura 84. Classificação dos artigos empíricos e teórico-empíricos****Figura 83. Classificação dos trabalhos teóricos**

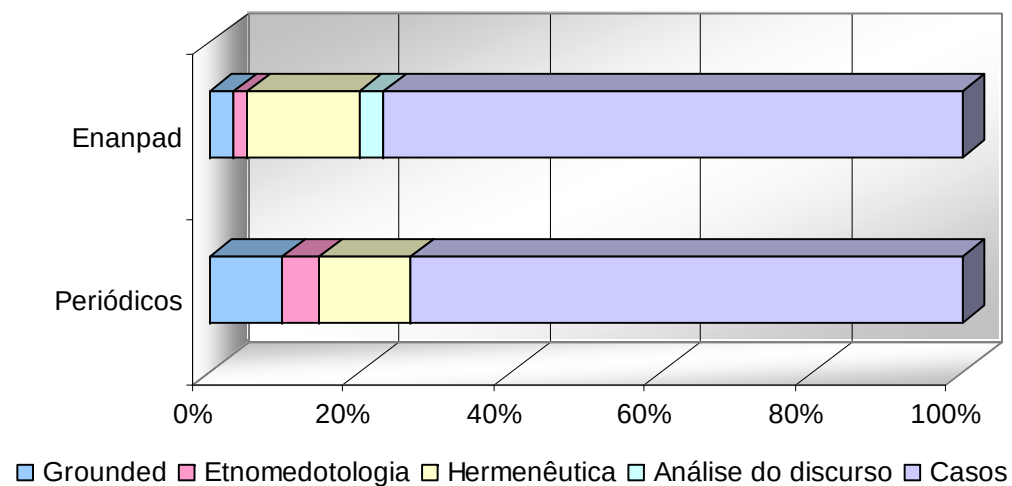
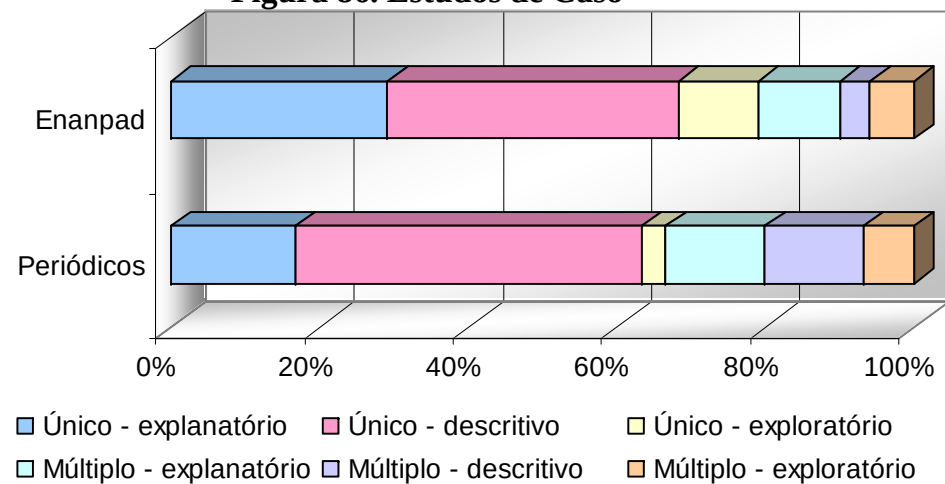
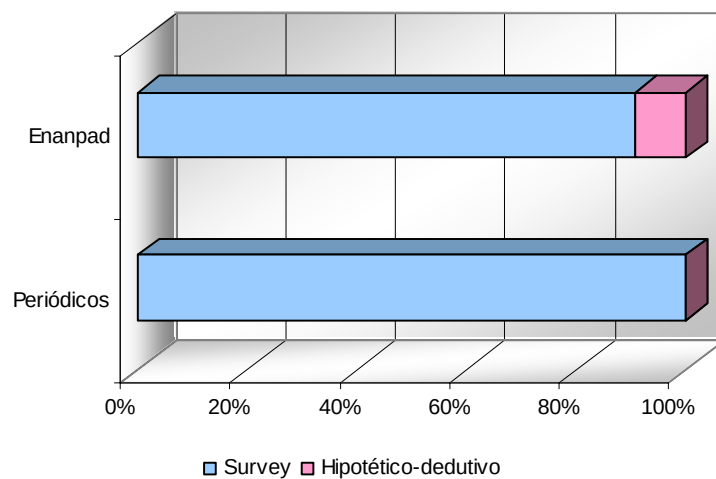
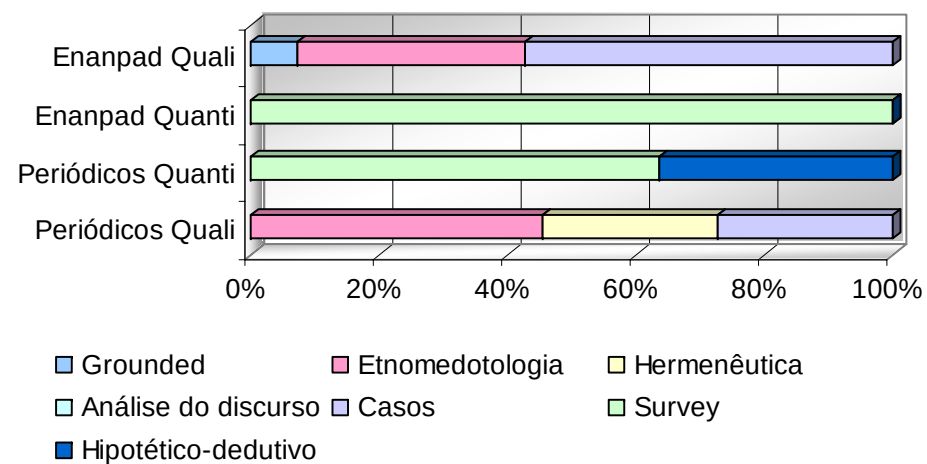
Figura 85. Classificação dos artigos qualitativos**Figura 86. Estudos de Caso**

Figura 87. Classificação dos artigos quantitativos**Figura 88. Classificação dos artigos mistos (quali/ quanti)**

V. ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS

Os tipos de citações presentes nos periódicos e nos anais do Enanpad são similares: artigos e livros quase se equilibram e a classificação *outros* (teses, documentos etc) aparece em menor número quando comparada a livros e artigos (Figura 89).

Com relação ao tipo de referência, podemos verificar uma diferença acentuada entre Enanpad e periódicos. O número de referências internacionais usadas nos periódicos (66%) é maior do que o número de referências internacionais dos trabalhos do Enanpad (58%). Assim, percebemos que a preferência por referências internacionais, apesar das diferenças entre os veículos de publicação – se dá em toda a produção nacional de RH, o que tanto pode indicar uma percepção – por parte dos autores – de carência de referências nacionais de qualidade, quanto (o que é nossa opinião) uma falta de comunicação mais intensa e efetiva entre os diversos programas e linhas de pesquisa nacionais que acabam recorrendo a fontes externas mesmo que haja produção nacional sobre o tema.

Em relação à origem dos artigos citados, nos trabalhos do Enanpad (Figura 90), a maioria é retirada de periódicos, seguida por artigos de livros, outros (dissertações, teses etc) e congressos. Nas revistas, esta tendência se mantém para artigos que são retirados de periódicos, 38%, mas se altera nas demais, já que a classificação outros (teses, dissertações etc) aparece em segundo lugar, seguido de livros e congressos (apenas 4%).

Quanto à nacionalidade, tanto os artigos citados no Enanpad quanto aqueles citados nos periódicos, há predominância de citações internacionais – 55,6% e 68,4% respectivamente.

É interessante observar que os periódicos nacionais mais citados são semelhantes tanto nos artigos do Enanpad como nos artigos das revistas (RAE, RAUSP, RAP e RAC) , com exceção apenas do 4º lugar (Figura 91). No entanto a concentração das

citações é bem distinta: enquanto no Enanpad os 5 periódicos nacionais mais citados representam 80% das citações, nos periódicos esse número é bem menor, 25%. Não existe razão evidente para essa diferença, além da esperada variação derivada da citação de textos de autores estrangeiros, que é mais freqüente em periódicos, especialmente na RAE.

Com relação aos periódicos internacionais mais citados, podemos verificar que há também uma semelhança muito grande em relação aos periódicos utilizados, à exceção da *Academy of Management Review*, mais citado no Enanpad, e do *Journal of Management Studies*, mais citado nos periódicos. Neste caso, diferentemente da utilização de periódicos nacionais, as concentrações de utilização são muito semelhantes: no Enanpad os 5 periódicos internacionais mais citados compreendem 4,85% do total das citações, enquanto nos periódicos esse número é de 5,39%.

Em relação aos artigos que são oriundos de congressos, é possível perceber (Figura 92) que, na maioria dos artigos seja nos anais do Enanpad seja das revistas, o Enanpad é o congresso mais citado. A citação de trabalhos oriundos da Reunião Anual de Psicologia, em número expressivo, pode estar ligada à forte influência da área de comportamento organizacional em RH.

Em relação a outros veículos mais citados (Figura 93), pode-se notar que a “*Revista Exame*” é o veículo mais citado. Entretanto, ainda que sua difusão seja grande, é evidente que não podemos considerar este veículo como periódico científico e de rigor, o que nos leva à hipótese de que muitos artigos da área estão inadequadamente mais próximos do senso comum, do gerencialismo sem maior rigor científico do que seria de se esperar, apontando gritante limitação na nossa produção acadêmica.

Em relação a artigos cujas fontes são dissertações, teses, leis, relatórios – classificados como “outros” neste relatório – podemos ver (Figura 94) que o número de dissertações e teses é elevado tanto nos artigos do Enanpad como nos artigos das Revistas.

Figura 89. Referências Bibliográficas

<i>Referências Bibliográficas</i>	<i>Nacionais</i>		<i>Internacionais</i>		<i>Total</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Enanpad						
ARTIGOS	1.201	49,3%	1.501	44,4%	2.702	46,5%
LIVRO	729	29,9%	1.797	53,2%	2.526	43,4%
OUTROS	506	20,8%	80	2,4%	586	10,1%
Total geral	2.436	41,9%	3.378	58,1%	5.814	100,0%
Periódicos						
Artigos	315	44,0%	682	48,3%	997	46,8%
Livros	241	33,7%	693	49,0%	934	43,9%
Outros	160	22,3%	38	2,7%	198	9,3%
Total	716	33,6%	1.413	66,4%	2.129	100,0%

Figura 90. Origem dos artigos citados

<i>Artigos</i>	<i>Nacionais</i>		<i>Internacionais</i>		<i>Total</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Enanpad						
LIVRO	191	15,9%	347	23,1%	538	19,9%
OUTROS	370	30,8%	152	10,1%	522	19,3%
PERIÓDICO	409	34,1%	959	63,9%	1.368	50,6%
CONGRESSO	231	19,2%	43	2,9%	274	10,1%
TOTAL	1.201	44,4%	1.501	55,6%	2.702	100,0%
Periódicos						
LIVRO	22	7,0%	13	1,9%	35	3,5%
OUTROS	66	21,0%	167	24,5%	233	23,4%
PERIÓDICO	125	39,7%	222	32,6%	347	34,8%
CONGRESSO	102	32,4%	280	41,1%	382	38,3%
TOTAL	315	31,6%	682	68,4%	997	100,0%

Figura 91. Periódicos mais citados

ENANPAD					PERIÓDICOS				
<i>Periódicos Nacionais Mais Citados</i>	<i>N</i>	<i>% de Periódicos</i>	<i>% de Artigos de Referência</i>		<i>Periódicos Nacionais Mais Citados</i>	<i>N</i>	<i>% de Periódicos</i>	<i>% de Artigos</i>	<i>% de Referências</i>
RAE	173	42,30%	12,65%	2,98%	RAE	53	13,87%	5,32%	2,49%
RAUSP	100	24,45%	7,31%	1,72%	RAUSP	29	7,59%	2,91%	1,36%
RAP	34	8,31%	2,49%	0,58%	RAP	12	3,14%	1,20%	0,56%
TENDÊNCIAS DO TRABALHO	12	2,93%	0,88%	0,21%	PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA	2	0,52%	0,20%	0,09%
RAC	8	1,96%	0,58%	0,14%	RAC	1	0,26%	0,10%	0,05%
Total dos 5 mais citados	327	79,95%	23,90%	5,62%	Total dos 5 mais citados	97	25,39%	9,73%	4,55%
<i>Periódicos Internacionais Mais Citados</i>	<i>N</i>	<i>% de Periódicos</i>	<i>% de Artigos de Referência</i>		<i>Periódicos Internacionais Mais Citados</i>	<i>N</i>	<i>% de Periódicos</i>	<i>% de Artigos</i>	<i>% de Referências</i>
JOURNAL OF APPLIED PSYCHOLOGY	87	9,07%	6,36%	1,50%	JOURNAL OF APPLIED PSYCHOLOGY	46	12,04%	4,61%	2,16%
HARVARD BUSINESS REVIEW	63	6,57%	4,61%	1,08%	HUMAN RELATIONS	21	5,50%	2,11%	0,98%
ADMINISTRATIVE SCIENCE QUARTERLY	49	5,11%	3,58%	0,84%	HARVARD BUSINESS REVIEW	18	4,71%	1,81%	0,84%
ACADEMY OF MANAGEMENT REVIEW	45	4,69%	3,29%	0,77%	ADMINISTRATIVE SCIENCE QUARTERLY	15	3,93%	1,50%	0,70%
HUMAN RELATIONS	38	3,96%	2,78%	0,65%	JOURNAL OF MANAGEMENT STUDIES	15	3,93%	1,50%	0,70%
Total dos 5 mais citados	282	29,41%	20,61%	4,85%	Total dos 5 mais citados	115	30,10%	11,53%	5,39%

Figura 92. Congressos mais citados

ENANPAD					PERIÓDICOS				
Congressos Mais Citados	N	% Nacionais	% Periódicos	% Citações	Congressos Mais Citados	N	% de Congressos	% de Artigos	% de Referências
ANPAD	134	58,01%	9,79%	2,31%	ENANPAD	14	40,00%	1,40%	0,66%
REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA	23	9,96%	1,68%	0,40%	Congresso Brasileiro de Enfermagem	4	11,43%	0,40%	0,19%
					CONGRÈS DE L'ARGH	2	5,71%	0,20%	0,09%
	157	67,97%	11,47%	3%	Total	20	57,14%	2,01%	1%

Figura 93. Artigos de outros: fontes mais citadas

ENANPAD					PERIÓDICOS				
Artigos de Outras Fontes	N	% de Outros	% de Artigos	Referências	Artigos de Outras Fontes	N	% de Outros	% de Artigos	% de Referências
REVISTA EXAME	55	10,52%	4,02%	0,95%	REVISTA EXAME	18	5,29%	1,81%	0,84%
FOLHA DE SÃO PAULO	22	4,21%	1,61%	0,38%	FOLHA DE SÃO PAULO	16	4,71%	1,60%	0,75%
SITE	20	3,82%	1,46%	0,34%	INFORMATIVO PROVAR	8	2,35%	0,80%	0,38%
JORNAL CORREIO DO POVO	15	2,87%	1,10%	0,26%	JORNAL GAZETA MERCANTIL	6	1,76%	0,60%	0,28%
HSM MANAGEMENT	14	2,68%	1,02%	0,24%					
GAZETA MERCANTIL	12	2,29%	0,88%	0,21%					
SÃO PAULO EM PERSPECTIVA	11	2,10%	0,80%	0,19%					
Total dos 7 mais citados	149	28,49%	10,88%	2,56%	Total dos 4 mais citados	69	20,29%	6,92%	3%

Figura 94. Outros mais citados

ENANPAD				PERIÓDICOS			
Outros Mais Citados	N	% de Outros	% de Referências	Outros Mais Citados	N	% de Outros	% de Referências
DISSERTAÇÃO	127	21,71%	2,18%	TESE	33	16,67%	1,55%
TESE	123	21,03%	2,12%	DISSERTAÇÃO	30	15,15%	1,41%
RELATÓRIO DE PESQUISA	68	11,62%	1,17%	LEI	18	9,09%	0,84%
Total	318	54,36%	5,47%	Total	81	40,91%	3,80%

VI. DEMOGRAFIA DE AUTORIA

Em relação à *demografia de autoria*, os dados combinados (Enanpads + periódicos) evidenciam uma produção extremamente restrita a poucas instituições e, no caso do Enanpad, a um punhado de pesquisadores, o que revela uma área de baixa diversidade e carente de uma maior inclusão temática, epistemológica, metodológica e de região de origem. Em função das diferenças que surgiram nesses dados entre os periódicos e o Enanpad, no entanto, fez-se necessário separar aqui a análise dos dois tipos de fontes nesta seção.

Quando somados os artigos de todos os periódicos (Figura 95), tem-se que a FEA-USP é a instituição que mais publicou no período, 15,88%; em seguida, contribui a FGV-EAESP com 12,73%, a UNB, com 12,2% e os autores internacionais, com 14,33%; Somados, os 10 programas que mais publicam respondem por 81,85% de toda a publicação dos periódicos, o que reforça a idéia de concentração em apenas algumas instituições de ensino brasileiras.

Algo nesses dados relativos à publicação nos periódicos salta aos olhos; parece claro que os periódicos publicam expressivamente os artigos dos professores das próprias instituições que os patrocinam. Na RAUSP, observa-se uma concentração de artigos provindos de três instituições: FEA-USP, UNB e UFRGS; na RAP, a FGV-RJ lidera a lista de autores, seguidos dos profissionais de empresas e da UNB. Na RAE, a maior parte dos artigos são de autores de instituições estrangeiras ou são artigos de professores da própria FGV-EAESP. A honrosa exceção é a RAC, que apresenta uma distribuição bastante pulverizada de instituições e autores, até em função de não ser uma revista associada a apenas uma instituição.

Quanto à produção veiculada no Enanpad, observa-se igualmente um elevado grau de concentração de instituições de origem, embora não sejam exatamente as mesmas. As 10 instituições que mais trabalhos apresentam na área de RH do congresso respondem por 76% do total dos trabalhos apresentados, as 7 principais

respondem por 65% da produção, e o que é mais inquietante, 50% de todos os trabalhos apresentados provem de apenas três programas – UFMG, FEA e UFRGS. É curioso notar que a instituição com maior contribuição no Enanpad – UFMG – não tem publicado de maneira tão expressiva nos periódicos, talvez pelo já mencionado problema dos periódicos darem preferência às publicações de suas próprias “casas”. No entanto, observa-se que no conjunto a UFMG é a instituição que mais produziu em RH na década de 90, com 19% da produção, seguida da FEA-USP com 14,4% e da UFRGS, com 10,7%. Somadas, as três instituições foram responsáveis por quase 45 % da produção acadêmica em RH, o que novamente comprova a idéia de concentração excessiva e preocupante da área.

Quando é analisada não apenas a instituição de origem, mas a autoria individualmente, a concentração também fica evidenciada, principalmente na produção veiculada no Enanpad, já no caso dos periódicos, embora haja concentração da instituição de origem, a análise detalhada revela que a contribuição individual oscila – saudavelmente – muito de ano para ano, não havendo constância (de autor) em termos do número de trabalhos publicados ou mesmo na proporção que representam do total para cada ano.

Já no Enanpad, os mesmos autores tenderam a consistentemente dominar a maior parte da produção no período. Os 16 autores com mais trabalhos apresentados têm 20,72% de toda a produção (Figura 96). Vale lembrar, no entanto, que 13 desses autores provêm de apenas 3 instituições – FEA-USP, UFMG e UFRGS – e que, além desses, outros autores (dessas mesmas instituições) também apresentam e publicam trabalhos, perfazendo 52% do total dos trabalhos somente desses 3 programas de pós-graduação.

Esses dados reforçam a idéia de que a produção da área está concentrada em apenas alguns pesquisadores de um punhado de programas, o que explica, em parte, a concentração em alguns tipos de linhas de pesquisa. Por sua vez, isso poderia ajudar a explicar o direcionamento da área para determinados temas e para uma restrita linha epistemológica e metodológica. Não se pode negar que, se de um lado, esses centros e autores vêm construindo a área e se tornando a referência da

produção acadêmica nacional, por outro, seria de se esperar que o desenvolvimento da área de RH como um todo se beneficiaria de uma produção que fosse mais representativa de todas as regiões do país e de diferentes matizes temáticas, epistemológicas e metodológicas. Em outras palavras, os dados da pesquisa revelam que, se a área quiser ter maior diversidade teórica e científica, é preciso primeiro aumentar a diversidade de origem da produção que aceita e veicula, bem como estimular a produção científica mais rigorosa e representativa de diferentes tradições epistemológicas e metodológicas.

Figura 95. Instituição de autoria

<i>Instituições</i>	<i>Enanpad</i>		<i>Revistas</i>		<i>Total</i>	
	<i>Artigos</i>	<i>% Total</i>	<i>Artigos</i>	<i>% Total</i>	<i>Artigos</i>	<i>% Total</i>
UFMG	73,67	25,40%	6,00	4,7%	79,67	19,1%
FEA-USP	41,00	14,14%	19,17	15,1%	60,17	14,4%
UFRGS	34,00	11,72%	10,50	8,3%	44,50	10,7%
FGV-EAESP	13,50	4,66%	16,17	12,7%	29,67	7,1%
UNB	8,50	2,93%	15,50	12,2%	24,00	5,8%
FGV-EBAPE	7,00	2,41%	9,20	7,2%	16,20	3,9%
EXTERIOR	1,00	0,34%	14,33	11,3%	15,33	3,7%
UFSC	12,25	4,22%	4,67	3,7%	16,92	4,1%
PUC-RJ	10,33	3,56%	1,50	1,2%	11,83	2,8%
UFBA	10,00	3,45%	1,00	0,8%	11,00	2,6%
Total	223,25	72,8%	98,03	77,2%	321,29	77,0%

Figura 96. Demografia de autoria

<i>Autor</i>	<i>Enanpad</i>		<i>Revistas</i>		<i>Total</i>	
	<i>Artigos</i>	<i>% Total</i>	<i>Artigos</i>	<i>% Total</i>	<i>Artigos</i>	<i>% Total</i>
Fleury, Maria Tereza – FEA/USP	6,33	2,2%	3,00	3,0%	9,33	2,2%
Melo, Marlene - UFMG	6,50	2,2%	1,00	0,8%	7,50	1,8%
Piccinini, Valmiria - UFRGS	5,08	1,8%	2,00	1,6%	7,08	1,7%
Albuquerque, Lindolfo - FEA/USP	3,00	1,0%	2,50	2,5%	5,50	1,3%
Barbosa, Allan – UFMG	4,50	1,6%	1,00	0,8%	5,50	1,3%
Eboli, Marisa - FEA/USP	4,00	1,4%	1,00	0,8%	5,00	1,2%
Caldas, Miguel – FGV- EAESP	3,50	1,2%	1,00	0,8%	4,50	1,1%
Tomei, Patrícia – PUC-RJ	2,83	1,0%	1,50	1,2%	4,33	1,0%
Marques, Antonio - UFMG	3,95	1,5%	0,33	0,3%	4,28	1,0%
Moraes, Lucio - UFMG	4,23	1,5%	0,00	0,0%	4,23	1,0%
Antunes, Elaine – UFRGS	3,67	1,3%	0,50	0,4%	4,17	1,0%
Fischer, Rosa - FEA/USP	2,00	0,7%	2,00	1,6%	4,00	1,0%
Bastos, Antonio – UFBA	2,00	0,7%	1,83	1,4%	3,83	0,9%
Siqueira, Moema – UFMG	3,83	1,3%	0,00	0,0%	3,83	0,9%
Garcia, Fernando - UFMG	3,50	1,2%	0,00	0,0%	3,50	0,8%
Lima, Maria - UFMG	2,50	0,9%	1,00	0,8%	3,50	0,8%
Total	60,08	20,7%	18,66	14,7%	78,74	18,9%

VII. CONCLUSÃO

Não há dúvidas de que o quadro apresentado nesta pesquisa é revelador, mas também preocupante. A pesquisa mostrou que a produção científica em RH na década de 1990, no Brasil, embora tenha aumentado significativamente em volume, guarda um perfil acadêmico de baixa consistência e qualidade: seu escopo temático é contestado pelo recente crescimento e autonomia do campo de *comportamento organizacional*; a área tem alicerce epistemológico eminentemente funcionalista; sua base metodológica é frágil, predominando estudos de caso tipicamente ilustrativos de teoria consolidada (ou seja, sem maior pretensão de indução ou criação de teoria); e, ainda há baixa diversidade de origem, tendo a maior parte da produção advindo de pouquíssimas instituições, autores e regiões.

O crescimento da produção em RH é louvável e significativo: 106% no período, com ligeiro aumento de representatividade em relação a outras áreas: de 11,4% em 1991 para 14,2% em 2000. Mas esse crescimento é também preocupante, por não ter sido acompanhando de um crescimento do rigor científico e da qualidade da produção. Esse tipo de inquietude com a consistência e qualidade da área e de nossa produção dá-se em todas as dimensões analisadas.

Por exemplo, do ponto de vista temático é preocupante, pois revela, na verdade, um conflito de fronteira: a produção sobre comportamento organizacional deve estar dentro de RH ou deve ser segregada? Com a separação da área de Comportamento Organizacional a partir do Enanpad de 2001, essa questão começa a ser resolvida de uma forma dramaticamente perigosa para área de RH, uma vez que a maior parte de sua produção (40%) no período esteve concentrada justamente nessa linha temática, que agora parece perder. Essa separação de parte tão importante do passado recente da área certamente será sentida, e enseja um urgente repensar da área, que terá de encontrar novos centros de preocupação, numa oportunidade de priorizar linhas de pesquisa em âmbito nacional, como outras áreas fizeram recentemente (exemplo da própria Psicologia Organizacional).

A baixa diversidade epistemológica, por sua vez, é preocupante pois ao escolher uma base eminentemente funcionalista, a área se alinha em escolha com a produção internacional do campo, mas não se posiciona como produtora e contribuinte de conhecimento e teoria de primeira linha no cenário mundial, restando-lhe apenas o papel de coadjuvante e reprodutor do que é produzido e pensado lá fora. Além disso, domesticamente, a baixa diversidade tampouco é salutar para resolver nossos problemas e ajudar a *práxis* organizacional local, um outro posicionamento possível – uma área com tantas contradições e complexidades precisaria, para ser útil, de grande diversidade e inclusão epistemológica, ontológica e de ampla representatividade regional; carecemos de todas essas dimensões de inclusão no período analisado nesta pesquisa.

A frágil base metodológica da área revelada na pesquisa é talvez a mais evidente e desconfortável de todas as constatações preocupantes observadas, o predomínio de estudos de caso apenas ilustrativos de teoria consolidada, isto é, sem maior pretensão de indução ou criação de teoria, ou ainda de estudos tipo *survey*, revelam uma contradição com a linha epistemológica escolhida pela área, e reforçam o ciclo pela falta de produção de conhecimento mais significativa e contributiva para a área em termos internacionais. Realmente, se a área pretende ter alguma significância, precisará superar sua histórica limitação em termos de desenho e pretensão metodológica.

Por fim, a baixíssima diversidade de origem é também muito preocupante porque não aponta tendências de superação dos problemas da área: quando mais de 65% da produção vem de apenas 7 programas de pós-graduação e 19% de somente 16 autores, reforça-se o ciclo vicioso que restringe a nossa produção científica conhecida àquelas linhas temáticas, às orientações epistemológicas, às limitações metodológicas e às perspectivas de mundo regionais, que tais poucos autores e instituições conseguem construir.

Em tempos do clamor pela inclusão social, pela inclusão digital etc., parece ser tempo da área pensar também em inclusão. De outros temas. De outras bases epistemológicas e metodológicas. De outras regiões e de outros pensadores. Não

em vez de, mas *além de*, aqueles que hoje para ela contribuem. Enfim, é tempo de RH pensar na inclusão de si própria, tanto no cenário de produção científica internacional, quanto no terreno de produção científica de alta qualidade, ou de grande aplicabilidade prática. Ou, quiçá, de ambas.

Para a representatividade, importância e prestígio que RH possui dentro do campo de Administração, sem dúvida o quadro apresentado por esta pesquisa não faz justiça ao espírito e às aspirações da área. Por outro lado, a pesquisa mostra importantes vetores de mudança e possibilidades de superação e aprimoramento. Acreditamos que, nesse sentido, o retrato que a pesquisa proporciona é preocupante e grave, sim, mas que sua contribuição é positiva: não existe crescimento se não há auto-consciência e percepção das nossas limitações e dificuldades. Assim, acreditamos que a área de RH precisa *urgentemente* engajar-se em um debate sério, abrangente e *inclusivo* sobre o que quer, como quer e até onde quer chegar.

O desafio é imenso, mas não é impossível, e certamente não maior do que a área.